

ESCRITORAS

do

BRAZIL

OBRA
REUNIDA

Maria do Carmo
de Mello Rego



SENADO FEDERAL



O volume XII da *Coleção Escritoras do Brasil* traz ao público três obras da década de 1890 da uruguaia radicada no Brasil Maria do Carmo de Mello Rego: *Guido: páginas de dor*, *Lembranças de Mato Grosso* e *Artefatos Indígenas de Mato Grosso*.

Guido: páginas de dor, publicado em 1895, é um relato autobiográfico profundamente singelo sobre a adoção, a convivência e a perda prematura de seu filho adotivo, o indígena bororo *Piududo* (rebatizado *Guido*). A obra explora temas de maternidade, amor, luto, deslocamento identitário e as contradições da relação entre o mundo não indígena e os povos originários. Visconde de Taunay, seu mentor e amigo, incentivou e prefaciou a obra.

Lembranças de Mato Grosso, de 1897, narra as incursões de Maria do Carmo pela província do Mato Grosso, desde sua chegada, descrevendo a região, sua história, sua geografia, seus costumes e a relação dos habitantes das novas cidades com indígenas de variadas etnias. O texto transcende o gênero autobiográfico-memorialista, caracterizando-se como um relato etno-literário.

A terceira obra, *Artefatos Indígenas de Mato Grosso*, publicada em 1899, aprofunda a relação de sua literatura com a etnologia, dando enorme contribuição à preservação cultural, com base nos artefatos que colecionou e descreveu e no relato dos costumes indígenas.

Seus textos trazem à tona um Mato Grosso hoje desconhecido, ressaltando a batalha de dominação de uma região por homens brancos em oposição aos povos indígenas que lá habitavam. Embora seja uma história narrada pelos olhos de uma mulher da elite da época, mostra a variedade de povos indígenas existentes na região, sua riqueza cultural e o combate que travaram por sua sobrevivência e pela permanência em suas terras.

Maria do Carmo de Mello Rego, escritora uruguaia do século XIX, foi uma figura singular, tendo sido protagonista de uma literatura autobiográfica e regionalista, uma vez que utilizou sua escrita para discorrer sobre questões coletivas, históricas e socioculturais (como gênero, maternidade e povos originários), demonstrando que a literatura tem um importante papel na imortalização da riqueza do Brasil colonial.

Nascida no Uruguai, na Estância do Lencho, em 1839 ou 1840, tornou-se viúva ainda jovem, casando-se novamente, em 1860, com um militar brasileiro, Francisco Raphael de Mello Rego (1823-1904). Residiram inicialmente no Rio de Janeiro e depois, em 1887, partiram para Cuiabá (Mato Grosso), para que Francisco assumisse a presidência da província. O casal adotou duas crianças: uma sobrinha de Maria do Carmo (Manuela) e um menino indígena da etnia bororo (Piududo, rebatizado Guido), falecido ainda jovem.

A veia científica de Maria do Carmo é revelada no Mato Grosso, onde atuou como uma antropóloga informal: apoiou expedições antropológicas (como a de Karl Von Den Steinen), colecionou artefatos indígenas da região e registrou situações que vivia ou presenciava, descrevendo um pedaço da história brasileira. Doou sua rica coleção de artefatos indígenas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, que, infelizmente, foi perdida no incêndio de 2018.

A escritora e seu marido retornaram ao Rio de Janeiro no final do século XIX, onde publicou os seus escritos. Já viúva, lá faleceu em 1909.



OBRA REUNIDA

~ MARIA DO CARMO DE MELLO REGO ~

Senado Federal

Mesa Diretora
Biênio 2025/2027

Senador Davi Alcolumbre
PRESIDENTE

Senador Eduardo Gomes
1º VICE-PRESIDENTE

Senador Humberto Costa
2º VICE-PRESIDENTE

Senadora Daniella Ribeiro
1ª SECRETÁRIA

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues
Senador Mecias de Jesus

Senador Confúcio Moura
2º SECRETÁRIO

Senadora Ana Paula Lobato
3ª SECRETÁRIA

Senador Laércio Oliveira
4º SECRETÁRIO

Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL

Danilo Augusto Barboza de Aguiar
SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues
PRESIDENTE

Secretaria de Edição e Publicações

Rafael André Vaz Chervenski
DIRETOR

Secretaria de Gestão de Informação e Documentação

Daliane Aparecida Silvério de Sousa
DIRETORA



Maria do Carmo de Mello Rego

OBRA REUNIDA

APRESENTAÇÃO

Maria Ester de Siqueira Rosin Sartori

NOTAS

Alessandra Marinho da Silva

André Luiz Lopes de Alcântara

Maria Helena de Almeida Freitas

Mônica Almeida Rizzo Soares

Brasília, 2025

SENADO FEDERAL



SUMÁRIO

Nota dos editores · 9

Apresentação · 13

GUIDO · PÁGINAS DE DOR · 24

LEMBRANÇAS DE MATO GROSSO · 56

Do Rio de Janeiro a Cuiabá · 61

Cuiabá · 77

A capital de Mato Grosso – sua feição física e moral
(Trechos de uma carta)

Rio Paraguai – Vila Maria · 89

Curupira · 107

Lenda cuiabana

Rosa a Bororó · 113

(Episódio verdadeiro)

Batismo dos Bororós · 119

(Excerto)

ARTEFATOS INDÍGENAS DE MATO GROSSO · 122

Bibliografia de Maria do Carmo Mello Rego · 147

Breve bibliografia sobre Maria do Carmo Mello Rego · 147

Fontes consultadas · 151

ES

RITO

RAS

do
BRA
SIL



Nota dos editores

Esta edição é uma coletânea de textos de Maria do Carmo de Mello Rego, uruguaia que adotou o Brasil como pátria após seu casamento com o militar brasileiro Francisco Rafael de Mello Rego. Sua produção intelectual conhecida foi publicada por editoras brasileiras, em língua portuguesa, em periódicos ou como obras únicas, no decorrer de década de 1890, o que ressalta a imersão da autora na cultura brasileira e a relevância de sua obra para a literatura do Brasil.

Em suas andanças pelo Mato Grosso, Maria do Carmo (d)escreveu pessoas, locais e fatos que vivenciou ou escutou. A presente edição reúne todos os escritos localizados, conjunto que são as marcas, sinais e traços da trajetória da escritora. Como esclarece Ester Sartori em sua apresentação a esta edição: “[...] é imprescindível mostrar o quanto Maria do Carmo se relacionava com os vestígios do passado [...]”. Seus textos trazem à tona um Mato Grosso hoje desconhecido, explicitando a batalha de dominação de uma região por homens brancos contra povos indígenas. Embora marquem a história narrada pelos olhos de uma mulher da elite de sua época, mostram a variedade de povos indígenas que lá habitavam, sua riqueza cultural e o combate que travaram por sua sobrevivência e pela permanência em suas terras.

Os textos estão ordenados conforme as datas de publicação. O primeiro é *Guido*, publicado em 1895; na sequência, *Lembranças de Mato Grosso*, de 1897, e, por fim, *Artefatos indígenas de Mato Grosso*, que saiu no periódico *Archivos do Museu Nacional* em 1899.

Para facilitar a leitura, a grafia dos nomes próprios em língua portuguesa foi atualizada. Os nomes próprios estrangeiros foram mantidos como se apresentam. As palavras e expressões em outros idiomas tiveram a grafia mantida conforme aparecem, acompanhadas por definições, quando foram encontradas. Foram incluídas notas com a tradução das frases em outros idiomas e locais geográficos. No restante, procurou-se manter a fidelidade ao texto original, limitando-se as modificações apenas à atualização ortográfica.

Na nomeação dos povos indígenas, Maria do Carmo utiliza variações dos nomes, como, por exemplo, *parecis* ou *paricis*. Decidiu-se manter os nomes dos povos como escreveu a autora, apresentando, em notas de rodapé, a grafia adotada na publicação online *Povos indígenas no Brasil*.

A pontuação foi adaptada, quando necessário, visando à fluidez do texto e à compreensão do leitor moderno. O texto original, assim como grande parte das obras do século xix e do início do século xx, foi produzido numa época em que eram outras as regras de normalização gramatical e padronização editorial, tornando necessária sua atualização para os padrões atuais.

É importante registrar que o texto contém marcas de época. A autora utiliza algumas expressões que, no uso atual, são reprováveis. Nesse contexto, pode-se mencionar termos como *silvícolas* e *selvagens* para se referir aos indígenas. Como esclarecem Aguiar, Oliveira e Nascimento (2022):

O termo “silvícola” é congênere ao de “índio”, “aborígene”, “selvagem”, “primitivo”, “bárbaro”. Ambos correspondem aos marcadores de ausência de civilidade que normatizam as culturas indígenas em um padrão homogêneo e estático. Logo, a identidade indígena, para ser validada, precisava caber no critério de primitividade.

Nesta publicação foram incluídas notas de rodapé explicativas e bibliográficas, por decisão editorial, visando facilitar a leitura. Destaca-se que Maria do Carmo adicionou, eventualmente, definições entre parênteses e notas de rodapé, que foram identificadas pela notação “(N. da A.)” – nota da autora. Nos casos em que houve complementação de nota da autora ou necessidade de nota explicativa, foi incluída a notação “(N. do E.)” – nota do editor – para diferenciar.

Entendendo-se que a leitura desta coletânea poderá ocorrer na ordem apresentada ou parcialmente, decidiu-se repetir as notas de rodapé em mais de um texto, quando necessário.

Todas as fontes de referência estão listadas na seção **FONTES CONSULTADAS**, ao fim desta publicação. Essas referências incluem, por vezes, fontes em línguas variadas, como a *Wikipédia*, a qual foi consultada em diversas línguas para garantir uma notação completa e de qualidade. Fontes usadas recorrentemente, como dicionários, enciclopédias e sítios de referência, foram citadas uma única vez, em vez de verbete por verbete, como indica a norma brasileira de referências (NBR 6023). As datas de acesso às fontes online utilizadas diversas vezes apontam apenas o período de utilização.

Apresentação

Maria do Carmo de Mello Rego: uma voz singular na literatura brasileira

No Brasil do século XIX, a presença e o protagonismo de mulheres escritoras em um universo hegemonicamente masculino, mesmo que frequentemente invisibilizadas ou subjugadas, revelam o quanto a literatura é um espaço dinâmico de construção de significados, em que quem lê ou escreve atribui novos sentidos às obras, garantindo-lhes relevância e a capacidade de permanecerem vivas na memória. No entanto, essa permanência nunca é neutra; ela reflete escolhas históricas, sociais e culturais que determinam o que será lembrado ou esquecido. Esse processo também estabelece um diálogo constante entre escritor e leitor, no qual o texto não se encerra no ato de sua escrita, mas se renova a cada leitura.

Por isso, é motivo de grande satisfação ver o nome de Maria do Carmo de Mello Rego ser lembrado e integrado a esse seletº grupo de mulheres escritoras celebradas na *Coleção Escritoras do Brasil*, lançada pela Biblioteca do Senado Federal. Mais do que uma coletânea literária, esta coleção consolida-se como referência de seriedade e compromisso com a preservação da história brasileira ao valorizar o protagonismo e a história das mulheres escritoras do século XIX.

Dito isso, apresento Maria do Carmo de Mello Rego.

Maria do Carmo nasceu em 1840, na Estância de Lencho (atualmente a província de Cerro Largo), no Uruguai. Viúva do tenente Manuel Amaro Barbosa de Alencastro, casou-se novamente com o general Francisco Raphael de Mello Rego, em 18 de outubro de 1860, no Jaguarão, Rio Grande do Sul.

Residiu no Rio de Janeiro até que seu marido foi nomeado presidente da província do Mato Grosso, em 1887. Ela e o coronel Francisco Raphael embarcaram no dia 16 de outubro de 1887 no vapor inglês *Trent*, com destino a Montevidéu pelo Rio da Prata. Chegaram a Cuiabá, então capital da antiga província do Mato Grosso, em novembro do mesmo ano.

Maria do Carmo firmou a identidade literária dela ao publicar seus escritos em nome próprio, resistindo à sobreposição das narrativas masculinas que prevaleciam sobre a expressão literária feminina — um gesto de afirmação em um contexto em que pseudônimos masculinos eram utilizados como estratégia.

Ela é uma escritora do Brasil, dos rincões do Mato Grosso.

Suas obras incluem *Lembranças de Matto Grosso* (1897), em que narra as viagens pelo Rio da Prata até Cuiabá e descreve a região e os costumes locais, e *Guido: páginas de dor* (1895), relato autobiográfico que fala sobre a adoção e a perda de seu filho adotivo indígena, chamado entre os bororós de Piududo¹ (Beija-flor). Obras como *Artefatos indígenas de Mato Grosso* (1899) e *Rosa Bororo* (1895) destacam-se, também, por contribuições à etnologia e preservação dos artefatos indígenas que colecionou durante as viagens pelo interior do Mato Grosso. Materiais riquíssimos, escritos pela lente de uma mulher que construiu narrativas que transcendem o gênero memorialístico.

As vivências desta mulher viajante, escritora, pesquisadora e colecionadora de artefatos indígenas ganham capítulo especial com os relatos sobre vida e a morte de Piududo.² A convivência com o filho e o afeto a ele oferecido marcaram profundamente a escrita de Maria

¹ Piududo recebeu, pelo batismo, o nome cristão de Guido. Esse nome intitula o livro que conta a sua história e mostra o quanto a alfabetização e o batismo foram as primeiras das muitas iniciativas de inserção dos povos originários no mundo dito “civilizado”.

² Ao que tudo indica, Piududo (Beija-flor) nasceu na comunidade bororo Coroados, localizada na cabeceira do Rio São Lourenço, no Mato Grosso, na encosta do morro do Chapéu de Sol. Maria do Carmo pediu ao cacique Boraíaga que enviasse a ela uma criança indígena órfã, mas com cabelos compridos. Ela o criou como filho.

do Carmo. Em 1889, ela retornou ao Rio de Janeiro, onde viveu até falecer, em 27 de outubro de 1909.³

Nas obras, Maria do Carmo nos conduz ao Brasil do cerrado, de suas gentes e peculiaridades. A história de Maria do Carmo não é só dela, é também das mulheres, das famílias ribeirinhas, dos povos originários, das crianças indígenas, de gênero, da maternidade, do amor e da violência que se entrelaçam neste tempo-espaco. Dessa forma, e com grande sensibilidade, ela apresenta ao leitor um universo repleto de tradições orais, paisagens vibrantes e histórias pessoais que enredam a vida humana e mazelas ao cotidiano de um território em formação. Em *Lembranças de Matto Grosso*, pela lente da autora,

[...] verdade é – não poucos defeitos de educação, mais inveterados talvez do que em outras zonas do Brazil – onde os ha tambem. Costumes bons e máos, como em toda a parte, mas sem nada de extraordinario que deva aguçar a severidade da critica [...].

É indescriptivel a paixão que em Cuyabá ha pela dansa. Longas distancias são vencidas, para se ir a um *baile*, nome dado a qualquer reunião dansante, por mais simples que seja. (Rego, 1897, p. 31-32.)

São relatos que suplantam a representação das belezas naturais do Mato Grosso e revelam o compromisso da autora com a preservação das riquezas culturais e com a história e os costumes desta região, transformando o Mato Grosso em um verdadeiro cartão de visitas literário, combinando a narrativa regionalista, característica do romantismo, ao subjetivismo. Assim, é inegável a capacidade da autora de capturar as sutilezas de uma região tão complexa e transformá-las em relatos intimistas, o que faz da escrita dela um documento vivo que articula presente e passado.

³ A notícia fúnebre informa que “Falleceu hontem, às 12 horas do dia, a exma. Sra. d. Maria do Carmo Mello Rego, viúva do general Francisco Raphael de Mello Rego” (Falecimentos, 1909, p. 3).

Contudo, a atuação de Maria do Carmo transcendeu a esfera literária; ela consolidou-se também como uma intelectual comprometida com a preservação da memória de seu tempo. Desempenhou um papel importante como uma espécie de “antropóloga inicial”, por acompanhar, apoiar e facilitar expedições antropológicas conduzidas pela equipe do naturalista Karl Von Den Steinen, incluindo incursões que fez pelo interior do Mato Grosso, de 1887 a 1888, além de recolher artefatos históricos, doando-os ao Museu Nacional.

A partir deste ponto, é imprescindível mostrar o quanto Maria do Carmo se relacionava com os vestígios do passado, na medida em que ela não só registrou seus achados em seus livros, mas o fez pela doação. “Fiz presente ao Musvêo da importante collecção de artefactos de indios que colleccionei e guardava para o meu filho, com a condição de lhe conservarem o nome no lugar onde ella fôr collocada.”⁴

Essa ação revela um compromisso profundo com a preservação do patrimônio cultural brasileiro. O incêndio do Museu Nacional em 2018, que consumiu grande parte do acervo histórico do país, levou consigo o acervo etnográfico que Maria do Carmo, com cuidado, havia colecionado. Ao mesmo tempo, lança luz sobre a importância de figuras como ela, que dedicaram as próprias vidas a resistir ao apagamento da História.

Nesse cenário, Maria do Carmo emerge como uma figura singular que, mesmo com toda resistência que acometia as escritoras no Brasil, especialmente no âmbito regionalista, constrói sua trajetória e obras imortalizando a riqueza de um Brasil interiorano e seminal, ao tempo que sublinha o papel da escrita e da preservação material como formas de resistência.

Por meio de uma narrativa literária que transcende o pessoal, Maria do Carmo alcança dimensões coletivas, históricas e socioculturais. Sua formação literária, profundamente influenciada por Alfredo Maria Adriano d’Escagnolle Taunay (1843-1899), Visconde de Taunay,

⁴ REGO, Maria do Carmo de. *Guido (paginas de dôr)*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895. p. 41.

um dos principais expoentes do romantismo regionalista,⁵ contribuiu para moldar sua sensibilidade e estilo.

Ao incentivar a escrita e as publicações de Maria do Carmo, Taunay atuou como um elo essencial entre o universo literário masculino, amplamente consolidado, e a presença de Maria do Carmo na literatura do final do século XIX. Além disso, Taunay tornou-se figura importante na vida dela, não apenas como mentor, mas também como o amigo e conselheiro com quem Maria do Carmo dividia seus sentimentos de dor pela perda do filho. Tanto que, em *Guido (páginas de dor)*, de 1895, Visconde de Taunay ilustra as primeiras páginas com os seguintes dizeres:

Para que palavras de recommendation a cousas singelas e pungentes? Como analysar, aliás, e encarecer sentimento tão profundo e tão bellamente expresso, no desalinho da dôr?

Aos que tiverem a felicidade de alcançar este precioso livrinho, destinado a bem limitado circulo, bastará dizer: “Lêde, lêde com os olhos d’alma, aberto o coração á ternura e á piedade.”

Duvido, que muitos acompanhem a cruel jornada sem uma lagrima quente de sympathia e compaixão. Duvido, sobretudo, que mães possam chegar ao fim sem longas paradas e soluços de bem sincera angustia, tenham, ou não, passado pelo tremendo transe que ahi fica para todo sempre contado, tal o cunho da verdade.⁶

Entre seus relatos mais marcantes, a história do filho indígena adotivo, Piududo, é exemplar. Encontrado em *Guido (páginas de dor)*, de 1895, este relato traz a adoção e morte da criança indígena e revela as contradições da complexa dinâmica de poder, dominação e

⁵ Esse movimento, marcado pela valorização da paisagem local, dos costumes regionais e dos temas emocionais, encontra eco em suas páginas, sobretudo na maneira íntima e pessoal com que aborda suas experiências.

⁶ TAUNAY, Visconde de. Apresentação. In: REGO, Maria do Carmo de Mello. *Guido (páginas de dor)*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

deslocamento identitário entre ela, uma mulher não indígena da elite do Mato Grosso, e o menino indígena bororo de 7 anos, com,

Coração de ouro! Limpidissimo, purissimo diamante que a mal-dade não poderia marear; gemma sem jaça arrancada ao torrão natal, do seio santo da terra, nossa Mãe a todos!

Ah! meu amado filho, por que te trouxe eu? Para me morreres aqui? Para morrer eu louca de dor? (Rego, 1895, p. 22).

Escrita sensível, que explora como essas questões afetam não apenas o indivíduo mas também os povos originários marginalizados. Esse tema dialoga, atualmente, com debates contemporâneos sobre o impacto da colonização nas culturas indígenas, frequentemente discutido na literatura antropológica e pós-colonial, o que torna os escritos de Maria do Carmo atuais e relevantes.

Este livro de memória confessional insere-se em um contexto literário maior e consegue atingir uma profundidade emocional singular. Afinal, a escrita de Maria do Carmo não se limita a registrar a experiência da maternidade adotiva, como também se constitui um espaço de reflexão sobre os efeitos do processo de adequação e ajustamento que permeia a realidade de grande parte dos povos originários da época.

Em Matto Grosso, um dia, sendo meu marido presidente da Província, trouxe o capitão Antonio José Duarte, pacificador da tribo dos Bororós, uma turma de indios para serem baptisados, e delles fomos padrinhos.

Vinham dous caciques, e dei-lhes os nomes de meu marido, Francisco e Raphael.

Fiz-lhes quantos agrados pude e presenteei-os largamente.⁷

⁷ REGO, 1895, p. 9.

Com descrições íntimas e detalhadas, a autora abre espaços para que possamos compreender a relação intensa entre ela e o filho adotivo indígena Piududo, que, guiado pelos valores aristocráticos de Maria do Carmo, é inserido no mundo não indígena por meio das letras e das artes. Piududo, agora Guido, refletiu nas pinturas um mundo sensível permeado pela descrição das paisagens naturais e de sentimentos intensos de compreensão e entendimento de si e do outro. Maria do Carmo incentivou, profundamente, a expressão artística dele. Para ela, Piududo “Era artista por intuição; havia de ser um genio.”⁸ E assim, a formação artística do filho teve como estilo o impressionista,⁹ bem aceito pelos intelectuais da época e que frequentavam a casa dela.

Zoladz (1990), no que se refere às pinturas e à expressão criadora de Piududo, indica a existência de uma espécie de padronização criativa que auxiliou a criança a conhecer técnicas de pintura.¹⁰ E Maria do Carmo registrou cada um destes momentos. “Pelo costume de vel-o sempre a rabiscar, prestei, certo dia, atenção ao que fazia [...]. Quando acabou, deu-me o papel: – Aqui está, minha mamãe, uma pescaria de bororós, que eu fiz para a minha mãe querida.”¹¹

Acometido por forte pneumonia, ele morreu aos 9 anos.¹² Esta passagem, registrada por Maria do Carmo, se torna uma metáfora para reflexões mais amplas no que diz respeito ao afeto e ao estranhamento do outro concebido como “primitivo”, portanto, prenhe de “civilidade”.

Faz hoje dois meses, que, ás duas horas da tarde do dia 26 de Janeiro, lá bem longe na fazenda de S. Paulo em Mendes, perdi o meu inolvidável Guido, o filho idolatrado da minh’alma, o

⁸ REGO, 1895, p. 18.

⁹ O Impressionismo surgiu na França na década de 1870 e chegou ao Brasil no final do século XIX, por meio de artistas que estudaram na Europa e do pintor alemão Georg Grimm, que lecionou na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro.

¹⁰ ZOLADZ, Rosza W. vel. *O Impressionismo de Guido: um menino índio bororo*. Rio de Janeiro: Santa Úrsula, 1990.

¹¹ REGO, 1895, p. 17.

¹² Seus cabelos permaneceram compridos até a morte.

indiosinho que herdaria o nosso nome, de cujo futuro eu tanto teria cuidado!¹³

Além disso, ao optar por um formato memorialístico, Maria do Carmo oferece uma visão íntima e crua de sua vivência, aproximando o leitor da sua dor e das complexidades do luto. Na tentativa de perpetuar a presença de Piududo em *Guido*, mesmo após sua morte, um esforço que alinha a obra ao Romantismo, com sua ênfase na emoção, na saudade e na idealização da experiência humana.

Ao reconstituir essas memórias autobiográficas, Maria do Carmo elabora um mosaico que combina o olhar saudosista com a análise das transformações sociais e culturais do Mato Grosso.

Outrossim, para tratar de alguns dos aspectos da escrita memoria-lística e autobiográfica de Maria do Carmo, em *Lembranças do Matto Grosso*, utilizei a perspectiva de Maclareen (2016). Esta autora propõe que os escritos autobiográficos são uma maneira do escritor de representar a si, mesmo que de forma restrita, uma vez que o sujeito escritor “[...] desempenha um papel na sua própria constituição” ao narrar sua história e explorar os múltiplos aspectos de sua identidade.¹⁴

Sob essa ótica, a obra de Maria do Carmo pode ser lida como um espaço no qual qualidades distintas de subjetivação são apresentadas. Assim, a autobiografia torna-se um exercício de construção de sentidos, tanto para a autora quanto para o leitor, sobretudo porque as memórias e as percepções pessoais dela sobre o Mato Grosso da época reiteram os discursos normativos e culturais que moldaram sua identidade como mulher, mãe e escritora.

Testemunha do seu tempo, a singularidade de Maria do Carmo reside, portanto, na maneira como sua obra combina as contradições territoriais, preservação histórica e profundidade literária. Ao explorar estas contradições em meio às belezas do Brasil, especialmente da Região Centro-Oeste, ela não apenas enriquece a literatura brasileira

¹³ REGO, 1895, p. 27.

¹⁴ MACLAREN, Margaret A. *Foucault, feminismo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016.

mas também desafia os leitores a refletirem sobre identidade, pertencimento e memória coletiva.

Estas questões aparecem registradas, de maneira contundente, por Maria do Carmo em *Rosa, a Bororo*, publicado na *Revista Brasileira*, em 1895.¹⁵ Nesse artigo, no que se refere aos processos de dominação e ocupação territorial, para Maria do Carmo, Rosa aceita com alegria a função de intérprete entre seu povo e as expedições ditas “pacificadoras”, “[...] e com os olhos brilhantes de esperança afirmou ao tenente Duarte, que lhe traria toda a gente do aldeamento onde nascera, onde crescera e de onde saira para ficar prisioneira dos brancos.”¹⁶ Para Rosa, sucumbindo “[...] nos braços do seu unico filho, de nome José, a quem nos momentos derradeiros fazia esta recomendação, tão impregnada de magua: – Nunca confies em brancos; estes só agradam quando precisam.”¹⁷

Sendo assim, as obras de Maria do Carmo não apenas contribuem para o panorama literário brasileiro do final do século XIX, mas também oferecem uma rica análise das dimensões autobiográficas e confessionais da escrita feminina. Guiada por Visconde de Taunay e ancorada no romantismo regionalista e indianista, sua literatura transcende o contexto regional, dialogando com questões universais.

Ao registrar a vida, permitiu-se narrar a si mesma e oferecer significados e sentidos aos momentos vividos por ela, no exato instante da escrita, sem renunciar à própria trajetória. Na literatura, ela encontrou uma forma de discorrer sobre si, transformando práticas pessoais em registros que dialogaram com questões muito mais amplas que envolveram todo o paradoxo da maternidade a partir da decisão de adotar uma criança indígena, de escrever, de publicar seus livros, de participar das aventuras, ao viajar pelos rincões mato-grossenses

¹⁵ REGO, Maria do Carmo. Rosa, a “Boróró” (episodio verdadeiro). *Revista Brasileira*, ano 1, t. 2, p. 193-196, abr.-jun. 1895.

¹⁶ REGO. Maria do Carmo de Mello. *Lembranças do Matto Grosso*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1897. p. 72.

¹⁷ MENDONÇA, Estevão de. *Datas Mato-Grossenses*. Nictheroi: Escola Typ. Salesiana, 1919. v. 2, p. 58-59.

com expedições científicas masculinas e de reconhecer o outro em si desafiando os limites impostos às mulheres de sua época.

Legou à literatura brasileira não apenas um relato da riqueza cultural e natural do Mato Grosso, mas um testemunho de resistência feminina na literatura, à medida que relata sua vida privada ao leitor, mediante uma escrita de si que põe em evidência os registros pessoais como fonte ativa e expressiva para as pesquisas históricas, em especial aquelas que buscam investigar a história das mulheres que ousaram viver e narrar sua história.

Sua obra, assim, permanece como um marco da literatura autobiográfica e regionalista, une intimamente a escrita e a identidade, a memória e a História, amplia os sentidos e significados oferecidos às realidades brasileiras e perpetuados na memória literária pela imaginação criadora que ela foi capaz de eternizar.

Maria Ester de Siqueira Rosin Sartori

Doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Bibliografia

FALLECIMENTOS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 3025, p. 3, 28 out. 1909. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_01/21248. Acesso em: 26 mar. 2025.

MACLAREN, Margaret A. *Foucault, feminismo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016.

MENDONÇA, Estevão de. *Datas Mato-Grossenses*. Nictheroi: Escola Typ. Salesiana, 1919. v. 2. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000011757&bbm/2579#page/380/mode/2up>. Acesso em: 2 abr. 2025.

REGO, Maria do Carmo de Mello. *Guido (paginas de dôr)*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

REGO, Maria do Carmo de Mello. *Lembranças do Matto Grosso*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1897.

REGO, Maria do Carmo de Mello. Rosa, a “Boróró” (episodio verdadeiro). *Revista Brazileira*, ano 1, tomo 2, p. 193-196, abr.-jun. 1895.

TAUNAY, Visconde de. Apresentação. In: REGO, Maria do Carmo de Mello. *Guido (paginas de dôr)*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

ZOLADZ, Rosza W. vel. *O impressionismo de Guido: um menino índio Bororo*. Rio de Janeiro: Univ. Santa Úrsula, 1990.

GU
D



PÁGINAS

de

DOR





Fotografia de Guido¹

¹ A imagem consta na p. [ii] da edição original da obra *Guido*, de Maria do Carmo de Mello Rego, sem referência ao fotógrafo. De acordo com Pedro e Bia Corrêa do Lago (2008, p. 131), a fotografia intitulada *Índio com roupa de marinheiro*, 1890, é de José Ferreira Guimarães. (N. do E.)

Para que palavras de recomendação a cousas singelas e pungentes?
Como analisar, aliás, e encarecer sentimento tão profundo e tão belamente expresso no desalinho da dor?

Aos que tiverem a felicidade de alcançar este precioso livrinho, destinado a bem limitado círculo, bastará dizer: “Lede, lede com os olhos d’alma, aberto o coração à ternura e à piedade.”

Duvido que muitos acompanhem a cruel jornada sem uma lágrima quente de simpatia e compaixão. Duvido, sobretudo, que mães possam chegar ao fim sem longas paradas e soluços de bem sincera angústia, tenham, ou não, passado pelo tremendo transe que aí fica para todo sempre contado, tal o cunho da verdade.

Guido, formoso Guido, encantador colibri² das selvas virgens de Mato Grosso,³ brilhaste um momento como irisada⁴ flecha de luz no seio da densa floresta e de repente te sumiste nas sombras da misteriosa e insondável escuridão!...

Visconde de Taunay⁵

2 de maio de 1894

² O mesmo que beija-flor; pássaro do continente americano (Houaiss, 2004, p. 424, 760).

³ À época, o Mato Grosso era uma província do Centro-Oeste brasileiro. Em 1977, o estado foi desmembrado em dois: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (IBGE, c2023).

⁴ Que tem as cores do arco-íris, matizado, fulta-cor (Ferreira, [1996], p. 968).

⁵ Alfredo D'Escragnolle Taunay, nascido no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843 e falecido em 25 de janeiro de 1899. Foi engenheiro militar e herói da Retirada da Laguna; escritor e romancista brasileiro; conhecido por sua participação na Guerra do Paraguai; deputado, senador e presidente da província de Santa Catarina; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; patrono da cadeira n. 22 da Academia Mato-Grossense de Letras (Mendonça, 1971, p. 154-155).

Servirá de desculpa?

Julgando-me morrer, tomei a resolução de enviar ao Sr. Visconde de Taunay a primeira parte destas páginas, sem pensar que seriam publicadas e somente pela certeza de que a sua alma boa e generosa deveras lamentara a morte do pequeno índio, que eu chorava.

Inscrevendo aqui o seu nome, cumpro um dever de gratidão, pois devo-lhe o consolo único que senti no meio de tanto sofrimento – o ter sabido falar-me de meu filho.

Maria do Carmo

Guido

(Páginas de dor)

Em Mato Grosso, um dia, sendo meu marido⁶ presidente da Província, trouxe o capitão Antonio José Duarte,⁷ pacificador da tribo dos Bororós,⁸ uma turma de índios para serem batizados, e deles fomos padrinhos.

Vinham dous caciques, e dei-lhes os nomes de meu marido, Francisco e Raphael.

Fiz-lhes quantos agrados pude e presenteei-os largamente.

Também se mostraram em extremo satisfeitos, dizendo, por intermédio do intérprete, que, uma vez de volta à aldeia, quando tivessem *quiari-gôdo* (saudades) de nós, tornariam a Cuiabá⁹ para jantarem conosco.

⁶ Francisco Rafael de Mello Rego (1823-1904). Militar e político pernambucano que atuou na Guerra do Paraguai, comandando diversas fronteiras no Rio Grande do Sul (Abranches, 1889, v. 1, p. 684-685). Foi deputado geral por Pernambuco entre 1861 e 1877 (Nogueira; Firmo, 1973, v. 1, p. 352-353), presidente da província de Mato Grosso, de 1887 a 1889 (Galvão, 1894, p. 82), e eleito deputado federal por Mato Grosso para a legislatura 1897-1899. Autor de *Rebellião Praieira: página de occasião* (1899). Casou-se com Maria do Carmo em 18 de outubro de 1860, em Jaguarão (RS) (Sartori, 2018, p. 36).

⁷ Antonio José Duarte (18--?-1898), militar, natural de Cuiabá (Mendonça, 1971, p. 61). “Respeitado pelo Governo Imperial, foi responsável [...] por várias campanhas e incursões pelo interior do território do Mato Grosso com o projeto de organizar aldeamentos e missões indígenas” (Sartori, 2018, p. 43). Conhecido como “pacificador” dos bororo-coroados, pacificação essa que incluía tirá-los de suas terras, batizá-los com nomes europeus, catequizá-los, impor-lhes a obediência, sequestrar crianças e mulheres e, não raro, torturar e matar os mais rebeldes (Sartori, 2018, *passim*).

⁸ Povo indígena que dominava um vasto território, incluindo regiões da Bolívia e dos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os bororós se autodenominam Boe, havendo outras autodenominações, são falantes da língua boe wadáru, língua isolada enquadrada no tronco linguístico macro-jê, além do português, e atualmente detêm seis terras indígenas demarcadas no estado do Mato Grosso (Serpa, 2024). Aqui a autora se refere aos bororo-coroados, habitantes das cabeceiras do Rio São Lourenço (MT). O termo “coroados” se originou do estilo de corte de cabelo usado por eles, raspado de forma circular no topo, lembrando uma coroa (Saint-Adolphe, 2014, p. 372).

⁹ Município do Mato Grosso, fundado em 1719, atual capital do estado (IBGE, c2023). Foi fundado por bandeirantes paulistas, após a descoberta de ouro nas margens do Rio Cuiabá.

Pobres afilhados tão mais velhos do que eu, ingênuos filhos das selvas, que sempre se lembravam de nós, enviando-nos provas e expressões de sincera amizade!

Pobres índios, dignos de melhor sorte, credores de mais extremos ou, quando menos, de mais simpatia por parte daqueles que se constituíram os seus tutores obrigados e tanto deles abusaram e os maltrataram!

A um desses caciques, chamado no idioma indígena *Boroiaga* e a quem coube o nome cristão de Raphael, pedi, já por intervenção do intérprete, já auxiliada por um vocabulariozinho que me fora oferecido pelo capitão Duarte, que, uma vez na aldeia, de lá me mandasse um indiozinho órfão de pais, mas com o cabelo comprido.

Eu o criaria como filho.

Respondeu-me que sim, porque me sabia boa e amiga dos *Bororós*.

Um mês depois, no dia 12 de junho de 1888, entregava-me o capitão Duarte um indiozinho, vestidinho com uma camisinha de chita e umas calcinhas azuis.

Tinha os cabelos compridos.

Era Piududo,¹⁰ o meu Piududo!

Mas o que ninguém pode imaginar foi o olhar com que ele me fitou, quando meu marido o conduziu a mim.

Que bonitos olhos os dele, de uma limpidez assombrosa e profunda e, naquele momento, com que expressão pousaram em mim!

Não... não é possível esquecer; descrevê-lo, sim, é-me impossível!

Mirou-me detidamente e, daí a uns dous meses, me disse que tinha tido receios que eu fosse uma *braide* (inimiga), mas que me quisera bem logo ao primeiro olhar.

Pensara a princípio que meus cabelos fossem pintados de branco. Então lhe viera um desejo ardente que eu fosse sua mãe, pois a outra lhe morrera quando muito pequenino.

Em 1727, tornou-se Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e, depois, a capital da capitania, em razão de sua importância estratégica e econômica. Após a independência, a cidade passou a ser, em 1825, a capital do Mato Grosso (Alves, 2022, p. 16-25).

¹⁰ Nome indígena de Guido Melo Rego, que significa beija-flor. (N. do E.)

Nem se lembrava mais das suas feições.
As índias que conhecia de cabelos brancos eram todas velhas e
tão feias!...

Pobre filho das imensas florestas a quem amo como ente idolatrado da minh'alma!

Nunca vira ninguém tão bonita como eu, afirmava-me ele de contínuo.

Foi o dia 29 de julho o escolhido para o batismo do pequeno índio, chamado na tribo *Piududo* (beija-flor) e que recebeu o de Guido, por ser um dos santos do dia em que chegou.¹¹

Não sabia uma palavra de português; mostrava ter 7 anos, pois começava a mudar os dentes.

Cuidava eu dele, banhava-o e muitas vezes me assentava ao chão a abaná-lo com uma ventarola, porque sentia muito calor, até vê-lo dormir.

Receosa que caísse de um sofá destinado para o seu leitozinho, deitava-o numa esteirinha fina e nova com lençóis de linho muito frescos.

Um dia, mostrou desejos de dormir no sofá; pus-lhe cadeiras na frente, mas não consentiu em tal anteparo e, com efeito, jamais caiu.

Quando eu acordava, e bem cedo sempre, já estava assentadinho à beira da minha cama, esperando que eu despertasse.

Recebida o meu primeiro olhar e com ele a expressão do meu coração, na carinhosa frase com que sempre o afagava – meu querido filhinho!

Quando começou a falar, perguntei-lhe como queria chamar-me, se mãe, se madrinha; respondeu-me rápido, sem vacilar, mamãe.

Era já meu filho aquela criança tão pura, tão meiga, tão sedutora!

Em poucos dias começou a manifestar-me a mais confiante estima e em breve tempo dava-me provas da maior dedicação.

Como citá-las?

Entre outras: estando eu a arrumar uma mala grande, a criada que segurava a tampa deixou-a involuntariamente cair sobre a minha

¹¹ Guido de Cortona (1187-1247), presbítero franciscano italiano, cuja celebração litúrgica ocorre em 12 de junho (Pratese, 1948, v. 6, p. 1291).

mão. Ouvindo depois a criada gritar, volto-me e vejo o menino todo irado, batendo nela com verdadeira impetuosidade.

Não acreditava que tivesse sido casual o fato e chegara a lançá-la por terra a fim de matá-la, por ter machucado a mão de sua mãe!

O índio é de natural vingativo, confesso; mas, naquela ocasião, o pobrezinho não tomava um desforço¹² pessoal, dava demonstração de dedicada amizade a quem tanto o acarinhava.

Quando já falava tudo, muitas vezes referindo-se àquele incidente, dizia-me: – Mamãe, quando me lembro que aquilo foi talvez de propósito, tenho pena de não tê-la matado!

Aconselhava-o; dizia-lhe tudo que devia dizer-lhe. – Ah! eu só hei de matar a quem fizer mal à minha mãe.

Aliás, sempre dócil, nunca o contrariei, conseguindo, por esse meio, não só conquistar-lhe toda a confiança, como obtendo dele o que não conseguiria pela violência ou por maneiras bruscas.

Tivemos de partir; ficou ele muito alegre e ufano,¹³ doudo de prazer por vir com a sua mamãe.

Perguntei-lhe se queria primeiro ir à aldeia com o Duarte; respondeu-me não, não, sem hesitar.

Nunca mais se separaria de sua mãe, dizia-me ele.

Ah! filho idolatrado! que horrível separação me mata hoje!

Se eu houvesse imaginado que ia trazer-te para me morreres, teria sido brutal para comigo mesma, ter-te-ia deixado lá – na tua terra natal!

Não; eu teria ficado contigo, meu amor imenso, lá viveríamos juntos!

Tu ainda serias meu hoje, ao passo que aqui, nesta cidade maldita, mataram-te e partiste para mundos desconhecidos!

Onde estarás, meu Guido, meu Piududo?

~

¹² Vingança, desagravo (Ferreira, 1975, p. 456).

¹³ Que se orgulha de algo; vaidoso (Ferreira, 1975, p. 1436).

Chegou o dia do embarque,¹⁴ e ele, correndo na frente com um filhinho do capitão Cícero de Sá,¹⁵ chegou ao porto, primeiro que ninguém.

Logo que embarcamos, encostado à amurada do vapor, perguntou-me baixinho: – Quem pode, minha mamãe, quem pode fazer isto andar em cima d’água?

– O homem – respondi-lhe.

Ao dia seguinte, dizia-me orgulhoso: – Mamãe, eu hei de fazer um barco maior que este.

Durante a viagem até Corumbá,¹⁶ via e examinava tudo nesse pequeno vapor que se chamava *Rio Verde*.

Em Cuiabá já gostava dos militares; em Corumbá afeiçoou-se-lhes muito pela impressão que lhe causou o recebimento feito ali a meu marido.

De bordo do vapor *D. Constança*, cujo dono nos obsequiou com inexcedível cavalheirismo, passamos para o *Ladário*, paquete¹⁷ novo e bonito que fazia a sua segunda viagem.

Ficou encantado pelo *Ladário* o meu pobre e amado filho e, aí como no *Rio Verde*, pôs-se a observar tudo com a maior atenção.

Passeando com ele em Montevidéu,¹⁸ vi muitas pessoas de diversas nacionalidades pararem surpresas e dizerem cousas lisonjeiras àquela bela e inteligente criança.

Gostava ele também de ver e admirar o que era novo ao seu espírito, mas só a mim transmitia as suas impressões de pasmo, e ninguém supunha que via muita cousa pela primeira vez.

Quando embarcamos no alteroso transatlântico *Congo*, ele, que tinha principiado no pequeno *Rio Verde* a esmerilhar e examinar tudo a bordo, ele, que, por sua vez, era em toda parte admirado e

¹⁴ A família retorna ao Rio de Janeiro em 1889, ao final do mandato de Mello Rego como presidente da província do Mato Grosso (Sartori, 2019, p. 54).

¹⁵ Não foram encontradas informações sobre essa pessoa em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

¹⁶ Município do Pantanal sul-mato-grossense, fundado em 1778 (IBGE, c2023).

¹⁷ Embarcação veloz a vapor (Ferreira, [1996], p. 1263).

¹⁸ Capital do Uruguai, fundada em 1724 (Wikipédia, 17 dez. 2024).

festejado, foi pelos amáveis e curiosos franceses apreciado com verdadeiro entusiasmo.

Impressionou-o fundamentalmente a baía do Rio de Janeiro.¹⁹

Calado, olhando tudo, disse-me muitas vezes: – Mamãe, é muito bonito, mas muito, tudo isto!

Ficou em extremo satisfeito ao chegarmos à casa, dizendo contente: – Minha mamãe, gosto mais da nossa casa do que do palácio de Cuiabá.

Comecei a ensinar-lhe as primeiras letras, e quando, depois de mais aclimado, entrou para o colégio das boas e carinhosas irmãs de S. Vicente de Paula, demorou-se pouco, algumas vezes por ligeiros resfriamentos acompanhados de febre, outras por não podermos estar longe um do outro.

Eram demais as saudades que eu sentia, e ele me dizia que chorava sempre de angústia pela mamãe.

– Até cobria a cabeça com o lençol para chorar, enquanto os outros meninos dormiam!

Tinha muito receio que eu morresse.

A atividade daquela criança era tal que, doente, de cama, estava sempre rodeado de lápis, papel e ferrinhos.

Fazia barquinhos de madeira, com toda a cordalha,²⁰ calabres,²¹ etc.

Pintava navios e assim passava dias inteiros, ora inventando máquinas, fabricando peças de artilharia, pistolas, etc., ora desenhando embarcações, figuras e paisagens.

Um dia que tinha saído com meu marido, ao chegar, foi correndo direto à mesa pintar.

Quis que mudasse primeiro a roupa que estava úmida: – Espere, minha mamãezinha – respondeu-me –, deixe-me retratar um barquinho que eu nunca tinha visto.

¹⁹ Trata-se da baía de Guanabara, no estado do Rio de Janeiro (Wikipédia, 25 fev. 2025).

²⁰ Conjunto de cordas; reunião dos cabos do aparelho dum navio (Ferreira, 1975, p. 385).

²¹ Amarra de cabo (Ferreira, 1975, p. 254).

Quando concluiu, meu marido me explicou que o impressionara a vista de uma falua²² que vinha chegando, quando passavam no bonde pela praia de S. Cristóvão.²³

Pelo costume devê-lo sempre a rabiscar, prestei, certo dia, atenção ao que fazia.

Disse-me que não olhasse, pois queria fazer-me uma surpresa.

Quando acabou, deu-me o papel: – Aqui está, minha mamãe, uma pescaria de *Bororós*, que eu fiz para a minha mãe querida.

Muitas pessoas têm visto e admirado esse desenho.

Tudo quanto aquela extraordinária criança fazia era causa de sincera surpresa às pessoas da nossa amizade.

Nunca vira, entretanto, pegar em um lápis, num pincel; nunca tivera uma lição de desenho.

Era artista por intuição; havia de ser um gênio. Olhando para o panorama de Victor Meirelles,²⁴ exclamou convicto: – Mamãe, eu hei de fazer um igual, acredita.

Era singularmente vivo, perspicaz e de uma compreensão assombrosa, facilíma.

Vencia todas as dificuldades, denotando a mais aguda inteligência.

Observava, retraía-se e no mesmo instante reproduzia o que tivesse visto, o que quisesse criar ou no seu entender aperfeiçoar.

É, na realidade, o índio de índole indolente; pois bem, esse menino, o meu filho tão amado, desconhecia a ociosidade.

Nunca teve brinquedos fúteis.

Todas as suas ocupações ou distrações tinham um fim.

O seu moral era a realização de todas as qualidades que tendem a fazer de uma criança um homem capaz de todas as virtudes.

Era o que eu esperava dele.

²² Antiga embarcação movida a remos ou à vela (Ferreira, [1996], p. 755).

²³ Antiga praia do município do Rio de Janeiro, aterrada durante a gestão do prefeito Francisco Pereira Passos (1836-1913), no início do século xx (Ricco, 2021; Wanderley, 2017).

²⁴ Victor Meirelles de Lima (1832-1903), pintor e professor catarinense. Destacou-se por obras como *Primeira Missa no Brasil*, *Batalha dos Guararapes*, *Passagem de Humaitá* e *Combate Naval do Riachuelo*, entre outras (Milhomem, 1972).

Foi sempre a minha firme convicção.

Como já disse, mostrara desde Cuiabá muita simpatia pelos militares e, desde lá, pelo que eu lhe contava, começou a amar e respeitar a pessoa do Imperador,²⁵ isto é, do *Paguemegêra* (Senhor).

Por batizado no dia 29 de julho, quis logo bem à princesa D. Isabel,²⁶ que mais tarde o acolheu com inolvidável carinho.

Quando se deu o 15 de Novembro,²⁷ ficou muito aflito e observou-me: – Minha mamãe, se os militares são tão bons e o Imperador é tão grande, por que fazem isso com ele?

Ah! meu filho, de quantas injustiças não se torna cúmplice a sorte?

Não sou um exemplo da crueldade do destino?...

Começando a ler a história do Brasil, fê-lo com o maior interesse e curiosidade, manifestando a cada momento o seu caráter e o fundo de justiça que o distingua.

Que criança extraordinária!

Pobrezinho do meu Guido...

Ao ler o morticínio do Bispo da Bahia e dos seus companheiros, exclamou: – Coitado! é porque os índios pensavam que era ele que os mandava matar.²⁸ Quem sabe se esses índios não eram companheiros dos Caiapós?²⁹ (Tribo que os *Bororós* mais temem.)

²⁵ D. Pedro II (1825-1891), batizado Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, foi o segundo e último imperador do Brasil, tendo governado de 1840 a 1889 (Vainfas, 2002, p. 198).

²⁶ Princesa Isabel (1846-1921), batizada Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança, filha de D. Pedro II e condessa D'Eu. Assumiu a regência em variadas oportunidades e foi responsável por assinar a abolição da escravatura no Brasil (Vainfas, 2002, p. 591).

²⁷ Data da Proclamação da República no Brasil, em 1889 (Bittencourt, 2007, p. 263).

²⁸ Não é possível precisar o fato histórico mencionado por Guido. Provavelmente se trate da morte do Bispo Sardinha (Pedro Fernandes Sardinha, 1496-1556), primeiro bispo do Brasil, que foi devorado por índios caetés na costa do atual estado de Alagoas, com cerca de 100 tripulantes do navio naufragado que seguia para Portugal, em 1556 (Sena, 2010).

²⁹ Nação de índios que habitava partes das capitâncias de Goiás, São Paulo e Minas Gerais (Saint-Adolphe, 2014, p. 179). Atualmente, os caiapós (ou Mẽbengôkre Kayapó) se autodenominam Mẽbengôkre, são falantes de língua pertencente à família linguística jê, do tronco macro-jê, e vivem principalmente na região central do Brasil, ao longo de afluentes do Rio Xingu, desde o Mato Grosso até o Pará (Verswijver; Gordon, 2024).

Na guerra dos holandeses³⁰ fez a seguinte reflexão: – Mas, se os portugueses descobriram o Brasil, como é que os tais outros queriam tomá-lo? Isso não podia ser.

Apreciando como ninguém as obras do homem, mostrava-se admirador da natureza, como verdadeiro artista que já era.

Contava-me tudo que tinha observado no mato e os costumes e festas dos seus, com muita poesia e naturalidade.

Tinha um irmão – *bare* (médico)³¹ – e outro, “bonito como ele”, dizia-me, chamado *Bororocada*; também uma irmãzinha, a quem eu havia de querer muito e que, se pudesse, mandaria buscar, para ser igualmente minha filha.

Quando estava doente, eram mais vivas as lembranças dos seus queridos bosques; mas, mesmo assim, só a eles voltaria se fosse comigo.

Três dias antes de morrer... Ah!... meu Deus!... prometeu-me: – Minha mamãezinha, quando eu melhorar hei de pintar cousas tão bonitas para mamãe!

“Estou me lembrando de umas vistas tão alegres lá da minha terra e que minha mãe vai achar tão lindas!”

Assim falava o meu idolatrado filhinho, olhando para as montanhas, longe, longe, enquanto eu lhe segurava a mãozinha, pequenina, tão mirrada e já fria.

A vida se lhe ia fugindo, essa vida a que estava presa a minha!...

Deus, como não morri?...

Um pintor, que esteve em nossa casa com um amigo nosso, admirou tanto os trabalhos do meu filho que exclamou: – Isto não se acredita! Este menino parece que fará o impossível!

³⁰ Incursões neerlandesas na costa do Nordeste brasileiro, entre 1624 e 1654, tendo chegado a conquistar Salvador, Olinda, São Luís e Recife, regiões produtoras de açúcar. As invasões iniciaram-se no reinado de Filipe II, da Espanha, quando Portugal e suas colônias estiveram sob o domínio da Coroa da Espanha, que proibiu o comércio com os neerlandeses. Depois da separação de Portugal e Espanha e após muitas batalhas e tréguas, os neerlandeses foram expulsos da costa brasileira pela união de colonos portugueses, brasileiros de nascença, indígenas e negros (Lima, 2012, p. 88-89).

³¹ Bare ou bári é, entre os povos bororós, o xamã dos espíritos, muito respeitado na comunidade (Albissetti; Venturelli, 1962, v. 1, p. 115-116). Conforme Caldas (1899, p. 11), o bare é uma mistura de padre e médico.

De uma dedicação a toda prova, ele, que não podia ouvir a palavra morrer a meu respeito, afiançava-me frequentemente: – Se minha mãe morrer, eu logo me mato.

Uma ocasião em que estive doente, me consolava com voz terna e baixa: – Quando eu for grande, hei de me casar, só para minha mulherzinha fazer o serviço todo de minha mãe; eu darei os remédios e os caldos, e ela será a criadinha de minha mamãe.

Odiava tudo que era mau e falso, e as pessoas que ele sabia que não me eram leais podiam fazer-lhe agrados que não conseguiram nunca a amizade dele.

Não as repelia; mas, quando só comigo, dizia-me: – Por que me mandas falar com essa gente, minha mamãe? Eu não posso querer bem a quem não gosta de ti.

Mostrava certa inclinação por uma criança da nossa vizinhança, mas um dia viu-a fazer um gesto de malcriação e deixou de estimá-la.

Outra vez, brincando, ouviu um menino muito mais velho que ele responder mal à mãe; olhou-me e continuou a brincar; mas, quando saíram, abraçou-me fortemente pelo pescoço, dizendo: – Minha mãe, fiquei com tanta pena da mãe de... quando o filho disse aquilo, que quase lhe fui dar um abraço para consolá-la.

Coração de ouro! Limpidíssimo, puríssimo diamante que a mal-dade não poderia marear; gema sem jaça arrancada ao torrão natal, do seio santo da terra, nossa Mãe a todos!

Ah! meu amado filho, por que te trouxe eu? Para me morreres aqui? Para morrer eu louca de dor?

~

Parece-me que estou novamente me despedindo de meu querido filho, vestidinho já para a... grande viagem!

Umas tábuas de pinho encerrando tanta gentileza, tanta formosura, como que as escondendo, antes de começar-se a destruição vil e miseranda a que está tudo irremediavelmente condenado.

A minh'alma é só lágrimas; mas sinto necessidade de falar de ti...

Elas que ensopem as páginas que te consagro!

Não encontro outro lenitivo³² e, diante da imensidão de tamanha dor, só me apraz³³ fazer sangrar mais o meu pobre e apunhalado coração!

Há vinte dias o teu corpinho, que a moléstia pôs tão fraco e idealizou, foi lançado aos braços da mãe comum, essa bárbara e cruel rival, que a esta hora te aperta avarenta e te devora!

Guido! meu querido Guido!

Onde estás? Para onde foste?

Pela primeira vez não acodes ao chamado de tua mãe.

Sinto-te separado de mim pelo espaço imenso; mas o teu espírito, a tua alma gentil, tão meiga, tão cheia de carinhosos afetos e que eu amo tanto, deixar-me-á de todo, não estará junto de mim?

Vejo-te em tudo e em toda a parte.

Escrevendo estas linhas, afigura-se-me que as estás lendo por cima do meu ombro. Volto-me... estou só, só no mundo, neste vasto mundo!

Tu me ouves, meu filho?

Ah!...

Amei-te, amo-te, como se pôde e se pode amar o filho mais idolatrado.

Sinto por ti todas, todas as aflições, todas as agonias maternas e olho para as espadas cravadas no peito da Mãe de Deus como o meu símbolo.

Ah! se eu pudesse também resignar-me como Ela, o modelo das mães que choram e sofrem.

Todas as ambições, todas as aspirações levadas ao excesso, eu as tive por ti.

³² Leniente, calmante (Ferreira, 1975, p. 835).

³³ Do verbo aprazer, que significa: causar prazer, agradar, deleitar (Ferreira, 1975, p. 119).

Sonhava com orgulho no teu futuro.

Tinha certeza dele.

Eras a minha gloriosa esperança!

Serias nas artes causa de desvanecimento para a tua pátria, tu brasileiro mais do que ninguém, brasileiro dono sempre destas terras nossas e florestas!...

O nome que delas trouxeste indicava o teu destino.

Voaste ligeiro, deslumbraste os olhos de quem pôde ver-te e desapareceste como um raio, formosa visão de minutos apenas!

Ah! filho querido, por que me morreste?

Pobre e adorado filhinho, o que és hoje?!!

Ah! tudo está acabado!

Quantas lembranças me restam de ti!!

Só lembranças!...

Em tudo uma recordação...

Por toda parte a saudade e a angústia horrível que me mata!

Tudo acabado, aniquilado para mim, ó criança estremecida!

Tu levaste contigo no teu voo para a eternidade a minh'alma; tu, tão pequenino, tão leve, a carregar uma alma tão cheia de dores, tão pesada para as tuas asas...

Quanta irradiação no espaço!...

É o meu Guido que lá se vai e com ele todas as gemas do mundo, todas as alegrias possíveis.

Adeus, adeus, beija-flor encantado!... Adeus, adeus, meu Guido...

Tua mãe... tua mãe!

Escritas as linhas que aí ficam, poucos dias depois de ver morrer o meu filho, foi-me impossível continuar, e a minha vida é a mesma.

Sofrer, sofrer; chorar, chorar...

Faz hoje dois meses que, às duas horas da tarde do dia 26 de janeiro, lá bem longe na fazenda de S. Paulo em Mendes,³⁴ perdi o meu inolvidável³⁵ Guido, o filho idolatrado da minh'alma, o indiozinho que herdaria o nosso nome, de cujo futuro eu tanto teria cuidado!

Guardaria, estou certa, a nossa memória com verdadeira religião.

Eu que pensava que ele receberia o meu último suspiro!

Seja feita a Vossa vontade, oh! meu Deus... meu Deus de justiça... mas a Vossa justiça imensa é por vezes tão severa, faz padecer tanto!

Perdoai-me, se a resignação é um impossível para mim...

Esmagada ao peso da Vossa Mão, eu a beijo desfeita em lágrimas; eu a beijo por mim e pelo meu Guido!...

Mas quanta dor, quanta!

26 de março de 1892

³⁴ Região do oeste do estado do Rio de Janeiro, que se tornou município de Mendes em 1952 (IBGE, c2023).

³⁵ Inesquecível (Ferreira, 1975, p. 773).

Sr. Visconde,

Muito, muito obrigada pela sua boa carta.

Por causa dela derramei ainda um mundo de lágrimas; mas qual é hoje a minha consolação senão chorar?

Deus lhe pague em felicidade junto dos seus bons e gentis filhos as eloquentes palavras que escreveu sobre o meu pobre Guido.

Tardei em responder-lhe, porque, doente como estou do corpo e da alma, sobremodo me custa pegar na pena.

Aliás, esse primeiro esforço é o mais difícil. Acodem-me as lembranças e saudades a instigarem essa pena tão inábil e desajeitada.

Não sei, porém, o que lhe hei de dizer, dando resposta à sua pergunta.

Não me sinto com coragem para me expor à crítica que tem até obrigação de ser severa no seu empenho de justiça e verdade; mas, ao mesmo tempo, seduz-me a ideia de, animada pelo Sr., não digo nem sequer esboçar a vida de meu filho, porém sim falar dele aos outros em caracteres de imprensa, como que tentar firmar o seu nome de um modo que resista ao tempo.

Quem, com efeito, mais se recordará dele, eu uma vez morta, apagada minha memória pelo sopro do olvido,³⁶ derrubado o altar que lhe consagrei no dorido peito? Quem? Quem?

Seriam as páginas desse livrinho um tributo de afeto à memória de uma criança que tanto, tanto se afeiou a mim e a quem tanto me devotei.

Mas o que lhe hei de dizer? Como contar todas as minudências³⁷ da existência embora tão curta daquele pequeno índio, interessantíssimas, entretanto, para mim, que recebi todas as impressões mais

³⁶ Esquecimento (Ferreira, [1996], p. 1222).

³⁷ Pormenor, exame atento (Ferreira, [1996], p. 1138).

íntimas daquela alma ingênua, espontânea e pura, daquela inteligência fora do comum, daquela criança selvagem que aceitava tudo que era bom com religião e até com exagerado fervor?

Como relatar, sem hábito de escrever, tudo quanto me dizia, tudo quanto sentia?

Não é que me falte assunto. Encheria um livro, rememorando cenas tão extraordinárias por ele ditas!

Entre outras (não há ordem, não há método possível para quem padece como eu) – uma noite em que da janela do quartinho da Chiquinha,³⁸ a filha de meu marido então já falecida, eu contemplava por entre o arvoredo a lua alçar-se belíssima em céu todo azul, disse-me ele com insinuante imposição: – Mamãe, tu estás te lembrando da Chiquinha, não é?

– Por que, meu filho? – perguntei-lhe.

– *Ari ruto quiarigôdo rê* – respondeu-me.

Ah! que frase e quanto me comoveu, quando ele me traduziu.

Frase cheia de encanto e poesia, que os *Bororós* intercalam nos seus cantos.

– A lua quando sobe faz saudades!

Com que propriedade a aplicou ele àquele melancólico momento, àquela hora, em que eu me recordava realmente com angústia da nossa pobre e infeliz Chiquinha, tão cedo, ela também, partida para a eternidade!

Quantas e quantas vezes, hoje, me vem ao pensamento aquela frase, ao erguer os olhos para essa lua, que, indiferente ao meu sofrimento, sobe e subirá sempre, malferindo constantemente este meu desgraçado coração com a tortura sem nome da mais pungente e irremediável das saudades: a saudade do meu *Piududo* morto!

A dor sem esperança de alívio!...

³⁸ Não foram encontradas maiores informações acerca da enteada de Maria do Carmo. Duas fontes fazem uma breve referência a ela: Sartori (2018) e Trapiá (2021).

Outra vez, voltando do colégio, pediu-me que o mandasse buscar sempre cedo, porque *Meri buto quiarigôdo muga bugai*.

– Quando o sol se esconde, tenho tantas saudades de minha mãe!

Outra palavra usada pelos *Bororós* e que ele conservava para repeti-la só a mim, chamando-me sua adorada *muga* (mãe).

Exagerava todos os sentimentos e entre eles, causa singular nesse entezinho saído das selvas, o do pudor.

Somente a mim é que permitia banhá-lo.

Lavava-lhe então os pés e o corpo e vestia-o.

Nessas ocasiões não consentia nem aceitava serviços das criadas, as quais tratava bem (se eram boas) e dava presentes, mas colocando-as sempre em plano muitíssimo inferior ao dele.

Altivo em extremo, dizia-me sempre que era um pequeno *paguemegêra* (senhor).

Um dia, quando eu lhe enxugava o corpinho, teve uma ideia curiosa: – Vai chamar papai, para que ele veja o bugrinho de mamãe como andava pelo mato. Corri toda alegre com semelhante lembrança e chamei Raphael; mas o menino de repente se abraçou comigo, a fim de que meu marido não o visse.

Cuidadoso e zeloso por tudo que lhe pertencia, era muito amigo de dar, generoso quanto possível.

Assim é que uma fruta ou uma flor que lhe oferecesse um criado ou alguma pessoa de baixa condição, gratificava-a imediatamente, procurando, porém, fazê-lo sem alarde nem sobranceria.³⁹

Gostava muito de ajuntar moedas brasileiras, principalmente as de 2\$. A primeira moeda cunhada pela República⁴⁰ que apareceu em casa, trazida pelo criado que fazia as compras, ele lha deu, não querendo guardá-la com as outras.

– Falta o Imperador – disse com tristeza.

~~~~~  
<sup>39</sup> Soberba, orgulho (Ferreira, 1975, p. 1322).

<sup>40</sup> Trata-se da moeda de dois réis. Mesmo com a instituição da República, a moeda continuou a chamar-se “real” (mais conhecida pelo plural “réis”), diferenciando-se da moeda da monarquia pela gravação de uma alegoria da República, em vez da imagem do Imperador (Banco Central do Brasil, 2004, p. 28).

Tenho por costume ou devoção assentar-me, todos os dias e por alguns momentos, em frente aos retratos de meus pais, falecidos há muitos anos, e ele sempre me acompanhava no cumprimento desse piedoso e filial dever.

Ali ficava, a fazer-me mil perguntas, mas pedindo-me sempre que não chorasse.

Um dia me disse com adorável carinho: – Olha, gosto tanto da tua mãe que, se já não te tivesse por mamãe tão querida, desejava ser filho dela.

Sensibilizando-me muito tais palavras, acrescentou, contrariado, que não falaria mais assim.

Pedi-lhe que fizesse, convencendo-o que as minhas lágrimas eram doces e suaves; mas ele insistiu, dizendo: – Mas eu é que não posso ver chorar a quem tanto quero!

E debulhou-se em pranto, abraçando-se comigo.

Não deixou nunca de ir assentar-se junto a mim naquele lugar; apertava-me nos seus bracinhos robustos e beijava-me, mas nunca mais me fez perguntas relativas a meus pais.

Um dia, eu lhe disse que só à hora da morte perdoaria ao médico que tratara de minha mãe ter-lhe proibido beber água, estando com muita febre e ardendo em sede.

– Pois, mamãe, não tinha uma espingardinha? – perguntou-me.  
– Se fosse eu, flechava-o no mesmo instante, como fiz a um morcego esta manhã.

Quanta dedicação! Quanto amor naquela engraçada ameaça!

Uma ocasião, dizendo-lhe outro índio que trouxeram conosco, e que aqui batizamos com o nome de Salvato,<sup>41</sup> que minha mãe era mais bonita do que eu, observou gravemente:

– É que a minha mãe é só tua madrinha.

---

<sup>41</sup> Essa outra criança indígena, que acompanhou a família até o Rio de Janeiro, é nomeada *Salvador* em algumas fontes pesquisadas, como Sartori (2018, 2019), Trapiá (2021), Oliveira (2011) e Xavier (2012). Entretanto, Xavier, em texto anterior (Xavier, 2011), utiliza o nome *Salvato*, como Maria do Carmo. O nome *Salvato*, de origem latina, significa *salvo*.

Quando esse índio, a quem era muito afeiçoadão e chamava *tainô* (amigo), teve de voltar a Mato Grosso, receei que ficasse triste e disse-lhe que, se quisesse, também iria, respondeu-me rápido e com os olhos a fulgir: – Eu? Só se minha mãe for também!

Dizendo-lhe eu que, quando voltássemos lá, iríamos todos ver os lugares onde ele tinha nascido e crescido, objetou: – Minha mãe está louca? Como havia eu de levá-la a ver índios nus?!

Costumava descrever como muito pitoresco o lugar onde nascera.

Pelas lembranças que tinha e pinturas que fazia, pertencia a um aldeamento sito na encosta do morro do Chapéu de Sol.<sup>42</sup>

Pobrezinho do Guido!

Contava que o pai era muito afetuoso e que o carregava ao colo, por causa dos espinhos, até mesmo doente.

Tinha-o visto morrer junto a um tronco de árvore caída sobre um rio e que servia de ponte para os *Bororós* passarem do lado oposto à margem em que moravam.

Sentia pelo pai fundas saudades, mas que a mim ainda queria mais.

Um dia, narrou-me ele, o irmão mais velho, o *bare*, indo com outros índios caçar macacos, levou-o consigo.

Repentinamente viram uma onça bem perto.

O índio colocou o irmãozinho atrás de uma árvore e pôs-se ao lado; dali flechou o monstro. Os outros flecharam-no também.

– Mas quem a matou – contava ele com orgulho – foi meu irmão, mamãe.

Outra vez, andava com várias crianças da sua idade apanhando cocos, acompanhados por um cachorro pequeno, quando viram uma onça à certa distância. Era medonha!

Esconderam-se transidos de medo, e a fera atirou-se sobre o cachorrinho, enquanto eles fugiam.

---

<sup>42</sup> Conforme Trapiá (2021, p. 10), “se o Morro do Chapéu do Sol se referir ao atual ‘Morro do Chapéu’, a aldeia onde vivia Piududo ficava a cerca de 60 km de Cuiabá”.

– Se a onça não tivesse agarrado o pobre bichinho, minha mamãe não teria agora o seu Guidinho, e o Piududo não teria saído de Mato Grosso.

Coitadinho do meu filho!

Pobrezinho! Intercalava sempre nas suas narrativas palavras tão carinhosas para mim, sua amorosa mãe, sim, bem mãe! e fazia-o com a maior naturalidade e expressão.

Todas as vezes que descia ao jardim, fazia-me sempre antes um carinho, e muitas vezes voltava para me abraçar meigamente.

Todos os dias trazia-me uma folha bonita ou mimoso, se não tinha uma flor para colocar ele mesmo no meu peito. – Quero enfeitar a minha mamãe – dizia.

E aquilo repetia invariavelmente.

Ainda que chovesse, saía expressamente para aquele fim.

Gostava em extremo andar de velocípede, no qual, desde a primeira vez que montou, mostrou muita graça e habilidade.

Fazia nele elegantes e difíceis voltas e evoluções, e era um encanto para mimvê-lo correr, com os seus belíssimos cabelos negros e compridos, soltos ao vento. Quanto lamentava não ter quem reproduzisse esse admirável quadro, tão grato ao meu coração!

Atirava muito bem ao alvo com arco e flecha; e nesse exercício foi aplaudido por muitas pessoas, entre elas os príncipes Sr. Conde e Sr.<sup>a</sup> Condessa d'Eu,<sup>43</sup> que tanto me cativaram pelas meiguices que lhe dispensaram na visita em que o levei.

Nunca o vi nadar, mas ele me asseverava: – Se mamãe visse, pensava que o seu filhinho tinha virado em peixinho do rio.

Dormia no nosso quarto, onde conservo a sua caminha. E de cada vez que para ela olho e a vejo vazia, vazia para sempre, parece que vou morrer, tanto se aperta o meu peito!

---

<sup>43</sup> Louis Philippe Marie Ferdinand Gaston (1842-1922), Conde D'Eu, príncipe e militar francês. Casou-se com a Princesa Isabel (Condessa D'Eu) em 1864 (Barman, 2013).

Em Cuiabá, aprendeu a fazer o *Pelo-sinal*<sup>44</sup> e nunca mais se deitou sem persignar-se.<sup>45</sup>

Ah! meu Deus! Em Mendes, depois que me reuni a ele, depois de vestir-lhe a roupa de dormir, imagine-se como se me partiu a alma, quando o meu adorado filhinho tão magrozinho, tão fraquinho, em vésperas já da morte, pôs as mãozinhas e disse: – Esperava minha mãe para rezar... – E começou o Padre Nossa...

Ah! Deus de misericórdia, não posso continuar!

Não blasfemo contra Vós, mas que crueldade!...

Cala-te, meu coração!... Curva-te à vontade do Todo Poderoso!...

Já que é destino teu sofrer, sofrer até aos últimos dias da vida, até cessares de bater!...

Não tenho forças para descrever os trabalhos, as angústias, as aflições, as dores e amarguras por que passei, durante a longa moléstia e rápida morte do meu idolatrado filho!

Tenho medo de enlouquecer, só com avivar tais lembranças, tal a intensidade da minha dor!

E ele podia viver!...

E eu perdi o meu filho!

Com a mania fatal dos médicos de mandarem os doentes mudar de ares, andou o meu pobre Piududo, salteado de violentos acessos febris, a correr arrabaldes<sup>46</sup> sem mim, só com meu marido.

Estava eu com uma doente em casa muito mal de tifo,<sup>47</sup> e não tinha com quem deixá-la, até que o mandaram para Mendes!

Só um mês depois é que pude reunir-me a eles!

---

<sup>44</sup> Do lat. *per signum*, palavras iniciais do texto litúrgico pronunciado por quem se persigna (Ferreira, 1975, p. 1084).

<sup>45</sup> Benzer-se; fazer com o polegar da mão direita três cruzes, uma na testa, outra na boca e outra no peito, pronunciando a fórmula litúrgica: “Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos, Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos” (Ferreira, 1975, p. 1084).

<sup>46</sup> Cercanias de uma cidade ou povoação; subúrbios (Ferreira, 1975, p. 135).

<sup>47</sup> “Também conhecida pelos ingleses como a ‘Doença das Mãoz Sujas’, é uma doença infeciosa que pode se manifestar de forma grave e é potencialmente epidêmica. É causada pela bactéria *Salmonella enterica Typhi*, também conhecida como bacilo de Eberth em homenagem ao seu descobridor” (Instituto Evandro Chagas, [20--?], p. 1).

Abatida, enfraquecida por tanto sofrimento, não sei como tive forças para resistir ao que tinha ainda de ver e padecer.

Que energia possui o organismo físico para suportar as dores morais! Parece extraordinário.

Não sou uma prova disso?

Lá estive dezessete dias junto de meu filho, sem deixá-lo um só momento, até que o vi expirar!

Como e por que não morri também, não sei!

Lá, entre aquelas montanhas abauladas,<sup>48</sup> feias e tristes, há um lugar silencioso e poético, onde está edificada a capelinha de Nossa Senhora da Luz.

Junto à igrejinha, um cemitério banal e sem nada que o realce. Pois bem, ali foi enterrado o corpinho do meu amado filho e, com ele, a alegria da minha vida.

A terra tudo cobriu, tudo já destruiu.

Ao lado do seu corpinho emoldurado por duas folhas de palmeira semelhantes às que ele conhecera nas matas, coloquei o arco e as flechas de que mais gostava, e uni-lhe as mãozinhas em atitude de oração com as franjas de um pequeno xale de Tonquim<sup>49</sup> azul-claro de que eu usava e que lhe passei por baixo da cabecinha.

Ah! como pude suspender-lhe essa cabeça adorada?

Como pude ver pela última vez os seus cabelos tão lindos?!

Como se me despedaçava a alma, com a mais dolorosa e cruel das despedidas!!

Foi vestidinho com uma roupa de linho branca, toda nova; e calcei-lhe meias azuis.

Branco e azul, suas cores prediletas.

Em casa trajava quase sempre de branco.

Estava tudo acabado!

Tragara eu até ao fim o cálice da suprema amargura.

---

<sup>48</sup> Convexas, curvas (Ferreira, 1975, p. 5).

<sup>49</sup> Xale de seda bordado, procedente da China (Aulete, 1968, v. 5, p. 4270).

Ah! Virgem Santíssima! por que não tiveste compaixão de mim,  
quando eu Te implorava que salvasses o meu filho!

Mãe das Dores, por que não tiveste piedade?

Perdão, ó Virgem Sacrossanta!

Perdão!...

~

Desculpe, Sr. Visconde, a liberdade e confiança com que lhe abro o  
meu chagado coração.

O Sr., que com certeza tem aprendido a linguagem de todos os senti-  
mentos para ser o romancista que é, poderá, talvez um dia, relembrar  
a singela, pequena e sentimental história do meu adorado indiozinho.

Velhos, eu e meu marido, sem filhos, sem laços mais que nos pren-  
dam à vida, tínhamos concentrado nele todos os nossos afetos, todos  
os nossos cuidados!

Hoje, no isolamento a que sua morte nos condenou, só vivo pen-  
sando nele, só vivo da lembrança dele.

Mandei fazer em Paris um retrato. Quervê-lo quando chegar?  
Nessa ocasião, verá pinturas de meu filho que desejo mostrar-lhe.

Fiz presente ao Museu<sup>50</sup> da importante coleção de artefatos de  
índios que colecionei e guardava para o meu filho, com a condição de  
lhe conservarem o nome no lugar onde ela for colocada.<sup>51</sup>

Um dia, perguntará algum curioso: – Quem foi esse Guido de  
Mello Rego?

<sup>50</sup> Trata-se do Museu Nacional, fundado por D. João VI em 1818, na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de promover o progresso cultural e econômico do país (O Museu, c2024).

<sup>51</sup> “No mês de setembro de 2018, o incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro destruiu  
uma das maiores coleções de artefatos culturais do país [...]. [...] Junto dos objetos destruídos  
estava uma coleção etnográfica de artefatos indígenas do Mato Grosso doadas por Maria do Carmo  
de Mello Rego em 1888” (Oliveira, 2019, p. 15).

O Dr. Ladislau Netto,<sup>52</sup> que a conhece e aprecia o seu valor, aceitou de bom grado essa condição e lhe destina um gabinete especial. O retrato, que mandei tirar, também pertencerá ao Museu e a essa coleção depois da minha morte.

Não acha boa a ideia de assim perpetuar, naquele local, a memória do meu chorado filho, do meu Piududo, que voou para sempre desta terra, do meu idolatrado Guido?

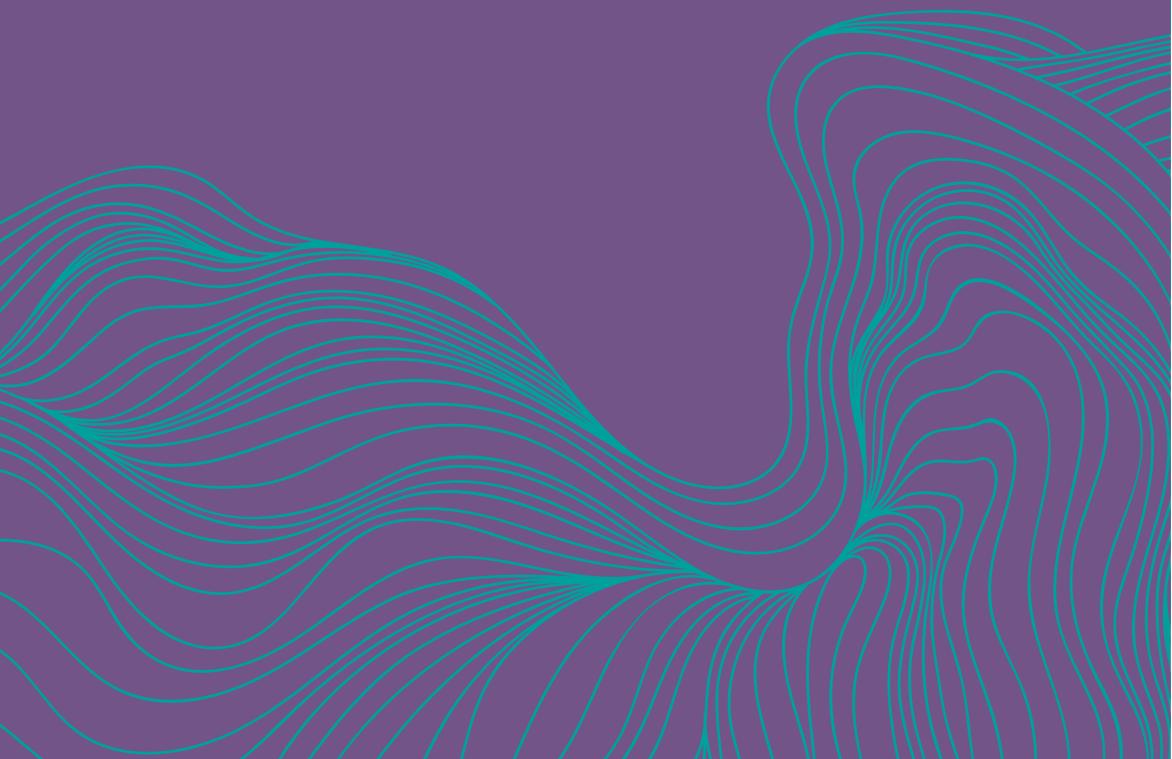
Ainda uma vez, mil vezes obrigada pela bondosa paciência com que lerá estas linhas monótonas e incolores, como tudo quanto sai da dor a resolver-se sempre em apertado círculo.

*Maria do Carmo*  
Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1892

---

<sup>52</sup> Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), botânico brasileiro. Foi diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro de 1870 a 1893 (Wikipédia, 14 set. 2023).

LEMBRANÇAS





de MATO  
GRO  
SSO



Ao  
VISCONDE DE TAUNAY,<sup>†</sup>  
que tanta simpatia há mostrado sempre por Mato Grosso e com ele-  
gantíssima pena e tão encantadora propriedade lhe há descrito muitos  
dos formosos sítios,  
tributo de sincera amizade  
da  
Autora

Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1897.

---

<sup>†</sup> Alfredo D'Escagnolle Taunay, nascido no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843 e falecido em 25 de janeiro de 1899. Foi engenheiro militar e herói da Retirada da Laguna; escritor e romancista brasileiro; conhecido por sua participação na Guerra do Paraguai; deputado, senador e presidente da província de Santa Catarina; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; patrono da cadeira n. 22 da Academia Mato-Grossense de Letras (Mendonça, 1971, p. 154-155).



## Do Rio de Janeiro a Cuiabá

I

Sem entusiasmo nenhum por ter que ir para Mato Grosso nas circunstâncias em que o fiz, e hesitante até pelo que sempre ouvira dizer daquela longínqua província, embarquei, a 16 de outubro de 1887, com destino ao Rio da Prata, no vapor inglês *Trent*, onde fomos, meu marido e eu, tratados com toda a distinção e amabilidade, graças talvez à particular recomendação de pessoa influente na companhia dos paquetes da *Royal Mail*.<sup>2</sup>

O pesar de deixar a minha vivenda, pequena, mas cômoda, as mimosas *samambaias* que tanto iam sentir a minha ausência! as minhas orquídeas, principalmente a *Borlingtonia fragrans*, cuja formosa inflorescência começava a despontar, a distância e o clima que tanto receio me causavam, tudo desagradavelmente me impressionava, me entristecia e me fazia ter saudades do meu sossegado retiro, antes mesmo de ter dele saído! Quanto mais quando me vi em viagem para Montevidéu!

Três dias depois chegávamos.

Mal suspeitava, contudo, a grata surpresa que lá me aguardava, quando, ao dia seguinte do nosso desembarque, ouvi uma voz bem conhecida dizer à porta dos nossos aposentos: “*No tengo tarjetas, pero diga que es um amigo viejo*.”<sup>3</sup>

Não teve o criado tempo de anunciar a visita, e já eu corria a abraçá-la, pois era o meu bom e velho conhecido D. Julian Sarachaga,

---

<sup>2</sup> A Royal Mail Steam Packet Company (RMSPC) foi uma companhia de transporte marítimo britânica fundada em 1839 e que operou até a segunda metade do século xx. Realizava serviços postais para o correio britânico (Wikipédia, 29 out. 2024).

<sup>3</sup> “Não disponho de um cartão de visita, mas dizei que se trata de um antigo amigo.” (Tradução nossa.)

amigo de todos os tempos, longe dos meus olhos mais de vinte anos atrás.

Achei-me, naquele mesmo dia, rodeada de uma família que me estimava desde eu menina e que havia sido das mais antigas relações de meus pais, principalmente minha querida D. Carmen Sarachaga, viúva de um dos nossos melhores afeiçoados.

Argentinos de nota, quando viram o respeitável pai Dr. Sarachaga<sup>4</sup> morrer após longas torturas, assassinado nas prisões do tirano Rosas,<sup>5</sup> emigraram para o Brasil e foram viver em Jaguarão<sup>6</sup> como tantos outros: D. Salvador Carril, Jeli y Obes, Dr. Portella, D. Juan Ramires, Echenique,<sup>7</sup> todos casados com senhoras da maior distinção e que tanto me acarinhavam, quando eu, brincando com as amiguinhas, estropeava a sua graciosa língua; mais um motivo para receber presentes de bonecas e brinquedos.

E, decorridos tantos anos, bem desejaria ver a todos, e por todos perguntei. Alguns em Buenos Aires, onde não me sobraria tempo para procurá-los; outros, talvez a maior parte, mortos.

Oh! como a morte é, ou parece cruel!



<sup>4</sup> Trata-se, provavelmente, de Juan Antonio Saráchaga (1781-1840), jurista, professor e político argentino, de destacada atuação nos primeiros passos do federalismo da província de Córdoba, Argentina. Foi executado em outubro de 1840, após dirigir uma conspiração contra o governador Manuel López, aliado incondicional de Juan Manuel de Rosas (Wikipedia, 4 enero 2024). Embora não tenham sido encontrados registros, o teor do texto dá a entender que Julian e Carmen eram familiares de Juan Saráchaga (Wikipedia, 4 enero 2024).

<sup>5</sup> Juan Manuel de Rosas (1793-1877), político e oficial militar argentino conhecido pelo regime totalitário que estabeleceu quando governou a Argentina (Wikipédia, 6 out. 2024).

<sup>6</sup> Situada no estado do Rio Grande do Sul, a cidade, fundada em 1855, encontra-se na fronteira com o Uruguai (IBGE, c2023).

<sup>7</sup> Não foram encontradas informações sobre essas pessoas em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

Naquele momento em que apertava em meus braços aquela gente toda, que tão comovida se mostrava e à qual não cansava de repetir o que me ia pela alma, quantas expressões de alegria ligadas à dolorosa saudade pelos entes queridos que havíamos perdido, durante a longa ausência de mais de vinte anos!

E lá vinha uma lembrança avivada por qualquer palavra, uma fase da vida, enfim, que ninguém havia esquecido!

Como estavam contentes! Quanto fui feliz naquelas horas passadas juntos!

Coitado de D. Julian! nas suas expansões, com que sincera emoção não me dizia:

*Se yo la conociera menos, Carmensita, tanto la lastimara por verla ir a Mato Grosso, que llegaría quiçás a maldecir su marido, por llevarla, tan lejos, a una tierra de onde vuelven todos descontentos; pero como la conozco desde niña, se me figura que no le va passar lo que a las otras; usted tendrá en la naturaleza motivos de distracciones. No se olvide de tomar apuntes de todo.*<sup>8</sup>

Foi profeta o meu bom amigo, pois gostei tanto, tanto de Mato Grosso, que mal sei exprimir as gratas recordações e fundas saudades que dele conservo.

Também da bela e risonha capital uruguaia, Montevidéu, em cujo território meus pais viveram algum tempo emigrados, guardo a mais simpática lembrança, ligada à de amigos tão queridos.

---

<sup>8</sup> “Se eu a conhecesse menos, Carmensita, lastimaria tanto vê-la ir para Mato Grosso, que até amaldiçoaria o marido por a ter levado para tão longe, para uma terra de onde todos regressam infelizes; mas, como a conheço desde criança, penso que não lhe acontecerá o mesmo que aos outros; terás motivos de distração na natureza. Não te esqueças de tomar notas de tudo.” (Tradução nossa.)

Ao tomarmos o vapor em que devíamos fazer a travessia para Buenos Aires, e daí até Assunção,<sup>9</sup> quiseram as moças acompanhar-nos, apesar de estar o tempo a ameaçar chuva. Enquanto, porém, esperávamos o sinal da partida, tocaram piano, cantaram e, entusiasmando um dos companheiros de viagem, fizeram-no recitar uma poesia bem significativa da impressão que lhe causara aquele bando de espírituosas, garrulas e travessas orientais.

Nunca esquecerei a graça provocadora com que a loura Alemana<sup>10</sup> (assim se apelidava uma delas) disse: “Ah! Carmen, por que no usam las señoritas del Brasil, llevarse una secretaria! Con que gusto te acompañaría yo!”,<sup>11</sup> e dirigindo-se ao recitador: “No es verdade, caballero, que seríamos buenos colegas?”<sup>12</sup>

Rimo-nos todos, até o pobre moço que do Rio fora conosco como secretário militar de meu marido e que, há muito, se partiu para a viagem eterna.

Já sobre rodas o vapor, tivemos que nos separar, e lá se foram todos para o escaler que devia fazê-los voltar a terra. Dali ainda os derradeiros adeuses, os últimos sinais de amizade! e já em movimento o paquete, ainda mil “adios, Carmensita! Vuelve pronto, Carmen!”<sup>13</sup>

De todas as formas era o meu nome repetido...

Começando a chuviscar, recolheram-se os passageiros ao salão, menos eu, que, enquanto pude, correspondi com o lenço ao repetido e tocante saudar de tão bons e expansivos entes.

Estava o mar agitado... e eu, que tinha lágrimas na alma, deixei-as correr, como ondas do coração. Chorei de saudades do passado, como choro hoje, como chorarei sempre.

Naquele momento, eram lembranças de meus pais, nunca esquecidos um só instante e inesperadamente avivadas com a presença dos

---

<sup>9</sup> Asunción, capital do Paraguai, fundada em 1537 (El pequeño [...], c2006, p. 1130).

<sup>10</sup> Alemã. (Tradução nossa.)

<sup>11</sup> “Ah, Carmen, por que é que as senhoras do Brasil não levam consigo uma secretária! Com que prazer eu a acompanharia!” (Tradução nossa.)

<sup>12</sup> “Não é verdade, cavalheiro, que seríamos bons colegas?” (Tradução nossa.)

<sup>13</sup> “Adeus, Carmensita! Volte logo, Carmen.” (Tradução nossa.)

amigos de outrora. Saudades da casa paterna, saudades dos carinhos de meu pai, dos afetos sem fim de minha mãe!

Tudo já tão longe, tão longe!...

Daquele olhar para o passado fui interrompida, não pelas gotas da chuva e respingos da água salgada, mas por alguém que brandamente me aconselhava: “*No es prudente quedar aqui, senora; la mar está muy agitada e puede mojarla.*”<sup>14</sup>

Voltando-me, vi um velho baixo, reforçado, de barbas brancas, com um chapéu de fina palha do Chile, e fisionomia extremamente atraente. Enxuguei os olhos e ele tornou: “*Hace muy bien en llorar, por que mucho la quieren ellos.*”<sup>15</sup>

Sorri-me com tristeza e ele me ofereceu o guarda-chuva, que agradeci, indo reunir-me aos companheiros no salão. Quando entrei, meu marido me disse: “Sabes quem é aquele velho que falou contigo? É o prático mor da armada, e vai ser nosso companheiro de viagem até Corumbá.”<sup>16</sup>

Ao dia seguinte éramos amigos eu e o velho Echebarne,<sup>17</sup> o mais precioso companheiro naquela interessantíssima viagem, por ser a história viva de todos os feitos e incidentes que haviam ilustrado a nossa briosa marinha durante a longa e penosa guerra do Paraguai.<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> “Não é prudente ficar aqui, senhora. O mar está muito agitado e pode molhá-la.” (Tradução nossa.)

<sup>15</sup> “Fazeis muito bem em chorar, pois muito vos querem eles.” (Tradução nossa.)

<sup>16</sup> Município do Pantanal sul-mato-grossense, fundado em 1778 (IBGE, c2023).

<sup>17</sup> Fernando Echebarne, capitão de fragata da Armada que conduziu Maria do Carmo e Francisco Raphael por toda a viagem até Corumbá (Brasil, 1900, anexo A, quadro 6).

<sup>18</sup> A Guerra do Paraguai, ou a Guerra da Tríplice Aliança, ocorreu no período de 1864 a 1870 (Guerra [..], [20-?], p. 29). A província de Mato Grosso foi um dos palcos da Guerra do Paraguai, com batalhas importantes, como a defesa da cidade de Corumbá. Cuiabá serviu como um importante ponto de apoio logístico para as tropas brasileiras durante o conflito.

### III

Teria assunto para as mais curiosas e variadas referências quem quisesse tomar seguidos apontamentos, naquelas palestras em que ficávamos horas esquecidas a ouvir o denodado marujo narrar, com a sua palavra pausada e frase despretensiosa, tanta façanha gloriosa, tanto episódio vibrante!

Não segui infelizmente os conselhos do meu bom amigo Sarachaga – *tomar apuntes de todo*<sup>19</sup> – e hoje, querendo relembrar aquela viagem, tudo se me foge, até as impressões que mais fundo calaram no meu espírito.

Ao aproximarmo-nos da ilha de Martin Garcia,<sup>20</sup> essa atalaia que parece guardar vigilante, no meio do oceano, a embocadura dos dois grandes rios, quando vão formar o majestoso estuário do Prata, começou ele a desempenhar-se do compromisso tomado, mostrando-nos todos os lugares notáveis por qualquer sucesso que nos fizesse orgulhar de sermos brasileiros.

E ele o fazia penetrado do mesmo sentimento, pois, apesar de estrangeiro (era vasco francês<sup>21</sup>), ufanava-se dos companheiros com quem havia batalhado e dos quais se lembrava com leal emoção. Tinha um filho que estudava no Rio e queria que esse fosse brasileiro e servisse na nossa marinha.

Daquela ilha de Martin Garcia, aos 15 anos de idade, vendo aproximar-se a esquadra brasileira que ia bater o tirano Rosas, atirara-se a nado de noite e fora oferecer-se ao impertérrito<sup>22</sup> Joaquim Marques

---

<sup>19</sup> “Tomar notas de tudo.” (Tradução nossa.)

<sup>20</sup> A ilha Martín García é um território argentino, no Rio da Prata, rodeado de águas uruguaias (Wikipedia, 23 mar. 2023).

<sup>21</sup> O País Basco é uma região geográfica politicamente não autônoma, dividida entre a Espanha e a França. Na França, o País Basco francês constitui-se de três províncias francesas, no sudoeste do país (Wikipedia, 4 fev. 2025).

<sup>22</sup> Destemido (Ferreira, 1975, p. 751).

Lisboa, hoje venerando Marquês de Tamandaré,<sup>23</sup> que o acolheu com a franca e cordial lhaneza que sempre caracterizou o heroico e lendário rio-grandense.

Nas águas do majestoso Paraná, não houve um trecho para o qual não nos chamassem a atenção, mostrando-nos todos os pontos onde tremulou a nossa bandeira naquela grandiosa luta, de que foram mudas testemunhas as tranquilas águas que íamos cortando e as desertas margens que contemplávamos.

Lembra-me que foi à tarde que alcançamos o local onde se deu a memorável batalha do Riachuelo.<sup>24</sup>

Comovidos, ávidos pelo que nos contava ele, como que buscávamos recompor o que ali se havia passado, intensamente emocionados pela singela narrativa do nobre marinheiro.

Rapidamente descambara o sol e de todo se ocultara; mas prolongara-se o crepúsculo.

E assim fomos atravessando aquelas plácidas águas, tão serenas e sombrias, daí a pouco totalmente negras com os tons que lhe emprestara a noite. Olhando para aquelas margens afastadas, como que víamos delas surgir os espectros dos valentes heróis que a narração do velho marinheiro ia evocando!

E toda a imensa corrente transformava-se em solitário e mortuário cristal!

Quando o vapor, às vezes, mais se chegava a uma dessas margens, apontava-nos o bom Echebarne para uma cruz mal escondida pelas

---

<sup>23</sup> Infelizmente já não pode colher louros para si, para a gloriosa classe a que pertencia e para a pátria, enlutada com a sua morte a 20 de março do corrente ano. (N. da A.) Joaquim Marques Lisboa (1807-1897), militar brasileiro, chegou a almirante da Armada Imperial Brasileira, em 1867, tendo participado do processo de independência do Brasil e das Guerras do Prata e do Paraguai. Recebeu, em 1888, o título de Marquês de Tamandaré e é, hoje, o patrono da Marinha do Brasil (Wikipedia, 9 dez. 2024).

<sup>24</sup> A Batalha Naval do Riachuelo, ou simplesmente Batalha do Riachuelo, travou-se em 11 de junho de 1865 às margens do arroio Riachuelo, um afluente do Rio Paraná, na Argentina. Foi evento decisivo e vitorioso, marco da vitória brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870), sendo considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas desta guerra (Nova [...], 2001, v. 11, p. 120).

ramas dos *sarandis*.<sup>25</sup> e era mais uma história a contar, um feito bri-lhante que narrar!

Nada lhe escapava, nem a menor circunstância.

Prevenindo-nos que passaríamos de madrugada pela longa e his-tórica curva de Humaitá,<sup>26</sup> deitei-me toda vestida e já estava de pé, quando o ouvi dizer, batendo no vidro da janela: “*Despierten-se, que vamos llegando.*”<sup>27</sup>

E aos primeiros albores de radiante aurora, avistei a torre de Humaitá em ruínas. Quantos estragos ainda patentes das nossas balas!

Quanta melancolia ao cair da tarde, nos compactos laranjais, em que tantas vezes ouvira falar! Nem uma alma viva! uma só habita-ção!... Apenas aqueles quadrados escuros, destacando-se no verde alegre das campinas, e semelhando simétricas fitas projetadas no solo com cuidado geométrico.

Na Vilheta<sup>28</sup> é curioso ver-se o animado trabalho de infinidade de mulheres, carregando à cabeça cestos e cestos de laranjas que, levadas em sempre crescente quantidade, aparecem no mercado do Rio da Prata como provindas do Brasil!

---

<sup>25</sup> Arbusto da família das euforbiáceas (*Phyllanthus sellowianus*), podendo atingir até 2,5 metros (Ferreira, [1996], p. 1552).

<sup>26</sup> Trecho do Rio Paraguai, próximo à sua foz, com curva em formato de ferradura, onde o governo paraguaio construiu a Fortaleza de Humaitá, um sistema defensivo por muito tempo considerado quase inexpugnável e que impedia o inimigo de subir o rio. Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), uma frota de seis encouraçados brasileiros forçou com sucesso a pas-sagem pela fortaleza em 19 de fevereiro de 1868, sob fogo da artilharia paraguaia. A fortaleza foi totalmente rendida pela esquadra brasileira em 25 de julho de 1868 e, posteriormente, arrasada, nos termos do Tratado da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) (Nova [...], v. II, p. 121).

<sup>27</sup> “Despertem-se, que estamos chegando.” (Tradução nossa.)

<sup>28</sup> Município paraguaio localizado às margens do Rio Paraguai, fundado em 1714 (Wikipedia, 7 enero 2025).

Sempre me hei de lembrar da impressão que experimentei nos *passos*<sup>29</sup> das Pedras e da Angustura,<sup>30</sup> e da voz lenta e compassada dos homens empenhados nas constantes sondagens.

À proa, bem junto à quilha do navio, nós e o nosso inseparável *cicerone*,<sup>31</sup> sentados em bancos, guardávamos silêncio incomodativo, até por me parecer denunciar perigo iminente e mesmo por isto nem perdia eu ensejo de buscar interrompê-lo.

O comandante, porém, junto de nós, levava rápido o dedo aos lábios, mostrando-me os seus dois marinheiros, um de cada lado do vapor.

A cada momento apregoavam a altura das águas, na perigosa passagem daqueles *passos*.

Como aquilo me aterrava!

Os horizontes em fogo e o ar abafado, como se nos rodeasse imenso incêndio, e que nada mais era do que a tempestade que, mais tarde e após tremendo vendaval, desabou medonha, deixaram-me por tal modo nervosa que, no dia seguinte, estava seriamente doente!

Felizmente não fiquei privada de ver, ao chegar a Assunção, as brechas feitas pelas balas dos nossos navios no grande palácio de Francisco Solano López.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> No espanhol, *paso*. O mesmo que vau: trecho raso de rio ou de mar onde se pode transitar a pé ou a cavalo; caminho (Ferreira, [1996], p. 1278, 1756).

<sup>30</sup> Na região de Villete ocorreram inúmeras batalhas da Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai) no final de 1868. Na região citada por Maria do Carmo, havia o Forte de Angostura, localizado na margem direita do córrego Pikysyry, afluente do Rio Paraguai. Cercado por forças aliadas, o forte rendeu-se em 30 de dezembro de 1868. Pode-se dizer que o *passo de Angostura* era o caminho até o forte, ou áreas próximas. Já em relação ao *passo das pedras*, não foram encontradas informações (Wikipédia, 3 out. 2023).

<sup>31</sup> Pessoa que guia visitantes ou turistas, dando-lhes informações (Ferreira, [1996], p. 402).

<sup>32</sup> Francisco Solano López Carrillo (1827-1870) foi um político e militar paraguaio que se tornou presidente em 1862. Seu governo levou à invasão de Mato Grosso em 1864 e, no ano seguinte, do Rio Grande do Sul, resultando na Guerra do Paraguai. López foi derrotado e morto em 1º de março de 1870, pondo fim à Guerra (Wikipédia, 24 nov. 2024). O palácio de López teve sua construção iniciada em 1857, e seria utilizado como sua residência. Na Guerra, foi bombardeado e abandonado, sendo reformado posteriormente, tornando-se, em 1894, a sede do Poder Executivo paraguaio (Paraguay, sd.).

A poética cidade de Urquiza<sup>33</sup> nos formosos campos entrerrianos;<sup>34</sup> tão semelhantes aos do meu Rio Grande, que fundas saudades me despertou!

Antes dela, na margem oposta, prende as vistas a bela propriedade cheia de álamos, rodeada de mística e adorável solidão, qual oásis no deserto dos pampas argentinos, recebendo misteriosamente as carícias do formoso rio!

Não me lembra mais em que ponto, depois de passada Assunção, vi, a modo de pequena ilha, esguio e elegante rochedo todo ornamentado de vegetação, formosíssimo mimo da natureza, colocado sobre as águas calmas do rio, como fantasia de caprichoso artista!

De um lado, em certa distância, jazia encalhado e adernado o casco de ferro de um grande navio, feia e desgraciosa feitura do homem, contraposta a um primor saído das mãos do Criador.

E admirando aquela natureza, americana como a nossa, e os costumes de seus habitantes, tão vários quanto pitorescos no seu colorido local, para nós decorriam os dias sempre entretidos, a vencermos a distância que nos separava do termo da longa viagem.

---

<sup>33</sup> Trata-se, possivelmente, de Villa Urquiza, um município da província de Entre Ríos, na Argentina, localizada ao norte de Buenos Aires. Foi fundada pelo general Justo José de Urquiza (1801-1870) em 1860 sobre uma colônia originada em 1853 (Wikipedia, 2 jun. 2024).

<sup>34</sup> Referente à província de Entre Ríos, Argentina (Houaiss, 2004, p. 1168).

## IV

Tendo passado pelo Forte de Coimbra<sup>35</sup> e da Foz do Apa<sup>36</sup> à noite e com chuva, sem termos podido avistá-los, o mesmo felizmente não aconteceu quando voltamos. Restou-me, entretanto, o pesar de não ver as belezas e curiosidades da *Gruta do Inferno*,<sup>37</sup> magistralmente descritas pelo Dr. João Severiano na sua interessante *Viagem ao redor do Brasil*.<sup>38</sup>

Ouvindo por toda parte, até então percorrida, falar somente espanhol, com que grata surpresa, certa madrugada, me vi despertada por uma voz que, em bom português, nos convidava a irmos beber leite quente no curral!

Vesti-me às pressas, correndo a esperar no portaló os companheiros com quem, daí a poucos instantes, saltei na chalana<sup>39</sup> que tinha de nos levar à terra. Sentia-me sôfrega por pisar em solo de Mato Grosso, a primeira plaga brasileira a que aportávamos!

De instantes foi a travessia, quanto bastou para chegarmos à rampa que tínhamos de galgar.

---

<sup>35</sup> Forte localizado no estado do Mato Grosso do Sul, foi construído em 1775, por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, inicialmente como um presídio chamado Nova Coimbra (Alves, 2022, p. 20).

<sup>36</sup> Trata-se da foz do Rio Apa, que nasce na serra de Amambai, no distrito de Ponta Porã (MS). Após percorrer 447 km, deságua na margem esquerda do Rio Paraguai em frente à cidade de San Lázaro, no Paraguai (Wikipédia, 3 maio 2023).

<sup>37</sup> Situada a cerca de 5 km do Forte de Coimbra (MS). “[...] foi chamada inicialmente de ‘Gruta do Inferno’ e ‘Buraco Soturno.’” Atualmente denominada *Gruta Ricardo Franco*, em homenagem ao engenheiro construtor do Forte, tendo sido o primeiro a revelar e descrever a gruta (Almeida, 2019, p. 68-69).

<sup>38</sup> João Severiano da Fonseca (1836-1897), militar, médico, professor, escritor, historiador e diplomata brasileiro (Wikipédia, 19 jun. 2024). O livro *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)* foi publicado em 1880 – está disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242429>.

<sup>39</sup> “Pequena embarcação fluvial de fundo chato, lados retos e proa e popa salientes, própria para o transporte de mercadorias” (Houaiss, 2004, p. 686).

Ali, um homem a quem chamaram Boaventura<sup>40</sup> ofereceu-me a mão, mão calejada que soube trabalhar e adquirir a propriedade em que nos recebia, a fazenda das Três Barras.<sup>41</sup>

Três Barras! Quem foi a Mato Grosso e lá não saltou?

Quem não conhece o antigo e rude marinheiro português que se orgulhava de ser o primeiro a oferecer a mais franca hospitalidade, no primeiro ponto a que aporta o viajante daquelas longínquas paragens!

E como é agradável ouvir-se falar a língua materna e sabermos que, apesar de tão distantes do nosso lar, ainda se está no Brasil!

Com estas belas impressões vi duas moças correrem pela ladeira abaixo, enquanto o pai me dizia: “São minhas filhas”.

Começava o dia a clarear, e, à luz da mais formosa das manhãs, beijei a face mimosa das duas meninas, que tão expansivamente me recebiam.

Não se pode imaginar mais encantadora aparição! Eram lindas, de olhos pretos e grandes, a iluminarem a primeira casa em que parei à entrada daquela província.

Núncias da simpatia que àquela terra me prende, foi entre ambas que subi a barranca, em cujo alto nos esperava a digna esposa do Boaventura com o mais cordial acolhimento.

Velozes passaram as horas naquela tranquila habitação, onde, a cada momento, eu via um motivo para recordações da minha terra. Às 9 horas, foi-me preciso partir; mas não sem pesar deixei as minhas novas amiguinhas.

Em Corumbá,<sup>42</sup> outra separação que sinceramente lamentamos: a de Fernando Echebarne, o qual, com lágrimas nos olhos, nos acompanhou até o último momento, como se pressentisse o que realmente aconteceu, não nos vermos mais nunca neste mundo.

---

<sup>40</sup> A autora possivelmente se refere ao “[...] major Boaventura da Mota, que fundou a fazenda Três Barras, a propriedade estava estrategicamente localizada às margens do Rio Paraguai, a principal via de acesso entre o estado de Mato Grosso e a Argentina” (Gimenes, 2017, p. 7).

<sup>41</sup> Hoje *Porto Murtinho*. (N. da A.) A localidade atualmente é parte do município de Porto Murtinho no Mato Grosso do Sul (Gimenes, 2017, p. 7). (N. do E.)

<sup>42</sup> Município do Pantanal sul-mato-grossense, fundado em 1778 (IBGE, c2023).

Oh! como se apressam os que vão primeiro!  
De Corumbá em diante, foi a viagem cada vez mais incômoda por  
causa do calor e das dimensões do vapor; mas, assim mesmo, quanto  
interessante!...

## V

Trinta dias depois de saídos do Rio de Janeiro,<sup>43</sup> chegamos a Cuiabá,<sup>44</sup> cujo ancoradouro morto, solitário, faz o espírito de pronto volver às distâncias percorridas.

Vir de tão longe para se nos deparar isolamento tão completo!  
Nem um só navio!

Apenas encostada a um dos pontos de desembarque, triste e feia lanchinha de comércio; e, nem sei por quê, lembrei-me dos carros que carregam os doentes dos quartéis.

Aliás, muito pitoresco o rio naquele ponto, com as suas margens verdejantes, repassadas de encantadora e suave poesia.

Contrista,<sup>45</sup> porém, o coração mais bem disposto em achar tudo bom, e positivamente acabrunha desembarcar-se ao cair do dia e andar-se, já nas sombras da noite, um quilômetro a pé, pelo mais impossível dos calçamentos, em terreno acidentado e sempre a subir!

---

<sup>43</sup> Fundada em 1º de março de 1565, a cidade foi capital da colônia portuguesa (Estado do Brasil, 1763-1815), depois do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815-1822), do Império do Brasil (1822-1889) e da República de 1889 até 1960. Na sequência, foi capital do estado da Guanabara. Atualmente, é capital do estado de mesmo nome (Wikipédia, 21 fev. 2025).

<sup>44</sup> Município do Mato Grosso, fundado em 1719, atual capital do estado (IBGE, c2023). Foi fundado por bandeirantes paulistas, após a descoberta de ouro nas margens do Rio Cuiabá. Em 1727, tornou-se Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e, depois, a capital da capitania, em razão de sua importância estratégica e econômica. Após a independência, a cidade passou a ser, em 1825, a capital do Mato Grosso (Alves, 2022, p. 16-25).

<sup>45</sup> Contristar: entristecer, mortificar (Houaiss, 2004, p. 825).

E foi arfando de cansaço que cheguei, arrependida de ter ido tão longe!

Tormento que não pode avaliar quem nunca o experimentou, mais do que ninguém o senti, eu acostumada ao *bond*<sup>46</sup> e filha, aliás, de uma terra onde, na expressiva frase do inolvidável D. Pedro II<sup>47</sup> e frase a mim dirigida, há anos, em Pernambuco: “Monta-se a cavalo para pedir fogo ao vizinho.”

Por isso, íntima e energicamente protestei contra essa crueldade infligida aos que demandam Cuiabá.

Depois dos primeiros dias de descanso, vieram as relações com o suave bálsamo social fazer desvanecer completamente a desagradável impressão da chegada, e começaram as *soirées*<sup>48</sup> de que são tão apaixonadas as cuiabanas, e os passeios a cavalo tão preferidos por mim, amenizando-me a existência naquela tropical cidade.

Na impossibilidade de outro meio de locomoção, aceitei satisfeita o que se me oferecia; e muitas vezes se molharam as patas do meu cavalo branco nas águas daquele solitário porto, que fundas saudades em mim despertava sempre e do qual tão saudosamente me recordo hoje!...

Quanto é bem cabida a tudo isso, essa melancólica, exclusiva e riquíssima palavra da nossa língua, saudade, sempre saudade!...

Faziam-se *picnics*<sup>49</sup> à margem do formoso e histórico Coxipó,<sup>50</sup> aonde chegávamos num galope que nos transportava o pensamento

---

<sup>46</sup> Em inglês no original: *bond*. Na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, entraram em funcionamento ferro-carris de tração animal. A empresa Botanical Garden Railroad (Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico), após assumir a concessão, confecionou cupons de passagens, nos quais vinham estampadas a palavra inglesa *bond* e a figura do ferro-carril. A população deu ao veículo o nome de “bonde”, estendendo-o, mais tarde, aos veículos de tração elétrica (Wikipedia, 1 out. 2023).

<sup>47</sup> D. Pedro II (1825-1891), batizado Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, foi o segundo e último imperador do Brasil, tendo governado de 1840 a 1889 (Vainfas, 2002, p. 198).

<sup>48</sup> Do francês: noitada, festa, reunião social (Houaiss, 2004, p. 2599).

<sup>49</sup> Piquenique. Em inglês no original. (N. do E.)

<sup>50</sup> Rio situado no estado de Mato Grosso. Nasce no Vale da Benção, Chapada dos Guimarães (MT), e percorre 78,58 km até desaguar no Rio Cuiabá, na capital do estado (Barreto, 2024).

a sítios bem distantes, e tomávamos a chalana para cruzar as cristalinas águas, marginadas de luxuriante vegetação.

Bem histórico decerto aquele Coxipó, pois das suas barrancas saiu o primeiro ouro que, vindo de Mato Grosso, foi viajar pelo oceano afora, despertando tanta cobiça, origem de tantos crimes!

Algumas vezes, tomaram aqueles passeios caráter de verdadeiro acontecimento, não só pelo *luzido*<sup>51</sup> da cavalgata, que, reunida às 5 horas da manhã, ia alvoroçando os moradores das casas por cuja frente passava, como pelo concurso que lhes prestava a presença dos menores do arsenal de guerra, ali acampados desde a madrugada, e a brincarem alegres, fazendo maravilhas nos seus trabalhos de ginástica.

E festivas melodias executava a sua boa música, desafiando as moças que a cada momento improvisavam valsas e quadrilhas.

Quanto episódio engracado naqueles passeios!

Ora a barra de um vestido de amazona rota de ponta a ponta, pelos dentes aguçados de um cão de fila; ora a queda de um cavaleiro, que, exatamente por não o ser, acompanhava o chapéu arrancado da cabeça por inocente galho de árvore: tudo motivos para francas e ruidosas gargalhadas; se não isso, os gestos um pouco desconcertados de bom e excelente companheiro, o qual não conseguira outra montaria se não desgracioso jumento.

E este, inconsciente da honra que lhe coubera de levar às costas verdadeiro sábio, torturava com repetidos empacamentos o ilustre professor de astronomia,<sup>52</sup> na academia militar de Munique, em viagem científica pela província de Mato Grosso.

E depois de um dia alegremente passado, voltávamos em disparada para a cidade, pensando na realização de outro passeio igual.

---

<sup>51</sup> Cheio de aparatos, pomposo (Houaiss, 2004, p. 1795).

<sup>52</sup> Provavelmente a autora se refira a Peter Johann Vogel (1856-1915), matemático, geógrafo, físico, astrônomo e geólogo alemão que acompanhou a segunda expedição de Karl von den Steinen pela região do Xingu, realizando estudos geográficos, geológicos e astronômicos (Haas, 2020).



# Cuiabá

## A capital de Mato Grosso – sua feição física e moral (Trechos de uma carta)

Descrever-lhe Cuiabá? Será bem difícil, tanto mais quanto não tenho pena adestrada, para dar conta de semelhante e difícil incumbência.

Mando-lhe, contudo, várias fotografias. Talvez o orientem melhor do que tudo quanto eu lhe pudesse dizer e esboçar.

Na primeira da coleção, veem-se duas ou três casas da rua do Barão de Melgaço, o ilustre Leverger,<sup>53</sup> rua mais conhecida, ainda hoje, pelo nome antigo de rua do Campo e para a qual dá o portão do quintal do palácio presidencial.

Infelizmente não se enxerga a casa em que esse benemérito faleceu – grande, baixa, de esquina, com muitas janelas, vidraças de subir, com falta de vidros em muitas. Feia como quase todas as habitações de Cuiabá, estava, na época em que a vi, caiada de novo, e era tida como boa.

A construção, em geral, da cidade é péssima. Excetuarei a casa do comando das armas e a do coronel Pedro Corrêa.<sup>54</sup> A primeira, apenas de quatro vastos salões, com muita altura, é em extremo habitável e arejada; a segunda, bonita, elegante e moderna. O palácio, apesar de todas as reformas que se lhe têm feito, parece-me simplesmente detestável, e o calor que nele se sente toma proporções terríveis.

---

<sup>53</sup> Augusto João Manuel Leverger, Barão de Melgaço (1802-1880). Francês de nascimento e naturalizado brasileiro em 1942, foi geógrafo, historiador e militar da Marinha brasileira, tendo chegado ao posto de almirante e chefe de esquadra. Atuou na defesa de Cuiabá durante a invasão paraguaia, feito militar que o honrou, em 1865, com o título de Barão. Exerceu missões diplomáticas e por várias vezes a Presidência da Província de Mato Grosso. Publicou diversas obras sobre a região de Mato Grosso. É patrono da cadeira n. 11 da Academia Mato-Grossense de Letras (Mendonça, 1971, p. 86-87).

<sup>54</sup> A autora provavelmente se refere a Pedro Celestino Corrêa da Costa (1860-1932), farmacêutico, militar e político brasileiro que atuou como vereador (1908-1911), governador (1918-1922) e senador (1922-1930) por Mato Grosso (Brasil, 1986, v. 4, p. 2325; Wikipedia, 27 dez. 2023).

De bom aspecto a que serve de palácio Episcopal, mas, como todas, muito quente. O bom do bispo abafa positivamente no seu gabinete de trabalho. Quando o fomos visitar, atraiu-me a atenção um pobre castiçal de metal amarelo sobre a mesa, carregada de livros e papéis; tão areadinho,<sup>55</sup> tão limpo, que parecia ouro!

Achei tão bonito aquele castiçal! não sei se por fazer-me lembrar os que eu vira, quando na infância, nos serões da minha terra, em roda dos quais as pretas faziam rendas e crivos! E eu sempre a atrapalhá-las para que me contassem histórias; amimando-as com presentes que pedia a minha mãe.<sup>56</sup> E minha mãe, tão formosa, tão boa, a dar-me lenços brancos com ramagens coloridas para elas escolherem à vontade e com os quais ficavam tão alegres na sua triste condição de escravas!... Ah! bendito sejas, castiçal de latão! Não terias tentado a cobiça de ninguém; mas despertaste em mim as mais gratas e santas reminiscências – as do lar de meus pais!

A sala que serve de capela particular é, em compensação, muito ventilada. E em toda a morada do excelente prelado impera e paira calmo e religioso silêncio, que faz bem à alma e nos transporta para longe da terra.

Ao almoço, de que ele fez as honras com tanta brandura e modéstia, comeu-se muito e bem; porque realmente é a melhor cozinha de Cuiabá, preparada por um baiano, perito na sua profissão.

Ah! afastei-me do meu fim a falar-lhe em castiçal e na refeição no palácio episcopal.

Desculpe-me. O que acontecerá é que o senhor, ao concluir a leitura desta carta, terá mais trabalho em queimar do que em guardar, e nunca mais se lembrará de pedir-me notícias dessa longínqua capital do dilatado e imenso Mato Grosso. Bastar-lhe-á esta lição; mas quantas incidências!...

---

<sup>55</sup> Esfregado ou limpo com areia ou outras substâncias (Ferreira, 1975, p. 129).

<sup>56</sup> Não foram encontradas informações sobre a mãe de Maria do Carmo em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

A catedral,<sup>57</sup> graças aos esforços do Sr. Bispo,<sup>58</sup> acha-se decorada com grande decência, a par de muita simplicidade. Ali são celebradas, com todas as formalidades, as principais festas da igreja.

Bem colocada, domina, assim como o quartel do 21<sup>59</sup> um largo onde se erige pesado cruzeiro e do qual parte a principal rua de Cuiabá, que vai ter, ao porto, a *Rua Bela*.<sup>60</sup>

A igreja do Rosário<sup>61</sup> torna-se tão somente notável pelas lendas tradicionais e pelas escavações que se fizeram, mesmo no ponto em que está edificada. Buscava-se ouro, ouro sempre! Perto se vê o lugar onde a lenda diz que existe a célebre *alavanca de ouro*,<sup>62</sup> a respeito da qual há muitas histórias maravilhosas.

Na frente desse templo se ergue também um cruzeiro, o qual, como todos, impressiona sempre quem os contemple.

Nos braços daquele tinham os *forneiros*<sup>63</sup> fabricado dous ninhos. Que belo emblema, a cruz grande, negra, misteriosa!

De quanto amor, de quanto sofrimento e misericórdia não nos fala ela?!

---

<sup>57</sup> A antiga Catedral Basílica Senhor Bom Jesus de Cuiabá, fundada em 1723, foi demolida em 1968. A atual catedral foi construída no mesmo local, em 1973 (Biblioteca IBGE, c2025).

<sup>58</sup> Dom Carlos Luís d'Amour, 1837-1921 (Wikipédia, 1 jan. 2022).

<sup>59</sup> No local onde hoje está o Palácio da Instrução, próximo à Catedral, que atualmente abriga a Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça e o Conselho Estadual de Cultura de Mato Grosso (Biblioteca IBGE, c2025), instalava-se o 21º Batalhão de Infantaria, que em 1867 “integrou o Corpo Expedicionário em operações no Sul da Província de Mato Grosso, durante a Guerra da Tríplice Aliança e teve participação destacada, tanto [sic] na ação ofensiva realizada para expulsar o inimigo para além da fronteira brasileira” (Alves, 2016).

<sup>60</sup> Chamada anteriormente Rua “Bela do Juiz”, é a atual Rua 13 de Junho (Rua 13 de junho [...], 2024).

<sup>61</sup> A Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é uma igreja católica de Cuiabá. Foi erguida por volta de 1730, num local chamado Campo do Arnesto, à beira do córrego da Prainha. Por suas características únicas e interior no estilo barroco-roccocó, foi tombada em 1975 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Biblioteca IBGE, c2025).

<sup>62</sup> A autora contará essa história mais para frente. (N. do E.)

<sup>63</sup> É o nome dado no Rio Grande ao pássaro conhecido em outros estados por *João de Barros*. (N. da A.)

O que, porém, é muito notável ali, como em todos os arrabaldes de Cuiabá, é que não se dá um passo sem se encontrarem vestígios e sinais do muito que fizeram os antigos em busca do almejado metal.

Assim como as catacumbas de Roma têm, para o visitante que as interroga, eloquente linguagem, assim também aquele terreno, tantas e tantas vezes cavado e revolvido, fala-nos constantemente de uma ânsia e febre e desespero, que causa vertigem. E pela sua posse tantos crimes se cometem!

Confrange-se-nos o coração considerar aqueles poços e buracos... Tanto suor de milhares e milhares de desgraçados escravos neles caiu!... Quanta gota de sangue!

Ali, naquele açude de água pardacenta com tons avermelhados, feia, sinistra, a exalar cheiro pestilencial, trabalhou tanta gente; dali saiu tanto ouro! Segundo consta, chegaram até a tocar na lendária *alavanca de ouro*, que escorregava das mãos, entranhando-se mais e mais pela terra adentro.

Quanto gemido ali evoca a imaginação ao cair da tarde, quando o sol já desapareceu, e começam as sombras da noite a invadir e dominar a terra! Quantas fantásticas visões naquelas distâncias imensas!

Por toda a parte o mesmo terreno revolvido como que de entradas de fora... E da mesma forma, sempre o mesmo móvel. O ouro... o ouro! Nos quintais, nas ruas não calçadas, nos arrabaldes todos, a mesma ideia a se impor imperiosa, fatal, causando a mesma impressão penosa, acabrunhadora.

Fora, *cerrados*<sup>64</sup> por toda parte, e neles um ou outro pé maior, mais alto e frondoso de *lixeira*.<sup>65</sup>

No *Córrego da Prainha*,<sup>66</sup> que se prolonga pelo centro da rua desse nome, e depois de atravessar lugares menos habitados, vai morrer

---

<sup>64</sup> Tipo de vegetação de árvores baixas, retorcidas e, em geral, de cascas grossas (Ferreira, [1996], p. 384).

<sup>65</sup> O mesmo que sambaimba-de-minas-gerais (*Curatella americana*): árvore típica do cerrado, de folhas amplas e ásperas (Ferreira, [1996], p. 1543-1544).

<sup>66</sup> Importante córrego da cidade de Cuiabá que segue do centro da cidade até desembocar no Rio Cuiabá, na altura da cidade de Várzea Grande. Alimentou o desenvolvimento da cidade desde sua fundação, proporcionando água limpa para as casas coloniais, lazer e pesca para os

no Rio Cuiabá,<sup>67</sup> vi, após uma noite de chuva, negros velhos de pernas finas e compridas com a sua bateia a *pescarem* ouro. A um deles perguntei quanto esperava colher naquele dia, pois eram 7 horas da manhã: “Quem sabe? O que se pode *achá* gente leva ao sinhô Matto, e ele dá dinheiro.” Parou e tornou: “Quando eu era moço, sim, sinhô, muito ouro eu *juntô* pra branco!”

Coitado! Nem um real para esse negro velho, alquebrado pelos anos, do muito que lhe passara pelas mãos! Calças esfarrapadas! Pedaços de trapos por camisa!

Aquele Sr. Mattos<sup>68</sup> era o meu fornecedor, e em seu poder vi, uma vez, um frasco cheio de ouro em pó faiscado, assim no valor de 1:700\$ooo. Dele comprei duas pequeninas pepitas, que conservo em um alfinete com a forma primitiva.

Naquele mesmo córrego da Prainha há abundância de lixo, detritos e animais mortos. Por ali andam porcos bem vivos em contínua busca de alimentos.

O arsenal de guerra, como mostra a fotografia, é bonito e nele havia muito asseio e ordem.

Em lugar apropriado fora ali montado, com instrumentos oferecidos pelo Dr. Pedro Vogel,<sup>69</sup> que pessoalmente dirigiu a colocação, um ligeiro observatório meteorológico, do qual se mandavam regularmente observações ao Dr. Cruls<sup>70</sup> e para Hamburgo. Esses instrumentos,

---

moradores, tendo sido navegável. Com o desenvolvimento da cidade e expansão urbana, seu volume de água foi diminuindo, tornando-se totalmente poluído, e, na década de 1960, teve o curso modificado para facilitar o lançamento de detritos, acabou canalizado e por fim coberto (Silva, 2007, p. 166-173).

<sup>67</sup> Rio do Mato Grosso, com 980 km de extensão, que nasce no município de Rosário Oeste e deságua no Rio Paraguai, passando pela cidade de Cuiabá, capital do estado (Ferraz, 2022).

<sup>68</sup> Não foram encontradas informações sobre essa pessoa em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

<sup>69</sup> Peter Johann Vogel (1856-1915), matemático, geógrafo, físico, astrônomo e geólogo alemão que acompanhou a segunda expedição de Karl von den Steinen pela região do Xingu, realizando estudos geográficos, geológicos e astronômicos (Haas, 2020).

<sup>70</sup> Louis Ferdinand Cruls (1848-1908) foi um astrônomo e geodesista belga que trabalhou a maior parte de sua vida no Brasil. Foi diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, professor do Ginásio Fluminense e responsável pelo mapeamento do Planalto Central, onde seria construída a capital Brasília, em 1960 (Wikipédia, 27 nov. 2023).

graciosamente oferecidos por aquele viajante, consta-me desapareceram ou ficaram inutilizados. Pelo menos cessaram as remessas de observações, a que ligava tamanha importância o diretor do observatório de Hamburgo.

Esplêndido o panorama que se aprecia da sala do sobradinho do arsenal! Vastíssimos horizontes, destacando-se ao longe a azulada serra da Chapada, com o seu prolongado planalto.

Muito bonito, muito pitoresco também, o local onde está a máquina da Hidráulica, à margem do rio. Às duas pequenas *chalanas* ou barquinhas que se notam na fotografia estão presos os fios da barca pêndulo, que faz o serviço da passagem e que, movida apenas pela correnteza do rio, desliza mansa e suavemente de uma para outra margem. Levam-se nela os cavalos encilhados e logo se encontra outro terreno completamente diverso do de Cuiabá, coberto de uma vegetação mais vistosa e forte, lindos vargedos, cercados de bonitas árvores, que, apesar de menos desenvolvidas, me fizeram lembrar os do meu Jaguarão Chico, onde meu pai tinha uma estância!

Sinto bem não poder descrever-lhe devidamente o lugar onde fica o Seminário. Em uma eminência bastante elevada, alteia-se o vasto edifício, sem arquitetura alguma que o recomende, com a sua capela ao lado, sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Defronte desta abre sobre grande parte da cidade os braços amorosos o mais imponente dos cruzeiros.

Uma cruz de pau, tosca e mal trabalhada, igual em tudo às outras, mas que, ali, toma maiores proporções e parece falar tão alto aos corações verdadeiramente crentes! Ao redor dela (e isto acontece com todas) veem-se, à noite, muitas velazinhas acesas; promessas, cumprimento de votos.

Linguagem muda de prece, esperanças e lágrimas, não são tão tocantes aqueles pontozinhos luminosos que tremeluzem na escuridão das noites, como símbolos de fé, bem modesta sim, mas intensa, ardente: e a contar-nos, rompendo densas trevas, poemas singelos de crença sincera, viva e consoladora?!

Entre os muitos pontos de vista lindíssimos que possui Cuiabá, é do Seminário<sup>71</sup> que vemos desdobrar-se um dos mais soberbos panoramas. Tive a fortuna de, muitas vezes, apreciá-lo com todo o vagar, pois ali passei 24 dias em busca de melhorias para a saúde gravemente comprometida de pessoa íntima da família.

Estava o edifício de pouco restaurado, mas completamente desmobiliado e desguarnecido, tendo apenas sobre duas portas, um defronte do outro, os retratos dos bispos D. José,<sup>72</sup> o velho, o Santo D. José (como o chamam), o bondosíssimo D. José, e D. Carlos,<sup>73</sup> o incansável, o laborioso, o virtuoso D. Carlos.

Ignorava eu o costume que há de tocar-se alvorada com instrumental em certos dias, quando, na madrugada de 2 de dezembro, fomos despertados ao som do Hino Nacional.

Vesti-me apressadamente, abri uma janela, da sacada, e vi duas bandas militares embaixo, a saudarem com a mais eletrizante das músicas o raiar daquele grande dia, tão grato ao Brasil e tão justamente festejado outrora!

O nosso Hino Nacional naquelas alturas! ao romper da aurora! quebrando o silêncio daquela solidão com os seus vibrantes acenos por entre as emanações suaves de uma manhã soberba, cheia de perfumes inebriantes, desconhecidos! Demos aos músicos que nos

---

<sup>71</sup> Seminário da Conceição, ou Seminário Nossa Senhora da Conceição, localizado em Cuiabá (MT), no Morro do Bom Despacho, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho. Sua construção foi iniciada em 1858 por Dom José Antônio dos Reis e concluída em 1882 por Dom Carlos Luís D'Amour. O edifício, de arquitetura colonial, à base de paredões de adobe, vigas de aroeira e divisórias de pau a pique, é tombado pela Fundação Cultural de Mato Grosso desde 1977 e atualmente abriga o Museu de Arte Sacra de Cuiabá (Biblioteca IBGE, c2025).

<sup>72</sup> Dom José Antônio dos Reis (1798-1876), além de prelado da Igreja Católica, foi o primeiro aluno formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco e o primeiro bibliotecário público de São Paulo. Esteve presente na coroação de D. Pedro II, em 18 de julho de 1841. Atuou como bispo de Cuiabá de 1832 a 1876. Fundou o Seminário da Conceição, em Cuiabá, cuja construção iniciou-se em 1858, mas foi concluída em 1882 por Dom Carlos Luís D'Amour, seu sucessor (Wikipédia, 25 out. 2024).

<sup>73</sup> Dom Carlos Luís d'Amour (1837-1921), religioso, professor, literato e escritor brasileiro. Foi bispo de Cuiabá de 1877 a 1910, sucedendo Dom José Antônio dos Reis. Concluiu em 1882 a construção do Seminário da Conceição, iniciada pelo seu antecessor em 1858. Foi o primeiro arcebispo da arquidiocese de Cuiabá, quando a diocese foi elevada a arquidiocese em 1910 (Wikipédia, 1 jan. 2022; Cometti, 1994).

haviam proporcionado impressões tão agradáveis tudo quanto tínhamos em garrafas de vinho e *cognac*.<sup>74</sup>

Foi na ladeira do Seminário que conheci uma planta muito aromática. Cobre quase toda a colina e, quando agitada pelo vento, exala perfume tão delicado e penetrante ao mesmo tempo que o ar fica totalmente embalsamado.

O porto de Cuiabá<sup>75</sup> é o que lhe mostra a fotografia, solitário sempre e apenas visitado pelas lanchas a vapor que levam as cargas do comércio e pelos vapores da linha, nas suas viagens quinzenais. Os vasos de guerra da esquadilha poucas vezes lá vão ter, até pela dificuldade que oferece a passagem do *Uacurutuba*,<sup>76</sup> com as suas rápidas e repetidas voltas, aliás interessantes quanto possível. Lembra-me de episódio muito curioso, quando por lá passei, subindo a primeira vez a bordo do *Coxipó*.<sup>77</sup> Por causa do grande calor, dormitava em uma rede, quando as extremidades dos galhos de uma árvore na barranca curvaram-se, estalando e quebrando-se nos varões de ferro a que estava presa a tal rede, e me cobriram de folhas e também de formigas.

Daí a poucos instantes, do lado oposto, outro ramo de árvore arrebatava o travesseirinho de uma senhora que dormia no banco, e que por felicidade naquele momento acordara e levantara a cabeça! Lá ficou alvejando ao luar o pequeno travesseiro com a sua fronha de crivos feita no Pará!... E a gente de tudo se ria por servir qualquer incidente de distração nessa variadíssima mas longa viagem, da qual conservo tão boas recordações.

---

<sup>74</sup> Do francês: conhaque. Aguardente de vinho originalmente fabricado em Cognac, França (Ferreira, [1996], p. 454).

<sup>75</sup> Antigo Porto Geral da cidade de Cuiabá, localizado à margem esquerda do Rio Cuiabá, construído na década de 1720 para ligar Cuiabá ao centro político e econômico do Brasil (Biblioteca IBGE, c2025).

<sup>76</sup> Rio de curso sinuoso, situado no estado de Mato Grosso, cuja travessia era considerada difícil, conforme relatos do século XIX. Apresentava curvas acentuadas e frequentes, enquanto a vegetação marginal, com árvores inclinadas sobre as águas, dificultava ainda mais a navegação (*O Debate*, 1913; *O Matto-Grosso*, 1918, 1920).

<sup>77</sup> O vapor *Coxipó*, foi o primeiro e único navio a ostentar esse nome na Marinha do Brasil, em homenagem a esse rio do Mato Grosso. Em 1869, esteve incorporado à Flotilha do Mato Grosso (Vapor *Coxipó*, [s.d.]).

O que é, porém, a vida! Aquela senhora chora hoje não o seu travesseirinho perdido nas margens de *Uacurutuba*, mas o bom e extremoso esposo, falecido no Piauí, pouco tempo depois de terem voltado de Mato Grosso.

Sabe, porém, que estou com pena do senhor? Realmente é abusar da sua bondade obrigá-lo a ler estas minhas desalinhadas informações, tantas vezes cortadas de fatos ou lembranças que em nada o podem interessar. Tenha paciência, e já agora leve a cruz ao Calvário.

Quanto à parte moral de Cuiabá, isto é, costumes e modo de viver dos seus habitantes, afasto-me completamente do como os tem apreciado a maior parte dos que lá têm ido nas mesmas condições que eu: aves de arribação, sem tempo bastante para os observar devidamente e julgar de modo definitivo, que entretanto os criticam a torto e a direito, dando lugar a injustos conceitos sobre o povo cuiabano. Notam-se ali – verdade é – não poucos defeitos de educação, mais inveterados talvez do que em outras zonas do Brasil – onde os há também. Costumes bons e maus, como em toda a parte, mas sem nada de extraordinário que deva aguçar a severidade da crítica. Fiem-se, porém, na imparcialidade dos que se metem a censores e juízes! Possuem os mesmos defeitos, que lhes causam, contudo, o mais carrancudo reparo e de tudo pretendem fazer motivo de espírito, aliás, falso e ensosso.

É indescritível a paixão que em Cuiabá há pela dança. Longas distâncias são vencidas para se ir a um *baile*, nome dado a qualquer reunião dançante, por mais simples que seja.

Todo batizado, aniversário ou casamento tem *baile* por força, e triste de quem não se pode dar ao luxo de uma alvorada de música militar.

Vivem, por isto, os pobres dos músicos em verdadeiro rodopio, sem contar as tardes e as noites de quartas-feiras e domingos, em que tocam no jardim em frente ao palácio da presidência.

Fica então esse jardim repleto de senhoras, que, por falta de cadeiras e bancos suficientes, ali estão horas e horas a caminhar sem cessar de um lado para outro.

A única festa particular verdadeiramente digna de menção que houve durante a minha estada em Cuiabá foi o baile por ocasião do casamento da última filha do Barão de Casalvasco.<sup>78</sup> À profusão, às luzes e ao bom gosto em tudo se juntavam a distinção e maneiras corretas da família toda.

É uma gente de costumes simples e severos, e tanto a baronesa como as três filhas, todas casadas com dignos cavalheiros, são modelos de esposas e de mães. E já que falo em senhoras distintas, cumpro um dever mencionando D. Maria Leopoldina Fontes,<sup>79</sup> pessoa muito inteligente, proprietária da *Usina do Aricá*,<sup>80</sup> e hoje viúva. Era então casada com o coronel Fontes,<sup>81</sup> honrada influência política no baixo Cuiabá. Um dia, o profissional que montava as máquinas do engenho sentiu-se um tanto atrapalhado com imprevista dificuldade. Pois bem; foi ela que a resolveu, e, dali em diante, quando não havia quem dirigisse o serviço de maquinista, tudo dependia da sua atividade, o que era causa de muito orgulho e satisfação por parte do marido, que a adorava.

E não se pense que se descuidava com isso dos afazeres domésticos.

Bonita, ainda moça, via e inspecionava tudo com encantadora solicitude. No engenho, que é também importante fazenda de criar, fazia as honras da casa a todos com a maior gentileza e naturalidade.

Especializo certos nomes para lhe mostrar como podem ser representadas as senhoras de Cuiabá; mas, se tivesse de citar outros, não

---

<sup>78</sup> Firmino José de Matos (1824-1892), formado em Ciências Jurídicas e Sociais, foi chefe de polícia, juiz, deputado e desembargador do Mato Grosso. Recebeu o título de Barão de Casalvasco em 1889 (Mendonça, 1971, p. 97).

<sup>79</sup> Maria Leopoldina da Silva Fontes (18--? 1920). Após a morte de seu marido, Manoel Antônio da Silva Fontes, assumiu a administração da usina do Aricá até seu falecimento (Paes, 2022).

<sup>80</sup> Uma das mais antigas usinas de açúcar e aguardente de Mato Grosso, localizada às margens do Rio Cuiabá, no município de Santo Antônio do Leverger. Seu empreendimento teve início por volta de 1885 pelo tenente-coronel Manoel Antônio da Silva Fontes e sua esposa, Maria Leopoldina da Silva Fontes. A propriedade passou por diversos donos ao longo dos anos, encerrando suas atividades industriais por volta da década de 1970. Hoje, a área é utilizada para pecuária, restando apenas sua icônica chaminé (Paes, 2022).

<sup>81</sup> Tenente-coronel Manoel Antônio da Silva Fontes: conhecido como Manoel Fontes, foi um político e empreendedor de Livramento (município de Nossa Senhora do Livramento/MT) (Paes, 2022).

podia deixar de salientar o de D. Demethilde Metello,<sup>82</sup> por tantos títulos digna da maior estima.

Tivesse ela nascido homem, marcharia na vanguarda daqueles que são capazes de grandes empreendimentos, a bem do incremento da sua terra. Viúva do Dr. Metello (irmão do que esteve aqui), educara uma filha já mocinha com exemplos de peregrina virtude e pensara em preparar os dous filhinhos, de modo a torná-los úteis a si e à pátria.

Dizia-me muitas vezes que uma das causas do atraso que se notava em Cuiabá era o indiferentismo dos seus comprovincianos, e que esperava em Deus poder ainda ver uma geração com ideias mais adiantadas e progressistas.

Com efeito o seguinte fato me pareceu justificar esse conceito. No dia que se assinou o contrato da linha de *bonds*, dizia uma pessoa formada e de certa influência: “Ora, tudo isso não passa de sonhos! Pois esta terra há de algum dia ter *bonds*? Gás e *bonds* nunca hão de vir cá.”

Era um pessimista ou um descrente?

Nem de propósito; daí a momentos chegava D. Demethilde, e como lhe dessem a notícia: “Que prazer!”, exclamou. “Amanhã vou mandar tomar ações para mim e para os meus filhos. Quero que eles ajudem a companhia na realização de tão grande benefício!” Quem tinha razão? Ela, a cuiabana inteligente e amiga do progresso, que pensava até convicta no caminho de ferro de Cuiabá ao Rio de Janeiro, ou os que pensavam de modo diverso?

Ela sem dúvida, porque o *bond* já se tornou uma realidade em Cuiabá, pelo menos assim suponho, pois houve inauguração da empresa. Verdade é que há quase seis anos que estou longe de lá.

A esse importante melhoramento estava ligado o do matadouro, cuja construção foi uma das obrigações do contrato. Deve, portanto, ter desaparecido o original *carro de bodes*, que conduzia a carne para os açougues.

---

<sup>82</sup> Não foram encontradas informações sobre essa pessoa em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

Uma tarde, assentados no jardim, ouvíamos o Dr. Morsbach<sup>83</sup> (alemão que viajava e estudava zonas e climas do Brasil) censurar a falta de iniciativa da gente da terra. “Nem sequer”, dizia ele, “se lembraram ainda de plantar árvores na principal e extensa rua que vai ter ao porto, e pela qual transitam todos constantemente sob os ardores de sol entontecedor e sobre um calçamento que escalda!”. Aí observaram-me em aparte: “Que estúrdio!<sup>84</sup> vir falar em plantar árvores em Mato Grosso, como se já não tivéssemos tantas em todos os quintais e por toda a parte!”

Não se comenta! E era um médico que se fazia eco convencido de quanta ideia rotineira e retrógrada há por aí, patenteando sempre má vontade para com todos que não estivessem de acordo com o seu carrancismo.

Há mulheres bonitas e muitas mocinhas alegres, vivas e interessantes. Em geral, as cuiabanas procuram logo relacionar-se com as pessoas de alguma distinção que chegam. Se encontram agrado e reciprocidade, tornam-se em extremo afetuosas, mostrando quanto apreciam a sociabilidade e as vantagens que dela decorrem.

---

<sup>83</sup> O Dr. Th. Morsbach fez um estudo meteorológico sobre o Mato Grosso e o Paraguai, publicado na *Revista Marítima Brazileira*, em 1888 (Morsbach, 1888). Não foram encontradas outras informações a respeito do estudioso. (N. do E.)

<sup>84</sup> Esquisito; leviano (Ferreira, 1975, p. 593).

## Rio Paraguai – Vila Maria<sup>85</sup>

|

Sem liberdade de evocar recordações que não sejam tristes, sem as impressões do momento, e sem saber contar as cousas como merecem ser contadas, dificilmente poderei descrever a viagem que fiz a S. Luiz de Cáceres, outrora Vila Maria.

Vou, entretanto, tentar, ainda que palidamente, dar ideia do que ela foi e principiarei por um dos seus mais animados episódios, nada mais, nada menos – uma caçada de tigres!

E por quem? por um índio, sem outras armas que o arco e a flecha!

Subíamos o Alto Paraguai e atravessávamos as 50 e poucas léguas, onde não se vê habitação alguma, a não ser uma ou outra palhoça de índio, abandonada por causa da enchente das águas.

O rio, naquele ponto extremamente largo e majestoso, oferecia-nos à vista prolongado estirão, que o vapor ia vencendo graciosamente.

Eram 9 horas da manhã.

Acabava o criado de anunciar o almoço, servido no tombadilho do bonitinho e asseado vaso de guerra *Antonio João*,<sup>86</sup> quando sentimos que parava de repente.

Os marinheiros gritaram à proa “uma onça!”

---

<sup>85</sup> Povoação fundada com índios em 1768 pelo capitão-general Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres, com o nome de *Vila Maria*, em honra a D. Maria I, e ereta em paróquia em 1780, sob a invocação de *S. Luiz*. Por leis provinciais posteriores foi elevada à categoria de vila e de cidade com a denominação de *S. Luiz de Cáceres*, em memória do seu fundador. (N. da A.)

<sup>86</sup> “Vaso de guerra” é um termo que significa navio de guerra. O *Antonio João* foi o primeiro navio da Marinha do Brasil a receber esse nome, uma homenagem ao tenente de cavalaria Antônio João Ribeiro, herói de Dourados. Originalmente pertencente à Companhia Fluvial do Mato Grosso, o navio foi adquirido em 1867 pelo Dr. Couto de Magalhães, que o rebatizou como *Antonio João* (Vapor *Antonio João*, [s.d.]).

Como, porém, aquilo não era motivo para interromper-se a marcha, pois que quase diariamente são vistas onças atravessando o rio de um lado a outro, acrescentaram logo: “E lá vem um índio num charuto<sup>87</sup> a persegui-la.”

Corremos todos e vimos o índio, de pé, na pequenina embarcação, encurvar o arco e desfechar uma flecha e depois outra.

A primeira não acertou; mas a segunda com certeza alcançou a fera, que agitou um pouco a água, ergueu por instantes mais a cabeça e, sem parar nem desviar-se da reta que levava, apressou mais o movimento.

Foi um alvoroço!

Alguns marinheiros pediram licença ao comandante para arriarem uma chalana, na qual saltaram armados de machados e espingardas.

Uma verdadeira caçada de tigres!

Tomei-me de tal emoção que não pude conter-me e disse àqueles homens que esperassem por mim.

O comandante, vendo a minha disposição, entendeu que não devia mostrar-se menos *valente* e, desarmado, ofereceu-me a mão para descermos à chalana. Outros companheiros nos imitaram.

Aos gritos de uma afilhadinha que levara comigo, caí, porém, em mim e lembrei-me que o meu lugar não era naquela chalana, a correr os azares de semelhante caçada.

Por maior que fosse o desejo de ajudar o nosso índio, tornei ao vapor e ali fui esperar o resultado da perseguição.

Não querendo o comandante dar parte de fraco, lá foi com o ajudante de ordens, que, como verdadeiro amador, esquecera o chapéu.

Os marinheiros estavam sôfregos.<sup>88</sup>

Quando voltaram, contaram-nos que, reunidos ao índio, tinham visto a fera meter-se pelo capinzal da margem do rio, onde encontraram os rastros pintados de sangue.

---

<sup>87</sup> Pequenina canoa a que dão esse nome. (N. da A.) Pequeno barco guiado por um remo com pá em ambos os lados (Aulete, 1968, v. I, p. 776). (N. do E.)

<sup>88</sup> Impacientes (Ferreira, 1975, p. 1327).

O índio tinha desferido todos<sup>89</sup> as flechas. Quanto às balas dos nossos, nenhuma acertou.

Haviam saltado no pantanal e voltaram cheios de lama.

Houve ocasião em que o comandante, julgando a terrível fera perito, aproximou-se a uma árvore disposto a todas as ginásticas para subir os galhos, tendo o prévio cuidado de chamar, para junto de si, um marinheiro de cor preta...

Naqueles apuros, dizia-nos com espírito, lembrara-se de ter ouvido contar que no norte há a crença de que, entre um branco e um negro, a onça sobre este se atira.

O índio acompanhou a chalana no seu *charuto*.

Era moço e franzino e respondeu a todas as perguntas com a voz lenta e melodiosa dos índios.

Vestia apenas uma calça curta e tinha em um dos pulsos uma tira de pano amarrado; ferimento feito pela garra de um daqueles animais, sete dias antes!

Era *Guató*<sup>90</sup> e já havia morto<sup>91</sup> oito tigres, o que lhe dava direito de possuir oito mulheres; privilégio do caçador, que pode ter tantas esposas quantas onças tiver derrubado.

Não poderão casar antes de praticada tal proeza e flechado, pelo menos, uma.

Muito destros naquelas caçadas, formam uma tribo prestes a extinguir-se.

A varíola<sup>92</sup> dizimou-os extraordinariamente. Os que restam vivem de permutas e do negócio com peles das onças.

---

<sup>89</sup> Conforme original. Possivelmente um erro tipográfico. (N. do E.)

<sup>90</sup> Tribos de indígenas canoeiros que foram considerados extintos na metade do século xx, sendo encontrados alguns remanescentes em 2008 na periferia de Corumbá. A língua, considerada isolada, traz características do tronco macro-jê (Instituto Socioambiental, [2024]).

<sup>91</sup> Conforme o original. O particípio irregular do verbo *matar* (*morto*) era comumente usado nesse tipo de construção sintática. Atualmente, é mais usual utilizar o particípio regular: “já havia matado oito tigres”. (N. do E.)

<sup>92</sup> A varíola é uma doença infecciosa grave causada por vírus, caracterizada por febre alta, fadiga, dores e erupções cutâneas. Foi erradicada globalmente em 1980 (Santos, 2022).

Disse-nos que ia ao rancho buscar o seu cachorro e novas flechas, pois sabia onde encontraria a onça ferida.

Satisfeito com os presentes que inesperadamente ganhou, lá se foi o pobre e corajoso do índio continuar sozinho a perseguição, enquanto o *Antonio João* recomeçava a marcha, interrompida por tão interessante incidente.

Foi só então que nos lembramos que estávamos todos morrendo de fome e tratamos de almoçar.

Também índios, onças, jacarés e macacos eram, desde que havíamos partido de Cuiabá, quase sempre o assunto das nossas conversas. Imagine-se daquele momento em diante!

O vapor tinha de parar muitas vezes para tomar lenha, e havia muita ocasião de satisfazer a nossa curiosidade.

O ajudante de ordens, moço cuiabano de esmerada educação e de maneiras em extremo corretas, distraía-se atirando em quanto macaco avistava.

Não podia ocultar as saudades da noiva, uma das mais bonitas moças de Cuiabá, com quem mais tarde casou e que em pouco tempo deixou viúva!

Pobre moço!

Por felicidade, porém, para os inocentes bichos, escapavam todos.

Nenhum tiro acertava, e ele disfarçava a sua pouca destreza fazendo destruição de inofensivas rolinhas.

Estimulado com os gracejos dos companheiros de viagem, com que satisfação voltou certa ocasião, carregando o maior e mais feio dos macacos pretos!

Um genuíno bugio, cuja pele foi imediatamente tirada para atestar o brilhante feito cinegético!...<sup>93</sup>

O médico, dotado de muito bom gênio e excessivamente míope, passava os dias a mudar a isca dos anzóis, sem nunca apanhar nem ver os peixes que desejava pescar, para mostrar a sua habilidade e paciência.

---

<sup>93</sup> Pertencente ou relativo à caça (Ferreira, 1975, p. 327).

Coitado! como o ajudante também tinha de morrer dentro em breve!

*Os mortos vão depressa!*

Mas... voltemos aos tigres.

Uma vez, de madrugada, ainda raiava a estrela d'alva com fulgurante beleza, e eu sem poder dormir, já pelo excessivo calor, já por ter de defender-me como Deus me ajudava contra enxames de mosquitos.

De repente, ouvi uns rugidos surdos, tenebrosos, que me encheram de terror, e os ecos prolongaram repetindo.

Eram tigres, que, certamente bem perto, saudavam o romper da aurora, despertando aquela natureza selvática com hinos lá a seu modo, sem dúvida em época de amores, lutas e rivalidades.

E, passado o primeiro susto, achei graça naqueles sons estranhos que apavoraram todos os animais da floresta.

Mas que horror a invasão dos mosquitos!

Cada vez que o vapor passava, rompendo algum dos grandes *camalotes*<sup>94</sup> amontoados à margem do rio, verdadeiras e compactas nuvens dos malvados insetos desprendiam-se deles e tornavam-se nossos hóspedes, aos milhares, aos milhões!

Cercavam-nos, picavam-nos sem dó nem piedade. Um inferno!

Todos os mosquiteiros e gazes mal nos defendiam de tão insuportável agressão!

Como tudo, porém, tem um termo e aquele suplício não era contínuo, não abandonávamos as nossas manias, indagações e perguntas.

Foi assim que, na barranca do *Tucum*,<sup>95</sup> pouco abaixo da foz do Jauru,<sup>96</sup> onde paramos para tomar lenha, soube do lenhador que, ao fazer um buraco para fincar um esteio, havia encontrado um pote de barro!

---

<sup>94</sup> Ilhas flutuantes que descem os rios, formadas de plantas aquáticas (Ferreira, 1975, p. 260).

<sup>95</sup> Região às margens do Rio Paraguai, ao sul do Rio Jauru, entre os municípios de Cáceres e Porto Murtinho, no sul do Mato Grosso (Centro de Hidrografia da Marinha, 2012).

<sup>96</sup> Rio do Mato Grosso que nasce na Chapada dos Parecis e desemboca no Rio Paraguai, com 390 km de extensão (Wikipédia, 28 mar. 2023).

Precisando de uma vasilha para água, com muito trabalho tinha tirado aquele.

Disse-me também que, plantando uma rocinha de feijão, verificará que havia enterrados potes muito maiores, os quais nem pensara tirar, por ser trabalho muito difícil.

Infelizmente tinha o vapor pressa de partir. Só pude dizer ao lenhador que, na volta, passaríamos por lá e me guardasse o pote.

Quando, com efeito, regressamos, avistei logo à barranca várias mulheres e alguns homens descalços.

Eram todos moradores da fazenda, cuja proprietária, sabendo pelo lenhador que passaríamos ali na volta, viera ver-me e oferecer-me, com um bonito casal de galinhas amarelas, o mais precioso dos presentes, um machado de pedra!

A boa senhora, ciente das minhas perguntas, lembra-se de dar-me aquele machado encontrado nas matas da fazenda, havia muitos anos, e ao qual não ligava a menor importância!

As outras mulheres, agregadas e comadres da proprietária, deram-me ovos e frangos, mas muito acanhadas, sem falar, como receosas de incorrerem em censura.

Coitadas! Como se enganavam! Como lhes fiquei reconhecida pela felicidade que me deram com as suas ofertas singelas e sinceras!

Era preciso, porém, apressar a viagem.

Tratei da minha *exploração*, acompanhada do bom lenhador, que certamente me tomou por ente bem excêntrico, tão admirado ficava com o que me via fazer.

Olhavam-me aquelas mulheres com tanta curiosidade!

Fomos primeiro a um ponto, onde, depois da nossa passagem, havia ele descoberto outro pote, mas logo vimos que era impossível fazer-se nada ali.

No centro daquela panela nascera e crescera uma grande árvore, que me pareceu secular.

Curiosíssimo vê-la sair de dentro do túmulo indígena, todo trançado de raízes!

Como era interessante tudo aquilo!

Na roça de feijão e mandioca, verifiquei que estávamos em um cemitério indígena. Mas de que tempo?

Um daqueles índios presentes, que trabalhavam na fazenda, velho, com o bigode e cabelos brancos, informou-me que o pai, morto de velhice, nunca lhe falara que por ali tivesse havido outra tribo.

Em todo caso, os potes não eram usados pela gente dele.

Seria de alguma tribo extinta?

Quantas conjecturas, e que veemente desejo de poder levar daquela escavação alguma cousa de valor incontestável!

No ponto indicado pelo lenhador começou-se a cavar, e eu dirigia aquele trabalho com ansiedade e interesse, como se se tratasse de uma mina de ouro!

Por fim descobrimos dous grandes potes juntos, colocados em linha, havendo outros em seguida. Mas que trabalho para tirar-lhes as tampas! Uma delas esborrou-se<sup>97</sup> toda; outra conseguimos tirar, mas em vários pedaços, que ainda hoje conservo.

Estavam completamente cheios de terra, e para sacá-los era preciso previamente esvaziá-los.

Quantas recomendações da minha parte, e quanta fadiga nos que me ajudavam!

Repentinamente apareceu uma panelinha muito bem conservada, depois outra... dali a pouco um pedaço de pau...

Julgando que fosse um osso, não quis que ninguém tocasse nele, para eu mesma tirá-lo com todo o cuidado.

Qual a minha surpresa, quando descobri um cachimbo de barro, muito bem trabalhado, tendo adaptado a um orifício um pequeno osso de macaco; perfeitamente conservado!

O resto eram os ossos, quase reduzidos a poeira, de esqueleto humano.

Guardei pequenos fragmentos que com a remoção da terra iam aparecendo.

---

<sup>97</sup> Esboroar: fragmentar-se, desfazer-se (Houaiss, 2004, p. 1196).

Quando me convenci da impossibilidade de tirar um daqueles enormes potes, saltei dentro.

A boca dava-me pelos peitos; tinha de diâmetro 95 centímetros.

O tempo, porém, passava!...

Havia três horas e meia que trabalhavam sete homens.

Não se podia demorar mais, e tive de contentar-me em guardar da interessante escavação aqueles objetos, não falando no pequeno túmulo que servira por alguns dias de jarra de água ao bom lenhador.

Parece-me bem satisfeito com a indenização que lhe dei.

Quando, de volta a Cuiabá, contei e mostrei ao Dr. von den Steinen<sup>98</sup> (chefe da comissão alemã exploradora do Xingu) o meu achado, classificou-o de precioso.

Lamentou não nos ter acompanhado em tão curiosa excursão e disse-me que era mesmo impossível explorar um daqueles túmulos, sem muito vagar e ferramentas apropriadas, pois era preciso ir desenterrando-os pouco a pouco.

Não tivesse de voltar a Berlim em tempo determinado, e iria ao Tucum a bem dos interesses da ciência.

||

Voltamos à barranca,<sup>99</sup> onde me despedi daquela boa gente, dando-lhe doces e laranjas e trazendo daquela visita tumular sentimento triste e inexpressível, embora saudoso.

---

<sup>98</sup> Karl von den Steinen (1855-1929), médico e etnólogo alemão. Publicou dois livros sobre as expedições científicas que fez à região do Xingu: *Durch Central-Brasilien*, em 1886 (*Pelo Brasil central*) e *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiiliens*, em 1894 (*Entre os aborígenes do Brasil central*) (Petschlies, 2021; Wikipédia; Biblioteca Digital Curt Nimuendajú).

<sup>99</sup> O mesmo que *barranco* (Ferreira, 1975, p. 187). Refere-se à Barranca do Tucum.

Entre aquelas mulheres havia uma índia muito moça, que carregava ao braço um filhinho de 4 meses e trazia no ombro esquerdo um quati por ela domesticado.

Era batizada, chamava-se Maria. Como as outras acompanhou-me sempre, e notei que muitas vezes me olhava com melancólica simpatia.

Abracei-a antes de embarcar.

Quando o vapor partiu, ao passar o último ponto do qual ainda podia ser vista a barranca sobre a qual estava a casinha do lenhador, vi a índia em pé à beira do rio e disse-lhe adeus com o lenço.

Ela correspondeu, levantando o filhinho tantas vezes quantas eu lhe acenava com o lenço!

Coitada! que impressão ter-lhe-ia causado a minha presença na sua boa alma?!

E não é que sinto saudades da índia?

Nunca, nunca mais hei devê-la!

Lembrar-se-á de mim, ela que *jamais tinha visto uma mulher de presidente!*<sup>100</sup>

De fato, creio que era eu a primeira que, subindo o Alto Paraguai, chegara a S. Luiz de Cáceres, e os acontecimentos políticos que depois se deram fizeram com que também houvesse sido a última.

Passamos, tanto na ida como na volta, pelo estabelecimento Cibilis, no Descalvado,<sup>101</sup> onde vi grande número de bolivianas, mulheres dos empregados e trabalhadores.

Moram em casinhas alinhadas e limpas, onde me ofereceram mate, que não tomei.

É muito original a forma por que trajam. Vestiam compridas e amplas camisolas de chita, com ramagens de cor, em fundo claro

---

<sup>100</sup> Maria do Carmo era esposa do presidente da província de Mato Grosso, Francisco Raphael de Mello Rego (1823-1904). (N. do E.)

<sup>101</sup> Compagnie des Produits Cibils, empresa fundada na Bélgica pelo uruguaio Jaime Cibils Buxareo, que adquiriu, em 1895, a fazenda Descalvados, localizada a cerca de 135 km ao sul de Cáceres (MT), à margem direita do Rio Paraguai. A companhia enlatava toneladas de carne, que eram enviadas, por via fluvial, para os Estados Unidos e Europa. Atualmente, a fazenda é tombada pela Secretaria de Cultura de Mato Grosso e oferece atividades de educação ambiental e ecoturismo (Cáceres, Fazenda [...], [20--?]; Cáceres: tentativa [...], [20--?]).

quase sempre, e que, frouxas no pescoço, não deixam ver nem sequer os pés.

Dão a isto o nome de *tipoia*.

São simpáticas e todas índias.

Havia também algumas paraguaias, que, mais desembaraçadas, gostavam de conversar e me fizeram muitas perguntas.

Depois de visitar todo o estabelecimento, assentei-me à porta de uma daquelas casinhas, a mais próxima do rio, enquanto o vapor acabava de tomar lenha e chegava a rês que tinham de matar para levarmos.

Conversava com várias mulheres, que tomavam mate em uma cuia toda enfeitada de prata.

Repentinamente passou perto do lugar onde estávamos, urrando desesperadamente e presa por três grandes laços, a pobre rês!

Era muito bravio e os homens que a tinham laçado, verdadeiros gaúchos, montavam com o mesmo abandono e confiança que os da minha terra, e usavam os mesmos arreios!

Inteira semelhança, até no modo de matar o animal.

Ali estava avivando reminiscências, quando veio completá-las um caracará<sup>102</sup> a perseguir uma galinha, que fugia espavorida, defendendo os filhinhos!

Sem levantar-me, peguei numa espingardinha e virei<sup>103</sup> o malvado bicho.

Aquelas execuções são ali proibidas, porque são as aves de rapina que se encarregam de qualquer limpeza. Não quis eu abusar da impunidade com que as cometaria, com bastante pesar das pobres mulheres, que não podem, sem grande risco, criar as suas galinhas.

Estava-se então construindo no centro do largo uma igreja.

Acredito que do futuro haverá ali uma cidade.

Por enquanto é simples, mas importante estabelecimento de extrato de carne.

---

<sup>102</sup> Ave de rapina. O mesmo que carcará ou carancho (Houaiss, 2004, p. 616, 622).

<sup>103</sup> No espanhol, *virar* tem o sentido de *destruir* (Dicionário [...], c2025).

Quando chegamos a S. Luiz de Cáceres, antiga Vila Maria, havia chovido muito e as ruas, aliás não calçadas, estavam de trânsito impossível.

Felizmente todas as dificuldades foram vencidas pela boa vontade do então coronel Antonio Maria Coelho,<sup>104</sup> amigo de meu marido desde os tempos da Escola militar, e somente devido a ele e ao espírito de classe é que fomos tão cordialmente recebidos.

Nada há notável em S. Luiz, a não ser o marco<sup>105</sup> levado do Rio Jauru.<sup>106</sup>

Tem ele a sua história e está colocado na praça.

Veem-se, em caracteres perfeitamente legíveis, várias inscrições em latim.

A igrejinha, pequena, pobre, com o seu sino muito desgracioso, fez-me lembrar os de algumas capelinhas nos engenhos do norte.

Estava cuidadosamente caiada, mas despida completamente de ornatos, demasiado desguarnecida, singela.

A imagem do padroeiro do lugar tem o seu manto recamado de flores-de-lis e à cabeça a coroa dos reis de França.

Deus te conserve aí, imagem sagrada do bom e santo Rei! Deus te preserve dos vendavais da intolerância e do vandalismo das paixões políticas, tu, que simbolizas aí apenas a crença religiosa desse povo que te venera e estremece!

A matriz, em construção, será, quando concluída, vasto e majestoso templo e, com certeza, o maior de todo o Mato Grosso.

---

<sup>104</sup> Antônio Maria Coelho (1827-1894), militar e político cuiabano. Foi comandante das forças da Retomada de Corumbá e, posteriormente, o primeiro governador do Estado, no período republicano. Na monarquia foi distinguido com o título de Barão de Amambaí. Foi reformado como marechal, por ter sido um dos signatários do manifesto dirigido a Floriano Peixoto: “Manifesto dos 13 Generais” (Mendonça, 1971, p. 48).

<sup>105</sup> O Marco do Jauru é uma peça arquitetônica esculpida em Lisboa que, desde 1883, está na Praça do Rio Branco, em frente à Catedral de São Luiz, em Cáceres (MT). Foi erigido, inicialmente, em 15 de janeiro de 1754, às margens do Rio Paraguai com a barra do Rio Jauru, para fins de demarcação dos limites da América Meridional entre os domínios português e espanhol, de acordo com o Tratado de Madri, assinado em 17 de janeiro de 1750 (Brasil, 2007).

<sup>106</sup> Rio do Mato Grosso que nasce na Chapada dos Parecis e desemboca no Rio Paraguai (Wikipédia, 28 mar. 2023).

O largo onde se fazem as festas de cavalhadas, as ruas muito bem traçadas e o cemitério, colocado em lugar muito bonito e cuidadosamente conservado, tudo isso rodeado de vegetação pujante e cheia de vida, torna S. Luiz de Cáceres um dos lugares mais pitorescos que conheço.

Tudo ali é calmo, campestre e poético! Uma cidadezinha naquelas condições é um mimo para quem deseja a paz e a solidão.

De volta e saídos de S. Luiz com uma temperatura agradabilíssima, jantávamos como sempre em pleno ar, no tombadilho do vapor, tendo apenas, do lado do poente, caída a branca cortina que nos preservava dos últimos raios do sol.

De súbito começamos a ver tudo cor-de-rosa... as roupas brancas ou claras que vestíamos, a toalha da mesa, os pratos, tudo enfim tornara-se daquela cor.

Surpreendidos todos, procuramos, como era natural, conhecer qual a causa de tão singular e extraordinária mutação.

Vimos então sobre as nossas cabeças uma grandiosa e comprida nuvem, que isolada destacava a sua bela cor do azulado firmamento e, pondo reflexos róseos na cortina, nos desferia a sua coloração geral.

Era um bando enorme, descomunal, de colhereiros,<sup>107</sup> que atravessava devagar o espaço, deixando-nos enlevados de tão esplêndida aparição.

Nunca mais tornamos avê-los.

Outra impressão agradável proporcionou-nos aquela viagem, e essa muitas vezes se repetiu.

O terreno, em geral alagado, e os pantanais imensos que se prolongam por muitas e muitas léguas deixam ver as curvas que faz o rio, somente pelas árvores que o margeiam.

Reunidas, semelham enormíssima serpente a se espreguiçar em caprichosas voltas pelo campo afora, e da qual nunca se vê nem princípio, nem fim.

---

<sup>107</sup> Ave pernalta de pescoço longo (Wikipédia, 16 jul. 2023).

A certas horas do dia, muda ela de cor... e então se nos afigura que milhares de lavadeiras a tenham coberto de alvíssimas roupas a secar.

São imensos bandos de garças, brancas como a neve, pousadas no extensíssimo arvoredo, e cujo número é tão extraordinário que nunca poderia ser calculado.

Às vezes, uma árvore secular, isolada, ao longe, lembra-nos um pé de jasmim-do-cabo (*Gardenia florida*) cujas flores que lhe encobrem completamente a folhagem são garças.<sup>108</sup>

E ali ficávamos a contemplar aquelas paisagens lindíssimas, novas sempre pelo encanto, até que chegasse a noite.

Então, ao cintilar das estrelas, tão brilhantes naquelas regiões, com uma brisa suave e tépida de abril, embalsamada e vinda de desertos desconhecidos, olhávamos fitamente para as margens que íamos deixando.

E aquelas árvores, à beira do rio, reproduzidas nas tranquilas águas, com as mais fantásticas formas, não sei por que levam a imaginação a recordar-se do passado; o passado, cheio para todos os entes das melhores lembranças da nossa alma!...

---

<sup>108</sup> Como um protesto, senão um brado de dor contra o extermínio radical de que estão ameaçados os níveos e graciosos pernaltos, que tanto embeletem aquelas regiões, aqui deixo denunciado o fato de se estar explorando em larguíssima escala a matança de garças, cujas penas, remetidas para Buenos Aires e Montevidéu, são exportadas e vendidas na Europa, como provindas do Rio da Prata! (N. da A.)

Aproveito, pois, o ensejo para fazer um apelo ao Governo de Mato Grosso, a fim de que proíba ou, pelo menos, cerceie essa cruel e devastadora indústria, que dará, com certeza, cabo das lindas e inocentes aves, a formosa criação de Deus naquele vastíssimo território tão despovoado de quaisquer seres. (N. da A.)

## IV

Descemos o Paraguai até Corumbá, e depois de três dias tornamos a subi-lo, até encontrar o Rio S. Lourenço,<sup>109</sup> cujas águas pelas muitas chuvas anteriores rolavam feias e barrentas, e dele passamos ao Cuiabá.

Ao aproximar-se do *Uacurutuba*, preparou-se o *Antonio João* para a sua passagem.

Dir-se-ia que se aprestava para um combate!

Todos os toldos e cortinas foram tirados e guardados, assim como arriada a chaminé da cozinha.

Em uma chalana, presa à popa do vapor por uma forte corda, ia um marinheiro escolhido como mais robusto, perito e nadador, encarregado de vigiar o leme e livrá-lo dos *camalotes* e folhagens, que em grande número desciam rio abaixo.

Depois de tudo preparado, com certa emoção vimo-lo afrontar a correnteza das águas, que, extraordinariamente avolumadas e em vertiginosa carreira, atiravam contra o costado do navio destroços de árvores, de todas as formas e dimensões.

Tínhamos de passar as 90 voltas bruscas e rápidas do *Uacurutuba* antes do almoço.

Como o *Antonio João*, tínhamo-nos preparado para os sustos; mas qual! a cada momento havia uma guinada do vapor, que nos fazia dar um grito, ou então soltar alguma exclamação de susto, a cada incidente novo.

A mim, porém, estava reservada a maior emoção. Foi quando, enfrentando uma grande árvore despida de folhas, vi nela, bem perto de nós, uma onça parda a olhar-nos admirada!

O vapor acompanhava a curva do rio, e, quando as espingardas chegaram, era tarde.

---

<sup>109</sup> Rio do sudoeste do estado do Mato Grosso, de 380 km, que nasce no município de Poxoréu e deságua no Rio Paraguai (*Encyclopaedia Britannica*, c2025).

Sumira-se o felino!

Como senti ter guardado a minha clavina,<sup>110</sup> ela que com tão bom resultado era sempre experimentada nos jacarés, capivaras e anhumas!<sup>111</sup>

Naquelas voltas, mas com o rio muito baixo e as margens povoadas de jacarés, tinham-me mostrado uma enorme *sucurujuba*,<sup>112</sup> enrodilhada sobre si mesma, como estupendo novelo.

A cada momento víamos bandos de macacos, a saltar nas árvores, fazendo mil viravoltas e diabrumbras.

Depois de duas horas e um quarto, saímos do *Uacurutuba*.

Então parou o *Antonio João* no Bananal, à maneira do fogoso ginetete<sup>113</sup> que, depois de fatigantes evoluções, sente necessidade de renovar o ar dos pulmões, e estaca<sup>114</sup> *abombado!*<sup>115</sup>

Também como ele, tomou algum respiro o pobre marinheiro de popa, completamente alagado.

Assentado à proa foi contar aos companheiros os perigos que correra.

O ajudante perdera o boné, e a senhora do comandante, muito bonitinha e boa, queixava-se com muita graça que lhe faltava uma roupinha do filhinho, que estava em cima de uma cadeira a secar.

Daquele Bananal em diante, contam-se muitas histórias de corriças de índios, desde os antigos tempos até aos nossos dias. Com vivo interesse ouvi várias dessas narrações, repetidas pelos moradores, alguns dos quais haviam sido testemunhas e escapado outros de ser vítimas dos selvagens.

---

<sup>110</sup> Arma de fogo mais curta que o fuzil, muito usada para caça e tiro desportivo. O mesmo que carabina (Houaiss, 2004, p. 738).

<sup>111</sup> Ave de ampla distribuição amazônica, podendo atingir outras regiões do Brasil; com cerca de 60 cm de altura, plumagem alvinegra, característico apêndice frontal implantado no crânio, partes inferiores brancas e pernas negras. Ave símbolo de Goiás (Houaiss, 2004, p. 221).

<sup>112</sup> O mesmo que sucuri (Houaiss, 2004, p. 2632).

<sup>113</sup> Cavalo adestrado (Houaiss, 2004, p. 1452).

<sup>114</sup> Parar ou fazer parar (Houaiss, 2004, p. 1243).

<sup>115</sup> Exausto e ofegante (Houaiss, 2004, p. 22).

Indagada, porém, bem a causa, quase nunca o pobre do silvícola,<sup>116</sup> tão temido quanto odiado, havia sido o provocador!

Dera-se fato horrível em recente passado, com uma família inteira. O chefe, talvez pougado propositalmente para contemplar, ao chegar à casa, a medonha carnificina, ainda vivia quando lá estive, longe, porém, do lugar de tão lutooso acontecimento.

Vi a casinha onde viviam e onde morreram, mãe e filhos.

Pertenciam a uma das boas famílias de Cuiabá, e a forma e elevação do terreno em que está graciosamente edificada faz o Dr. Ehrenreich<sup>117</sup> supor que ali existe um *sambaqui*.<sup>118</sup>

Em uma das vezes que o vapor parou, ao encostar-se à barranca, assentou-se sobre a amurada do navio, quase à proa, um homem já velho, vestido com calça e camisa de algodão, sapatos de couro branco, sem meias, e grande chapéu de palha grossa.

Aproximava-se a viagem do seu termo, e, não querendo eu perder uma das últimas ocasiões que se oferecia de satisfazer a minha insaciável curiosidade a propósito de tudo, fui tomar o meu chapéu de abas largas, também de palha, mas não tão feio como o do velho, e com ele conversar.

Depois de responder a muitas perguntas que lhe fiz, e sem tirar da boca o detestável cigarro, disse-me que ali estava, com dous camaradas, esperando uma onça que devia voltar da carniça à tarde, e sentia muito não poder falar com o presidente, pois tinha uma questão de terras pendente da presidência e ainda não resolvida.

Perguntando-lhe por que não aproveitava a ocasião, respondeu-me:

– Deus me livre! pois eu havia de ir falar assim com o homem? E depois a mulher dele vem aí. Havia de se rir de mim!



<sup>116</sup> Que nasce ou vive nas selvas; selvagem (Ferreira, 1975, p. 1312).

<sup>117</sup> Paul Max Alexander Ehrenreich (1855-1914), médico, filósofo, etnólogo e antropólogo alemão. Participou da segunda expedição à região do Xingu liderada por Karl von den Steinen (Paul [...], c2013).

<sup>118</sup> Grandes montes de altura variável, feitos de areia, terra e conchas, onde são encontrados restos alimentares, ferramentas, armas, adornos e os sepultamentos de povos nativos que ali viveram (Sambaquis, c2025).

Insistindo, dei-me a conhecer e quase me arrependi, pois o pobre do homem por pouco não acompanhou o cigarro que lhe caiu n'água.

Resolvido por fim, apresentei-o a meu marido e fizemo-lo almoçar conosco.

Contou-nos muitos episódios das suas caçadas, que era obrigado constantemente a fazer, porque os tigres lhe matavam muito gado.

O mesmo acontece em todas aquelas fazendas.

Concluiu mostrando-nos uma cicatriz feia, encarnada e larga que tinha nas costas, lavrada pelas unhas de uma onça, que certamente daria fim dele, se não tivesse sido morta pelos camaradas, com aza-gaias<sup>119</sup> e facas, ainda atracada ao coitado do caçador!

Daí a um mês apareceu-nos em Cuiabá, levando-me de presente a pele da onça que matara e na qual me falara.

Conservo-a em lembrança do *velho da onça*, como ficou sendo por nós conhecido.

Umas 25 léguas antes de chegarmos a Cuiabá, avistamos, em ambas as margens do rio, grande quantidade de fogos.

Antes de indagarmos a causa, disseram-nos: “São as *lufadas*”; e dessa palavra singular nos deram a seguinte explicação:

Naquela quadra do ano, e quando começam a baixar as águas dos pantanais, saem deles para o rio, aos milhões, cardumes e cardumes de *lambaris*, que são esperados pela população de todos os arredores.

Dura a pescaria as três primeiras noites da lua nova de maio.

E ali ficam homens, mulheres e crianças oito dias a preparar o azeite extraído de tão insignificante peixinho, mas cujo resultado é tão grande que dá para o ano inteiro, não só como condimento às suas iguarias, como azeite das suas candeias.

Vimos passar em canoas cheias de panelas e potes de barro mulhereis com as suas clássicas baetas<sup>120</sup> vermelhas sobre a cabeça.

Tudo ia para as *lufadas*, e aquelas margens arenosas transformam-se em verdadeiros arraiais, léguas e léguas.

---

<sup>119</sup> Lanças curtas de arremesso (Ferreira, 1975, p. 168).

<sup>120</sup> Tecido de algodão ou lã (Houaiss, 2004, p. 375).

Dizem que é curioso ver os peixinhos a subirem o rio, não só pelo marulhar das águas, aliás tão serenas, como pelo ruído que fazem, que é ouvido a distância.

Muito claro e transparente, tem o azeite cheiro semelhante ao do óleo de fígado de bacalhau. Quem sabe se não gozará também de idêntica propriedade medicinal?

Com a pescaria das *lufadas*, da qual creio ainda ninguém falou, finalizo a incompleta descrição da viagem a S. Luiz de Cáceres.

Depois de 25 dias de ausência, chegamos a Cuiabá, tendo completado 447 léguas de viagem fluvial, talvez uma das mais bonitas e interessantes que se possam fazer no interior do nosso esplêndido Brasil.

# Curupira

## Lenda cuiabana

|

Ao observador que percorrer os arredores de Cuiabá, em extremo impressionará o modo por que foi escavado e revolvido todo o terreno em que assenta aquela simpática e distante capital. E não só esse, porém ainda o que a rodeia léguas e léguas, bem como os quintais das suas casas, e as ruas até aonde não chegou ainda o detestável calçamento de que lá se usa. Parece que não houve palmo de terra que não tivesse sido esquadrinhado, pedra que ficasse sobre pedra.

E aqueles buracos, regos<sup>121</sup> e socavões,<sup>122</sup> a que fantasiosa imaginação imprime caprichosas formas, mais ou menos lembram fauces<sup>123</sup> escancaradas de monstros desconhecidos, ou entranhas descomunais, em cima das quais houvessem tripudiado legiões de feras.

Onde, porém, o espírito positivamente se sente acabrunhado<sup>124</sup> é quando, às horas melancólicas da tarde, pousam os olhos nas escavações que circundam a igreja de Nossa Senhora do Rosário,<sup>125</sup> cujo altar-mor, segundo tradição antiga, se ergue sobre preciosíssima jazida de ouro.

---

<sup>121</sup> Sulco natural ou artificial que conduz água; riacho alimentado por águas de chuvas; sulco deixado por arados; valeta (Ferreira, [1996], p. 1475).

<sup>122</sup> Local escavado; grande cova escavada; passagem aberta por erosão (Ferreira, [1996], p. 1602).

<sup>123</sup> Garganta, goela (Ferreira, [1996], p. 761).

<sup>124</sup> Abatido; desanimado; enfraquecido; entristecido (Ferreira, [1996], p. 18).

<sup>125</sup> Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. (N. do E.)

Mais do que em qualquer outra parte, tudo ali nos abala ao evo-carmos, na solidão daqueles lugares e sob os braços estendidos de enorme e negro cruzeiro, as lendas que a eles se prendem.

Daquele açude, vestígio do antigo tanque do *Arnesto* nas deno-minadas lavras do Sutil,<sup>126</sup> por haverem sido propriedade de Miguel Sutil<sup>127</sup>, natural de Sorocaba,<sup>128</sup> de águas barrentas com tons aver-melhados a relembrarem sangue, como que surgem lamentos dos espetros que povoam as narrativas populares, confundidos com os gemidos das aves noturnas e agoureiraas, pousadas nos contorcidos galhos de uma anosa<sup>129</sup> lixeira.

E tudo ali é sombrio, naquele silêncio sepulcral, em que se aviva a lenda da *Curupira* e de sua *alavanca de ouro*<sup>130</sup> que entranhava pela terra adentro, quanto mais cobiça despertava, quanto maior era a ânsia de arrancá-la...

## II

Caíam a pino os raios do sol iluminando o fundo da enorme escavação, em que se esforçavam míseros pretos africanos, cobertos de suor, arfando de cansaço e opressão, e obrigados ao hercúleo serviço pela intensa febre do ouro.

---

<sup>126</sup> As lavras do Sutil ficavam à beira do córrego da Prainha. Não foram encontradas informações sobre o açude “tanque do Arnesto” (Wikipédia, 24 jan. 2024).

<sup>127</sup> Miguel Sutil de Oliveira (séc. XVII-XVIII), bandeirante paulista. Descobriu, em 1722, minas de ouro à beira do córrego da Prainha, próximo de onde está a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, estabelecendo ali uma pequena lavra, que cresceu rapidamente (Wikipédia, 24 jan. 2024).

<sup>128</sup> Município do estado de São Paulo. Distrito criado em 1654 com o nome de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Foi elevado a cidade em 1842 (IBGE, c2023).

<sup>129</sup> Velha, de muitos anos (Ferreira, [1996], p. 126).

<sup>130</sup> É preciso observar que a lenda cuiabana da *Alavanca de Ouro* não tem ligação com a conhecida *lenda do Curupira* do folclore brasileiro, na qual o *Curupira* seria um guardião das florestas, um ente fantástico que habita as matas e tem os pés virados para trás (Ferreira, [1996], p. 513).

Nada mais eram do que simples instrumentos: e os seus possantes braços erguiam pesados alviões de ferro, a perseguirem a *alavanca de ouro*, que devia rasgar o veio inesgotável e cobiçado e pela posse do qual tanto anelava o poderoso senhor, sob cujas vistas trabalhavam.

E os dias se passavam, forçado cada qual a apanhar mais e mais ouro, à medida que se adiantava a escavação.

Era o calor insuportável.

Um dos pretos, subindo à boca do poço, topou com uma índia esquálida e velha, de pele toda enrugada, olhos esbugalhados e lábios crestados de secura, a ponto de não poder falar.

Vendo-o, estendeu-lhe ela a mão, apontando depois para um riaço que por perto corria.

Socorrida a tempo e reanimada, com frase cortada agradeceu ao pobre escravo e acrescentou: “Vai, filho, o teu serviço será de hoje em diante menos penoso. Quando algum dia sentires, ao cantar a anhuma,<sup>131</sup> cair sobre a tua cabeça um pedaço de metal da tua cor, corre, sobe, galga o fosso em que trabalhas, e lembra-te do bem que me fizeste agora.”

Gritos e ralhos esperavam o caridoso preto, que nas largas espáduas recebeu o castigo, “merecido pela grande malandrice”.

Quando, entretanto, ao terminar o trabalho se recolheram as tarefas, ficou o senhor surpreendido ao ver que, de todos, o que mais ouro recolhera fora exatamente aquele que no passeio mais se havia demorado.

No dia seguinte menos que os outros trabalhou o negro, e contudo mais ouro que ninguém ajuntou.

E no assíduo labor ligaram-se os dias aos dias, as semanas às semanas, os meses aos meses.

E continuava a grande escavação, e o sol e o calor abrasador secavam as bocas ao bater do meio-dia.

---

<sup>131</sup> Ave de dorso preto que habita os pântanos da América tropical e subtropical (Ferreira, [1996], p. 123).

Meio-dia!... Cantou misteriosa anhuma, quando mais sede tinham os pobres trabalhadores; mas um, um tão somente, num ápice, galhou o fosso e mal lhe chegara à borda quando, em meio de medonho fragor,<sup>132</sup> a terra convulsionada soterrou mina e mineiros.

Nem mais uma só alavanca, nem de ferro, nem de ouro! nem mais um só, de tantos companheiros de trabalho!

Desmoronara-se tudo, e a terra cobrira tudo!...

Muitos anos depois, nova empresa tentou a exploração daquele ponto, mas chegou só às ossadas dos míseros africanos.

E junto delas foi encontrada uma moeda de cobre com as quinas portuguesas, do valor de dois vinténs, que a *curupira* atirara quando o calor mais excitava a sede.

Nunca, porém, mortal algum mais viu a *alavanca de ouro*, que entretanto ali existe, segundo a crença de muita gente, e como sempre afirmava o mísero escravo que, por ter dado água à *curupira*, escapara da sua vingança.

E quando eu, incrédula e curiosa, pedia que me repetissem a lenda, o bom Salvador Rodrigues da Silva me dizia: – Senhora dona, eu não vi; mas o velho preto Antonio,<sup>133</sup> que nunca mentia, muitas vezes me asseverou que a história da *curupira* era tradicionalmente guardada entre os seus, por gratidão.<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> Estrondo, estampido, ruído muito forte (Ferreira, [1996], p. 807).

<sup>133</sup> Não foram encontradas informações sobre Salvador Rodrigues da Silva e sobre Antonio em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

<sup>134</sup> Jucá (1993, p. 65-67) narra a lenda da *Alavanca de Ouro* com algumas variações, como, por exemplo, acerca da pessoa que aparece na lavra pedindo água e é atendida por um dos escravos, que seria Jesus Cristo na forma de um velho maltrapilho; não menciona, ainda, o nome *Curupira*. Diferentemente, Maria do Carmo afirma que quem aparece ao escravo é uma velha e judiada índia chamada *Curupira*. Mercuri (2017), citando o escritor Moisés Mendes Martins Júnior, aponta as duas narrativas, explicando que são duas versões, bastante parecidas, da lenda cuiabana.

Por minha vez, conto-a hoje, com a singeleza com que ma referiu o amigo Salvador, em cujas veias ainda circulava sangue dos bondosos índios *Terenas*.<sup>135</sup>

Aquele açude lá existe, cheio quase sempre de água feia e suja, e a verdade é que dele foi tirado, de fulgorantes e lindíssimos veios, muito e muito ouro.<sup>136</sup>

O desmoronamento das paredes da imensa escavação é sabido que matou muita gente, cujos ossos foram encontrados muitos anos depois; e o córrego onde, segundo a lenda, foi o preto buscar água, e por onde naquele tempo ali chegavam canoas, é o mesmo que, diminuído, esgotado de forças, se prolonga pelo centro da rua que lhe conserva o nome de *Córrego da prainha* e vai depois morrer no Rio Cuiabá.

---

<sup>135</sup> Últimos remanescentes da nação Guaná no Brasil, os terenas habitam os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Predominantemente agricultores, falam uma língua Aruak, além do português, e possuem características culturais de povos provenientes da região do Chaco. Constituiu-se como um povo de grande contato com a população branca ao longo da história (Ladeira; Azanha, 2021).

<sup>136</sup> Em 1722, fundou-se o arraial (origem da cidade de Cuiabá), na paragem chamada *Lavras do Sutil*, onde, segundo a tradição, tiraram-se em um mês 400 arrobas de ouro, só no lugar do tanque do *Arnesto*, perto da atual igreja do Rosário (*Leverger*). (N. da A.)



# Rosa a Bororó

## (Episódio verdadeiro)

Em uma das muitas *caçadas* que se faziam de índios, foi ela, a pobre-zinha, aprisionada por uma força expedicionária partida de Cuiabá. Recolhida, porém, por família respeitável da cidade, encontrou entre os perseguidores da sua raça um lar amigo, onde conquistou simpatias e recebeu carinhos; ela, representante da tribo amaldiçoada dos *Bororós Coroados*.<sup>137</sup>

Quanto sinto não poder agora lembrar-me do nome indígena por que fora conhecida dos seus!

Rosa ficou-se chamando na pia do batismo cristão.

Passaram-se não poucos anos; tornou-se mulher a menina e, sem nunca se esquecer dos pais selvagens, deveras se afeiçoou à gente que tão bem a agasalhara.

Continuavam, porém, as correrias dos índios, e, de cada vez que de Cuiabá partia por ordem do governo uma nova expedição para batê-los, derramava a pobre da Rosa bem amarguradas lágrimas, pois sabia que, naquela nova caçada, não poucas vítimas haviam de sucumbir a bala e baionetas dos soldados.

Como devia sofrer aquele meigo coração, alma tão boa, sincera e amorosa!

Na sua audácia chegavam os temidos *Bororós* até aos arrabaldes da cidade e muitas vezes eram vistos às margens do Coxipó, cujos habitantes viviam aterrados. Repetiam-se os casos de selvática

---

<sup>137</sup> Povo indígena que dominava um vasto território, incluindo regiões da Bolívia e dos estados de Goiás, Mato Grosso (margens do Rio Xingu) e Mato Grosso do Sul (Rio Miranda). Possuíam, e ainda possuem, várias autodenominações, assim como várias denominações dos brancos, todas ligadas a regiões que os grupos habitavam ou a características específicas. Os bororós se autodenominam Boe, são falantes da língua boe wadáru, língua isolada enquadrada no tronco linguístico macro-jé, além do português, e atualmente detêm seis terras indígenas demarcadas no estado do Mato Grosso (Serpa, 2024). Os bororós-coroados eram habitantes das cabeceiras do Rio São Lourenço (MT). O termo “coroados” se originou do estilo de corte de cabelo usado por eles, raspado de forma circular no topo, lembrando uma coroa (Saint-Adolphe, 2014, p. 372).

barbaridade; dentre os mais dolorosos, o assassinato de uma pobre senhora com os inocentes filhinhos, pela imprudente desumanidade de pessoa íntima da família, que matara um desses índios.

Entre outros muitos fatos, contava-se também que, ao aproximar-se de uma fazenda um bando desses silvícolas, com assobios e gritos, como que a pedirem qualquer cousa, aparecera-lhes o proprietário, que de longe os animava, atirando-lhes laranjas e chamando-os, sem ver, porém, que por detrás dele um camarada fazia pontaria com uma carabina!<sup>138</sup>

Ao estampido do tiro, levantaram os índios grande grita e sumiram-se todos na mataria. Não tardou a resposta.

No dia seguinte, uma infeliz preta velha, que estava a lavar roupa em um regato junto à casa, pagou com a mesquinha existência a impensada perversão daquele desastrado camarada.

De dentro da floresta próxima, silvou certeira flecha que a pros-trou sem vida!

E assim sempre...

E os fatos repetiam-se, e as caçadas humanas amiudavam-se e com elas o extermínio de uma raça tão simpática quanto brasileira genuína!

Sem esperança de resultado profícuo, e só em cumprimento do dever, lá andou anos e anos o tenente Duarte,<sup>139</sup> de alpercates<sup>140</sup> aos pés por ínvoros<sup>141</sup> e ásperos sertões, ora subindo serras, ora descendo despenhadeiros, a fim de não perder a pista das *feras* que perseguia; ele, um dos bravos lutadores frente a frente contra o tirano do Paraguai.<sup>142</sup>

---

<sup>138</sup> Espingarda estriada, fuzil (Ferreira, [1996], p. 346).

<sup>139</sup> Antonio José Duarte (18--?-1898), militar, natural de Cuiabá (Mendonça, 1971, p. 61). “Respeitado pelo Governo Imperial, foi responsável [...] por várias campanhas e incursões pelo interior do território do Mato Grosso com o projeto de organizar aldeamentos e missões indígenas” (Sartori, 2018, p. 43).

<sup>140</sup> O mesmo que alpercata, alparcata ou alpargata: sandália presa ao pé por tiras de couro ou de pano (Ferreira, [1996], p. 91).

<sup>141</sup> Em que não há caminho, intransitável (Ferreira, [1996], p. 965).

<sup>142</sup> Provavelmente a autora se refere a Francisco Solano López Carrillo (1827-1870), presidente do Paraguai de 1862 a 1870 (Wikipédia, 24 nov. 2024).

Quantas emboscadas fazia, e de quantas escapara!

Certo dia em que mandara cercar pela sua tropa parte do cerrado matagal, onde contava agarrar bom número de índios, sentiu que uma flecha lhe batera no meio do peito, na mesma ocasião em que segunda varava o braço de um soldado, cuja montaria caiu morta por outra.

Incólume, sem desequilibrar-se até no cavalo, viu logo o tenente que devera a vida à chapa de metal de uma bolsa de couro a tiracolo, na qual batera a fatídica seta!

Bem fatídica com efeito, pois os indígenas, supondo que o seu perseguidor merecia proteção especial de *Bope* (divindade do mal),<sup>143</sup> daquele momento em diante lhe tomaram supersticioso terror, evitando-o mais possível e esgueirando-se sutis com a habitual sagacidade, todas as vezes que o pressentiam.

Redobravam, entretanto, as vinganças recíprocas e com elas os sustos dos moradores da região chegada à capital.

Desenganados afinal os presidentes da eficácia desse meio violento, resolveram tentar os da brandura e conciliação, e por acaso foi a humilde Rosa consultada.

Estremeceu ela de alegria e, com os olhos brilhantes de esperança, afirmou ao tenente Duarte que lhe traria toda a gente do aldeamento onde nascera, onde crescera e de onde saíra para ficar prisioneira dos brancos.<sup>144</sup>

Organizada a nova expedição, lá se foi a pobre da índia, transfigurada ao sorver em liberdade o ar perfumado dos bosques e capões, tão seus conhecidos.

Caminhava muito receoso o intrépido comandante do êxito desse novo expediente, embora fatigado da luta inglória, que lhe ia consumindo as forças da robusta organização física.

---

<sup>143</sup> Segundo Serpa (2024), *bope* é “uma entidade sobrenatural envolvida em todos os processos de criação e transformação, como o nascimento, a puberdade, a morte.” Sendo “[...] uma entidade causadora da morte”, amedronta os indígenas.

<sup>144</sup> Conforme relatório de Antonio José Duarte ao presidente da província Joaquim Galdino Pimentel, de 1886 (*apud* Almeida, 2003, p. 3), essa estratégia de contato para fins de “pacificação” dos coroados foi proposta pelo próprio Duarte, e não por Rosa.

Certo dia, mandou a índia fazer alto, dizendo que ia seguir sozinha para a aldeia, e que a esperassem três dias sem se afastarem daquele ponto um momento.

Por forma alguma dessem o menor tiro, ainda mesmo que se vissem rodeados de índios!

Despediu-se e, tirando completamente as roupas, pois vestida a matariam eles de longe, embrenhou-se pelo mato adentro.

Que dias de incertezas e angústias, que noites de sobressalto passou o tenente Duarte, receando a cada momento ser vítima de alguma traição. A promessa que fizera à índia de não deixar dar um tiro e a desconfiança natural de quem estava tão acostumado aos ardis dos índios, para se aproximarem sutilmente, não lhe consentiam um momento de sossego.

Foram horas e dias que lhe causaram mil mortes, dizia ele depois.

Uma manhã, do lado oposto do rio, apareceu densa nuvem de índios, armados todos com arcos e flechas, calculados aproximadamente em mil. Com que intenções vinham? Era uma batalha franca, a peito descoberto, que lhe vinham oferecer aqueles selvagens?

De repente o tenente viu que lhe fazia significativos sinais um pequeno índio a caminhar na frente, pouco adiante de agigantado indígena.

Era Rosa! era a leal índia que cumprira à risca a promessa feita e se aproximava, fazendo gestos de paz e amizade.

Foi um momento solene!

Todos aqueles índios, tão perseguidos como foram, não podiam aproveitar a ocasião para sufocar com a sua superioridade numérica aquele punhado de soldados, que, apesar de bem armados, se sentiam tomados de justificado terror?

Efetuada a passagem dos índios, foi ao tenente Duarte apresentado pela Rosa o cacique chefe, que, ao lhe apertar vigorosamente a mão, fez-lhe presente de um formoso arco todo ornamentado de

variegadas<sup>145</sup> penas, o arco das grandes solenidades, e que naquele momento entregava como penhor da submissão e símbolo de aliança.

Rosa, radiante de felicidade, por ver terminada a cruel guerra de perseguição e extermínio feita aos seus, tornou a vestir as roupas que deixara e lá ficou prestando relevantíssimos serviços, na primeira troca das novas relações, de que fora abençoada mensageira.

Se estremecimentos ou suscetibilidades nasciam entre os seus, era ela a apaziguadora leal. Aliás, o tenente Duarte em pouco tempo conseguira de todos eles estima e confiança.

Era ela o anjo da paz que exercia a sua benéfica influência à santa causa da civilização e da humanidade!<sup>146</sup>

Aquele precioso arco, luminoso símbolo da pacificação dos *Bororós*, bem como outro enfeitado com lúgubres penas, por ter pertencido ao cacique morto alguns anos antes, deu-me de presente o já capitão Duarte, algum tempo depois da minha chegada a Cuiabá, e fazem parte da formosa coleção de artefatos indígenas por mim oferecidos ao Museu Nacional.<sup>147</sup>

Qual terá sido o fim da boa Rosa, a quem se deve, quase que exclusivamente, a pacificação da odiada tribo dos *Bororós Coroados*?

Talvez à sombra das suas queridas palmeiras descanse já o seu corpo ao lado dos de tantos afilhados que lá deixei.

---

<sup>145</sup> Diversificadas, variadas (Ferreira, [1996], p. 1754).

<sup>146</sup> A pesquisa de Almeida (2003, p. 6) indica que Rosa não teve um comportamento tão a favor dos brancos colonizadores como o diz Maria do Carmo, indicando que ela, em certo momento, “[...] teria incentivado o conflito entre colonizadores e índios”.

<sup>147</sup> Onde se acham com a denominação de “Coleção Guido” desde janeiro de 1896. (N. da A.) A coleção doada por Maria do Carmo ao Museu Nacional foi destruída no incêndio do Museu em setembro de 2018. (N. do E.)

*Portogarirêo*, o velho, astuto e feio *areotarare*,<sup>148</sup> que juntava as funções de *bare* (médico)<sup>149</sup> às de orador da tribo.

*Boroiaga*, o chefe prestigioso e dedicado amigo do grande cacique *Moguio-curi*.

*Areacadrôo*, *Paricodaga*, *Tamiguicrieu*, e como esses tantos outros, bons, inteligentes e ingênuos filhos das selvas mato-grossenses.

Aqui da *Revista Brasileira*,<sup>150</sup> a que me prende sentimento de sincera gratidão pelo bem que disse do meu chorado Guido, envio à memória da meiga Rosa melancólica saudação, que se traduz na lágrima a deslizar-se doce e serena pela minha face, orvalhando o seu poético nome cristão.

Que pena, porém, ter me esquecido como lhe chamavam os *Bororós!*<sup>151</sup>

Quem poderia mais dizer-mo? Ninguém!...

---

<sup>148</sup> *Aroê-torári* ou *aróe et-awára áre* são os “indivíduos que exercem a profissão de padre e curandeiros. Benzem algumas caças e curam os doentes. São superiores aos *bares* e inferiores aos chefes, contudo estes o respeitam.” São os xamãs das almas, intermediários entre os vivos e as almas dos antepassados, gozando de grande importância e influência entre os bororós. (Caldas, 1899, p. 19; Albissetti; Venturelli, 1962, v. I, p. 115-116).

<sup>149</sup> Bare ou bári é, entre os povos bororós, o xamã dos espíritos, muito respeitado na comunidade (Albissetti; Venturelli, 1962, v. I, p. 115-116). Conforme Caldas (1899, p. II), o bare é uma mistura de padre e médico.

<sup>150</sup> Este artigo foi publicado na *Revista Brasileira* em maio de 1895. (N. da A.) A referência completa é: REGO, Maria do Carmo Mello. Rosa, a bororó (episodio verdadeiro). *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, primeiro anno, t. II, p. 193-196, abr.-jun. 1895. (N. do E.)

<sup>151</sup> O nome indígena de Rosa era Cibáé Modojebádo, tendo sido aprisionada com suas duas filhas, trazida a Cuiabá no início de 1881 e adotada pela família do brigadeiro Thomaz Antônio de Miranda Rodrigues, diretor-geral dos índios da província de Mato Grosso (Almeida, 2003).

# Batismo dos Bororós

(Excerto)

Assim como, entre nós, se veste a criança de branco, para na pia batismal receber com os primeiros sacramentos o nome pelo qual tem de ser conhecida, do mesmo modo eles, os simpáticos selvagens, cobrem os filhos com belíssimas penas de garça na grande cerimônia do seu poético, embora bárbaro batismo.

Depois de untarem o corpinho da criança com uma espécie de visgo, nele aplicam as penas, tão alvas como a inocência, a que servem de símbolo e enfeite.

No alto da cabecinha, onde mais tarde cortam o cabelo à semelhança da coroa que os padres usam, arranjam penas mais altas e de cor diferente, preferindo sempre vermelhas e azuis.

Assim preparada, e enquanto a mãe, lavada em pranto, soluça na palhoça, o pai com ela nos braços, e rodeado de todos os companheiros da aldeia, aguarda o clarear do dia no local de onde melhor possa ver o *meri ruto* (nascer do sol).

E ali ficam cantando, conservando um dos índios a *baragara*<sup>152</sup> na mão.

Ornamentada de penas, tem a *baragara* em uma das extremidades um pequeno osso de ponta muito aguda, com o qual furam o lábio inferior dos meninos recém-nascidos.

É este o seu batismo.

Quando começa a aparecer o radiante disco do majestoso astro, o *bare* (espécie de médico) lança mão da *baragara*, e com ela em punho põe-se a avançar e recuar várias vezes. Com um grito pronuncia afinal um nome ao furar o lábio da pobre criancinha.

---

<sup>152</sup> Ornamentada de penas, é uma espécie de prego para enfeitar o cabelo, assim como é usada em rituais de batismo, quando o instrumento possui na ponta um pequeno osso pontiagudo para furar o lábio inferior dos meninos recém-nascidos (Caldas, 1899, p. 15).

É o nome que ela recebe escolhido ao acaso. De um pássaro...<sup>153</sup>  
da nuvem, da folha. Da palmeira que ao longe se avista; da estrela  
que desapareceu.

Da borboleta que adeja...<sup>154</sup>

Do beija-flor, por exemplo!...

E os índios todos repetem o nome escolhido: “Piududo! Piududo!...”

E ainda “Piududo!” repetem os mais afastados.

Assim, gritando sempre, chegam todos à palhoça da pobre mãe,  
que recebe nos braços o amado filhinho entre lágrimas e sorrisos!

E assim foi batizado entre os seus o meu adorado Guido! o meu  
malsinado<sup>155</sup> Piududo, cuja existência, tão querida e tão curta, só ser-  
viu para enlutar os dias que tive e tenho de viver, desde o fatal 26 de  
janeiro de 1892.<sup>156</sup>

Pendente do pequenino orifício aberto pela *baragara*, mais tarde  
usam eles o *ararorêo*, ornatozinho feito de concha, penas ou âmbar,  
conforme o gosto de cada um.

---

<sup>153</sup> *Tamigue*, pássaro. – *Boctugo*, nuvem. – *Matage*, folha de árvore. – *Apidai*, palmeira. – *Caeige*, estrela. – *Curutugo*, borboleta. – *Piududo*, beija-flor. (N. da A.)

<sup>154</sup> Adejar: mover as asas para manter-se em equilíbrio; bater asas; voar (Ferreira, [1996], p. 44).

<sup>155</sup> Denunciado, descoberto, censurado, condenado (Ferreira, [1996], p. 1072).

<sup>156</sup> Dia do falecimento de Guido de Mello Rego, antes Piududo, que a autora havia adotado  
anos antes. (N. do E.)



# ARTE FATOS ÍNDIGE NAS





de MATO  
GRO  
SSO



De todas as tribos indígenas da vastíssima e antiga província de Mato Grosso,<sup>1</sup> prenderá mais particularmente a atenção do observador que visitar no Museu Nacional<sup>2</sup> a coleção de artefatos aborígenes, denominada coleção *Guido*,<sup>3</sup> a dos *Paricis*,<sup>4</sup> pelos seus trabalhos de tecidos, que mais parecem provir de indústria civilizada do que de silvícolas.

É, aliás, devido isto ao contato daquela tribo com os centros de povoação onde, em troca das suas lindas peneiras, cestas e da poaia<sup>5</sup> e borracha, se munem eles de linhas, com que entretecem cintos, pulseiras e tangas, mostrando, no bem combinado das cores e desenhos, o gosto artístico inato no selvagem, habituado a contemplar os primores da natureza, aos quais, entretanto, se mostra aparentemente indiferente.

São esses índios *Paricis* laboriosos, e as próprias crianças, desde pequenas, acostumam-se a colher poaia para irem com os pais às feitorias<sup>6</sup> fazer suas permutas.

---

<sup>1</sup> Em 1748, a capitania de Mato Grosso foi oficialmente criada por Portugal, desmembrada da capitania de São Paulo. Com a independência do Brasil em 1822, Mato Grosso passou de capitania a província do Império do Brasil. E, com a Proclamação da República em 1889, Mato Grosso deixou de ser província e passou a ser um estado da Federação brasileira (Alves, 2022, p. 16-25).

<sup>2</sup> Fundado por D. João VI em 1818, na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de promover o progresso cultural e econômico do país (O Museu, c2024).

<sup>3</sup> A Coleção Guido foi uma das coleções totalmente perdidas no incêndio do Museu Nacional, ocorrido em setembro de 2018 (Oliveira, 2019, p. 15).

<sup>4</sup> Povo indígena do Mato Grosso. O termo de autodenominação dos paresis é Halítí. A palavra *paresí* (ou *pareci* ou *parici*) não consta no léxico da língua paresí, mas é o nome que, a partir do século XIX, passou a ser aplicado indiscriminadamente a grupos distintos de fala aruak identificados por cronistas e estudiosos ao longo de cerca de dois séculos e meio de história do contato. A língua paresí, da família aruak, é falada por estes indígenas em seus diferentes dialetos, de acordo com o subgrupo de pertencimento (Instituto Socioambiental, [2024]).

<sup>5</sup> Também chamada de ipecacuanha, é um tipo de erva. Algumas espécies são medicinais (Ferreira, [1996], p. 1350, 966).

<sup>6</sup> Arranчamentos onde em época certa se alojam os exploradores de poaia e borracha. (N. da A.)

Contaram-me, a propósito dessas permutas, que, tendo uma menina *pareci*, de 7 anos mais ou menos, escolhido um lenço e miçangas, desejara uns brincos; como, porém, a poaia que ajuntara não chegava para adquiri-los, o negociante lhos dera fiados.

Na safra seguinte, levou-lhe ela poaia suficiente para satisfazer o compromisso, fazer novas permutas e receber um saldo, que exigiu em dinheiro, tudo com grande correção.

Estranhando eu um dia ver entremeados no final de alguns tecidos pontos de máquina, explicou-me o tenente Luiz Perrot<sup>7</sup> o fato do seguinte modo. Tendo ido um dos caciques *paricis* a S. Luiz de Cáceres<sup>8</sup> levar poaia, ali comprara uma máquina, de que muito havia gostado.

De volta à aldeia ou sítio, como preferem chamar aos seus arran-chamentos, em tudo quanto a mulher tecia juntava um descabido ponto de máquina.

Não sabia, entretanto, como cortar uma camisa de chita, o que lhe ensinou o tenente, a fim de obter um trabalho que a mulher do cacique fazia na ocasião. Existe ele no Museu, bem como as agulhas e fusos<sup>9</sup> de que usam.

Entre alguns *paricis* que o presidente mandou chamar a Cuiabá,<sup>10</sup> para satisfazer o pedido da comissão alemã<sup>11</sup> e que não compreendiam

---

<sup>7</sup> Luiz Perrot (1845-1893). Brasileiro nascido na Alemanha. Acompanhou, em 1887, a expedição alemã, publicando, no ano seguinte, duas comunicações: *Roteiro e Noticia da Expedição da Comissão Alemã em 1887 às Cabeceiras do Xingu*, pela Tipografia d'A Situação, e *Subsídios para a historia dos regimentos de infantaria e caçadores do exercito portuguez* (Blake, 1970, v. 5, p. 452-453).

<sup>8</sup> A vila de São Luís de Cáceres foi fundada em 1778 a mando do quarto governador, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1739-1797). Foi inicialmente chamada de Vila Maria do Paraguai, em homenagem à rainha de Portugal. Em 1874, tornou-se a cidade de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro e fundador (História de [...], c2021).

<sup>9</sup> Pequeno instrumento de madeira arredondado que serve para fiar e enrolar fios (Houaiss, 2004, p. 1408).

<sup>10</sup> Município do Mato Grosso, fundado em 1719, atual capital do estado (IBGE, c2023). Foi fundada por bandeirantes paulistas, após a descoberta de ouro nas margens do Rio Cuiabá. Em 1727, tornou-se Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e, depois, a capital da capitania, em razão de sua importância estratégica e econômica. Após a independência, a cidade passou a ser, em 1825, a capital do Mato Grosso (Alves, 2022, p. 16-25).

<sup>11</sup> Conforme Petschelies (2021, p. 195), esse fato ocorreu em fevereiro de 1888, durante a segunda expedição à região chefiada pelo etnólogo alemão Karl den von Steinen (1855-1929): “Von den Steinen ainda intencionava estudar os Bororo e os Paresí. Como esses povos localizavam-se

português, tive ocasião de ver uma bonita índia, de 15 anos presumíveis.

Lembro-me de que, em troca de uma pulseira de cauda de tatu-canastra,<sup>12</sup> que trazia, dei-lhe uma argola de prata, além de uma boneca, que ela abraçou afetuosamente, o que despertou a inveja ou ciúme da mãe, manifestando logo esta desejo de possuir boneca igual.

A pulseira de tatu, que ornara o moreno braço da gentil índia *parici*, tive, algum tempo depois, o prazer devê-la ao alvo e formoso pulso da senhora de alta linhagem a quem a ofereci.

São bem-feitos e de bonito aspecto os arcos e flechas que fazem de tamanhos diversos, para as diferentes idades dos filhos, a quem dedicam muito carinho.

Os homens que vi eram de estatura mediana; as mulheres, baixas, porém de fisionomia meiga e simpática.

Apesar da facilidade que têm em obter as linhas de que precisam, cultivam algodão, que preparam e fiam cuidadosamente.

Supõem alguns que entre os *Paricis* e *Cabixis*<sup>13</sup> existe analogia; mas a mim não cabe a tal respeito formular opinião.

Sei que estes são discriminados em dous grupos: *Cabixis* bravos e *Cabixis* mansos. Os que entretêm relações de amizade com os *Paricis* dizem que aqueles são de índole muito má.

Até pouco tempo, eram o terror da antiga capital de Mato Grosso,<sup>14</sup> que, pela proximidade, sofria toda sorte de barbaridades por parte dos cruéis e indomáveis vizinhos.

---

demasiado distantes um do outro, ele protocolou um requerimento ao presidente da Província pedindo que alguns Paresí fossem enviados a Cuiabá.” Na época, o presidente da província era Francisco Raphael de Mello Rego (1823-1904), marido da autora.

<sup>12</sup> O tatu-canastra (*Priodontes maximus*) é uma espécie de tatu de grandes dimensões, sendo encontrado na América do Sul (Houaiss, 2004, p. 2678).

<sup>13</sup> Denominação dada aos nambiquaras meridionais. O termo nambiquara é de origem tupi e pode ser traduzido como “orelha furada”. Foi a partir da penetração da Comissão Rondon no interior do Mato Grosso que os índios até então referidos como “Cabixi” passaram a ser designados “Nambikwara”, termo pelo qual são conhecidos até hoje. Falam línguas da família linguística nambiquara. Atualmente habitam a Chapada dos Paricis (MT e RO) (Miller, 2021).

<sup>14</sup> Vila Bela da Santíssima Trindade foi a primeira capital do Mato Grosso, fundada em 1752 (Alves, 2022, p. 16).

No museu existem poucos objetos pertencentes aos ferozes *Cabixis*. Uma espada de seriva<sup>15</sup> com o punho bem trabalhado, uma rede, um machado, um arco e várias flechas.

Entre estas, algumas com as choupas<sup>16</sup> manchadas de escuro, e as pontas estragadas, foram arrancadas do corpo de um infeliz, encontrado morto na estrada de Vila Bela.<sup>17</sup>

A S. Alteza a Sra. Condessa d'Eu<sup>18</sup> tive a honra de oferecer, no meu regresso de Mato Grosso, além de uma preciosa cadeira que havia pertencido ao primeiro ouvidor<sup>19</sup> da antiga capitania, entre vários artefatos indígenas, duas daquelas flechas.

Como é sabido, os *Paricis* habitam as cabeceiras do Rio Paraguai,<sup>20</sup> na serra e campos que dele têm o nome.

Os *Cabixis* mansos estendem-se pelas cabeceiras do Guaporé e seus afluentes, os bravos, à margem direita do mesmo rio, ao norte da Vila Bela.

---

<sup>15</sup> É o nome que tem em Mato Grosso a palmeira de que os índios fazem arcos, flechas, etc. (N. da A.) Foram localizadas outras grafias para espécies de palmeiras nativas da região: *ceriba* (Houaiss, 2004, p. 678) e *siriva* (Schmidt, 2001, p. 14). (N. do E.)

<sup>16</sup> Choupa: ponta de ferro afiada (Houaiss, 2004, p. 705). Entretanto, a autora pode estar se referindo à madeira denominada *choupo*, utilizada na confecção de hastes de flechas (Wikipedia, 10 dez. 2024).

<sup>17</sup> Vila Bela da Santíssima Trindade, município de Mato Grosso (IBGE, c2023).

<sup>18</sup> Princesa Isabel (1846-1921), batizada Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança, filha de D. Pedro II e condessa D'Eu. Assumiu a regência em variadas oportunidades e foi responsável por assinar a abolição da escravatura no Brasil (Vainfas, 2002, p. 591).

<sup>19</sup> Não é possível precisar a quem se refere a autora. Dom Antônio Rolim de Moura Tavares (1751-1765), português, primeiro Conde de Azambuja e 10º vice-rei do Brasil, foi o primeiro governador do Mato Grosso, entre 1751 e 1765. Entretanto, a região da capitania do Mato Grosso, que havia sido desmembrada da capitania de São Paulo em 1748, foi interinamente administrada, até 1751, pelo então governador do Rio de Janeiro, Antônio Gomes Freire de Andrade (1685-1763), militar português e o primeiro Conde de Bobadela (Wikipedia).

<sup>20</sup> Nasce no município de Alto Paraguai, no Mato Grosso, na região da Chapada dos Parecis. Possui a extensão total de 2.695 km, sendo 1.693 km no Brasil. Deságua no Rio Paraná, entre a Argentina e o Paraguai (Figueiroa; Escobar, 2022).

Os *Auités*,<sup>21</sup> cujo primeiro aldeamento às margens do Coliseu<sup>22</sup> é bem reputado, pela maneira por que ali acolhem os estranhos, concorrem para a coleção do Museu, com duas ou três flechas, diversas das dos outros índios. Diferem até na forma por que são arremessadas.

A vareta que as acompanha e que substitui o arco traz em uma das extremidades um ganchinho e na outra, de forma achatada, um pequeno orifício, no qual enfiam o dedo index<sup>23</sup> para imprimir impulso à flecha.

Mal dão ideia dos artefatos por eles fabricados, um banquinho feito com machado de pedra, um remo e uma bolsa de forma especial e bem-acabada.

Tudo quanto pude conseguir dos *Bakahiris*<sup>24</sup> do Xingu<sup>25</sup> foi uma esteirinha com que espremem a mandioca, um fuso,<sup>26</sup> um machado e alguns pentes.

<sup>21</sup> Indígenas brasileiros que habitam as margens do Rio Xingu, no Mato Grosso. Atualmente denominados auitis ou awetis. São falantes de uma língua tupi (Ferreira, [1996], p. 200; Souza; Drude, 2021).

<sup>22</sup> Trata-se do Rio Curisevo (ou Coliseu), que corta o Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, e deságua no Rio Xingu (IBGE, 2010). Baldus (1940) registra ainda o nome Culiseu para o rio.

<sup>23</sup> Dedo indicador (Ferreira, [1996], p. 936).

<sup>24</sup> Os bakairis se autodenominam Kurâ, que quer dizer ser humano. A língua bakairi pertence à família karib. Vivem no estado de Mato Grosso, nas terras indígenas Bakairi e Santana (Barros, 2021).

<sup>25</sup> O Rio Xingu nasce no Mato Grosso e segue até o Pará, desaguando no Rio Amazonas, tendo 1.979 km de extensão (Wikipédia, 29 abr. 2024).

<sup>26</sup> Pequeno instrumento de madeira arredondado que serve para fiar e enrolar fios (Houaiss, 2004, p. 1408).

Dos *Bakahiris* do Rio S. Manoel<sup>27</sup> tive ensejo de obter duas lindíssimas redes de tucum,<sup>28</sup> um barrete de penas muito bonito e vários arcos e flechas.

Quem me presenteou com os objetos vindos do Xingu, assim como dos do Coliseu, foi o tenente Perrot, que acompanhou a comissão alemã, e tão boas impressões trouxe dos hospitaleiros e laboriosos silvícolas.

Como é sabido, desconheciam completamente o ferro, até a ida da comissão; entretanto, tinham roças bem plantadas, onde, além da mandioca, cultivavam milho, fumo e feijão-miúdo.

Sabe-se, porém, agora que os *Bakahiris* do Xingu já começam a relacionar-se com os das cabeceiras do Rio S. Manoel, que aliás fazem parte da mesma nação.

Destes conheci em Cuiabá o *capitão*<sup>29</sup> Reginaldo,<sup>30</sup> que ali fora ter com os companheiros, levando mais de vinte bois carregados de borracha a fazer suas trocas e compras.

Muito esperto e ladino, correspondeu à amabilidade com que o tratei, afirmando-me que, quando voltasse à sua casa, me mandaria de presente o arco do *capitão* Reginaldo.

Cumpriu, com efeito, a promessa, pois o arco está no Museu.

Sabia ler e escrever, e nos disse que devia esse benefício ao tenente Manoel de Souza Gomes,<sup>31</sup> de quem se mostrava muito amigo.

---

<sup>27</sup> O Rio Teles Pires (ou Rio São Manuel) banha os estados de Mato Grosso e Pará (sendo seu divisor natural) (Wikipédia, 10 ago. 2024).

<sup>28</sup> Tipo de palmeira (*Bactris setosa*), de cujas folhas é extraída uma fibra forte e útil. Também chamada *ticum* ou *tecum* (Ferreira, [1996], p. 1724).

<sup>29</sup> Todo chefe índio assim se apelida, desde que está em contato com gente civilizada. Vol. x-23. (N. da A.)

<sup>30</sup> Não foram encontradas informações sobre essa pessoa em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

<sup>31</sup> Manoel de Souza Gomes, tenente da 2<sup>a</sup> Armada, que, segundo a autora, ficou no sertão do Mato Grosso por 20 anos. Não foram encontradas outras informações sobre essa pessoa em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

### III

Esse 2º tenente da Armada, Manoel de S. Gomes, também o conheci em Cuiabá, quando, ao voltar de seu extraordinário extraviamento pelos sertões de Mato Grosso, se apresentou à presidência.

Como se sabe, aquele oficial, sob a pressão da monomania<sup>32</sup> de perseguição e julgando-se condenado pela maçonaria, faltou ao embarque, e nunca mais houve notícia dele.

Depois de decorridos muitos anos a partilhar a vida do selvagem, começou a ensinar a ler nas tribos domesticadas, ou então nos povoados, onde passou os últimos tempos do seu extraordinário *extravio*, que durou mais de vinte anos.

Uma ocasião foi a tribo no meio da qual vivia atacada por outra vizinha. Organizou e dirigiu com tanta habilidade uma expedição, que nunca mais foram os seus amigos incomodados.

Várias versões, cada qual menos verdadeira, correram por ocasião do aparecimento do tenente Gomes, a quem convidei certo dia para almoçar, tendo então ensejo de verificar que, apesar do meio em que por tantos anos permanecera, ainda conservava, se bem que um tanto meticuloso, o trato e as maneiras que tanto distinguem o oficial da Marinha Brasileira.

Deu de presente a meu marido um colar feito de dentes de macaco, que havia pertencido a um cacique *Cajaby*.<sup>33</sup>

Tê-lo-ia usado ele próprio?

Quem sabe!

O que sei é que faz parte da coleção *Guido*.

---

<sup>32</sup> “Forma de insanidade mental em que o indivíduo dirige a atenção para um só assunto [...]” (Ferreira, [1996], p. 1155).

<sup>33</sup> Tribo do vale do rio do mesmo nome, afluente do S. Manoel. (N. da A.) Povo indígena atualmente denominado Kawaiwete. Habitam, hoje em dia, o território indígena do Xingu e a região dos Rios dos Peixes e Teles Pires. São falantes da língua kawaiwete, da família linguística tupi-guarani, e também do português (Instituto Socioambiental, 2024). (N. do E.)

## IV

Ao relembrar a ida da comissão alemã ao Xingu, ainda sinto no meu coração de brasileira o pesar que experimentei ao admirar a esplêndida coleção de artefatos com que tinha de ser enriquecido o Museu de Berlim,<sup>34</sup> e que à gentileza dos ilustres viajantes devo a satisfação de haver podido apreciar.

Que ufania não hão de eles ter experimentado, bem recompensados das fadigas que sofreram, ao apresentarem na Europa a seus colegas a ampla e preciosíssima colheita feita nos sertões de Mato Grosso!

À variedade assombrosa dos mais lindos enfeites de penas, além de máscaras e colares, onde o âmbar semelhava belíssimos topázios, juntavam-se riquíssimos espécimens de cerâmica, que da parte da comissão mereciam os maiores desvelos e cuidados.

## V

Já que falo na cerâmica indígena de Mato Grosso, da qual o nosso Museu possui apenas os objetos que lhe ofereci, seja-me permitido transcrever aqui trechos de incompleta descrição da minha viagem a S. Luiz de Cáceres, há tempos publicada:<sup>35</sup> [...] na barranca do Tucum,<sup>36</sup> pouco abaixo da foz do Jauru,<sup>37</sup> onde paramos para tomar

---

<sup>34</sup> Atual Museu Etnológico de Berlim, instalado, desde 2021, no centro de cultura e ciência Fórum Humboldt, na cidade de Berlim (Petschelies, 2019; Krug, 2023).

<sup>35</sup> Trata-se do relato *Rio Paraguai – Vila Maria*, da obra *Lembranças do Mato Grosso*, texto anterior desta edição. (N. do E.)

<sup>36</sup> Região às margens do Rio Paraguai, ao sul do Rio Jauru, entre os municípios de Cáceres e Porto Murtinho, no sul do Mato Grosso (Centro de Hidrografia da Marinha, 2012).

<sup>37</sup> Rio do Mato Grosso que nasce na Chapada dos Parecis e desemboca no Rio Paraguai, com 390 km de extensão (Wikipédia, 28 mar. 2023).

lenha, soube do lenhador que, ao fazer um buraco para fincar um esteio, havia encontrado um pote de barro.

Precisando de uma vasilha para água, com muito trabalho havia desenterrado aquela.

Disse também que, plantando uma rocinha de feijão, verificara existirem por ali enterrados potes muito maiores, que nem pensara extraír, por ser trabalho em extremo difícil.

Infelizmente, tinha o vapor pressa de partir e atropeladamente tratei da minha exploração guiada pelo lenhador, que bem admirado se mostrava com o interesse de que me via possuída.

Fomos primeiro a um ponto onde ele havia descoberto outro pote, mas logo vimos a impossibilidade de conseguir qualquer resultado.

No centro daquela enorme panela nascera e crescera uma árvore bastante idosa.

Curiosíssimo vê-la sair de dentro do túmulo indígena, perfurando-o com as suas raízes! Como era interessante tudo aquilo!

Na roça de feijão e mandioca, reconheci que estávamos em um vasto cemitério indígena. Mas de que tempo?

Um dos trabalhadores do lugar, velho índio de bigode e cabelos grisalhos, informou-me que o pai, apesar de ter morrido de velhice, nunca lhe falara que por ali tivesse havido outra tribo.

Era este um dos poucos que restavam dos Bororós do Cabaçal.<sup>38</sup>

Em todo caso, os potes não eram usados pela tribo a que pertencia.

Num ponto indicado pelo lenhador, começou-se a cavar, e por fim descobrimos dous potes colocados um ao lado do outro, havendo mais outros em seguida.

---

<sup>38</sup> Povo indígena que dominava um vasto território, incluindo regiões da Bolívia e dos estados de Goiás, Mato Grosso (margens do Rio Xingu) e Mato Grosso do Sul (Rio Miranda). Possuíam, e ainda possuem, várias autodenominações, assim como várias denominações dos brancos, todas ligadas a regiões que os grupos habitavam ou a características específicas. Os bororós cabaçais eram aqueles que habitavam a região da Bacia do Rio Guaporé. Os bororós se autodenominam Boe, são falantes da língua boe wadáru, língua isolada enquadrada no tronco linguístico macro-jê, além do português, e atualmente detêm seis terras indígenas demarcadas no estado do Mato Grosso (Serpa, 2024).

Que trabalho, porém, para lhes tirar as tampas! Uma desfez-se toda; outra partiu-se em vários pedaços, que se acham no Museu.

Completamente cheios de terra, cumpria, para sacá-los, esvaziá-los previamente.

Quantas recomendações minhas, e quanta cautela nos que me ajudavam!

Eis que apareceu uma panelinha muito bem conservada, depois outra... daí a pouco um pedaço de pau, esbranquiçado, liso...

Julgando que fosse algum osso, não quis que ninguém tocasse nele, para eu mesma apanhá-lo com todo cuidado. Qual a minha surpresa quando descobri um cachimbo ou couxa aproximada, de barro muito bem trabalhado, tendo adaptado ao orifício de uma das extremidades um osso de macaco!

O mais eram restos de esqueleto humano, quase reduzidos a pó.

Quando me convenci da impossibilidade de conseguir um daqueles potes, saltei dentro. Dava-me a boca pelos peitos, e tinha de diâmetro 95 centímetros.

O tempo passara!...

Havia três horas e meia que trabalhavam sete homens.

Não podíamos demorar mais, e tive de contentar-me em guardar aqueles objetos e uma outra panelinha, que tiramos do túmulo junto.

Todos eles estão hoje no Museu, assim como o pequeno túmulo, que servira por alguns dias de jarra de água ao bom lenhador.

Quando, de volta a Cuiabá, contei o que vira e mostrei ao Dr. von den Steinen<sup>39</sup> o meu achado, e ele classificou-o de precioso.

Lamentou não nos ter acompanhado em tão interessante excursão, disse-me que era mesmo impossível tirar um daqueles túmulos, sem ferramentas apropriadas, e bastante tempo para os ir extraíndo a pouco e pouco.

---

<sup>39</sup> Karl von den Steinen (1855-1929), médico e etnólogo alemão. Publicou dois livros sobre as expedições científicas que fez à região do Xingu: *Durch Central-Brasilien*, em 1886 (*Pelo Brasil central*), e *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, em 1894 (*Entre os aborígenes do Brasil central*) (Petschlies, 2021; Wikipédia; Biblioteca Digital Curt Nimuendajú).

“Não tivesse de voltar a Berlim”, acrescentou, em tempo marcado, “e iria ao Tucum, no interesse da ciência.”

## VI

Tanta importância ligava o Dr. von den Steinen àquela descoberta, que ao chefe da nova comissão, atualmente em Mato Grosso, o Dr. Meyer,<sup>40</sup> recomendou expressamente que fizesse explorações no cemitério indígena do porto Tucum.<sup>41</sup>

E é bem possível que até o fim do ano se descontinem novos e valiosos achados, com os quais de novo será enriquecido o Museu de Berlim.<sup>42</sup>

Supõe ou crê hoje aquele doutor que se trata de um cemitério dos *Guatós*,<sup>43</sup> e, como aquela tribo tende a desaparecer, é de grande valor científico arrecadar tudo quanto se prende àquela gente e seus costumes.

Dos *Guatós* apenas existem na coleção duas esteiras, um arco e um espanador para afugentar mosquito.

No alto Paraguai, em cujas margens se avistavam muitas palhoças abandonadas por causa da enchente das águas, vi um daqueles índios,

---

<sup>40</sup> Herrmann Meyer (1871-1932), geógrafo, etnólogo e explorador alemão. Organizou e chefou duas expedições por afluentes do Rio Xingu, em 1896 e 1899 (Petschelies, 2019).

<sup>41</sup> “O estudo arqueológico do Estado do Mato Grosso iniciou-se no século XIX com a escavação de cerâmicas próximo a Porto Tucum, ao sul do Rio Jauru, na margem esquerda do Rio Paraguai” (Valec Engenharia, Construções e Ferrovias S.A., 2014, p. 104-105).

<sup>42</sup> Por notícias recentes, sabe-se que, efetivamente, o Dr. Meyer explorou o cemitério do Tucum, donde levou copiosa e rica coleção. (N. da A.) A maior parte da coleção reunida por Meyer foi doada ao Museu de Leipzig (Alemanha). O explorador também doou 300 objetos ao Museu de Berlim (Petschelies, 2019, p. 283).

<sup>43</sup> Tribos de indígenas canoeiros que foram considerados extintos na metade do século XX, sendo encontrados alguns remanescentes em 2008 na periferia de Corumbá. A língua, considerada isolada, traz características do tronco macro-jê (Instituto Socioambiental, [2024]).

em pequenina canoa, a que ouvi chamar *charuto*,<sup>44</sup> por causa da sua forma, perseguindo uma onça que atravessava o rio.

Fizemos parar o vapor e o índio aproximou a canoa, da qual respondeu às nossas perguntas com a voz lenta e melodiosa dos índios.

Vestia apenas uma calça curta, era moço e tinha no pulso um ferimento feito alguns dias antes pela garra de um dos terríveis felinos, de cujas peles fazem os *Guatós* ativo comércio.

Muito bons atiradores de flecha, também andam munidos de aza-gaias,<sup>45</sup> naquelas caçadas.

Contou-nos esse *Guató* que já havia matado oito onças.

É possível, portanto, que já fosse marido de oito mulheres, privilégio dos caçadores, pois também não podem casar sem haver dado cabo de algum daqueles carnívoros.

A varíola<sup>46</sup> destroçou tanto essa tribo, que hoje está em extremo reduzida. Mostram todos eles muito boa índole.

## VII

Talvez seja o Museu nacional o único que possua alguns enfeites dos bravios e temíveis *Tapanhunas*<sup>47</sup>, que habitam as imediações da confluência dos rios Tapanhuna<sup>48</sup> e Arinos.<sup>49</sup>

---

<sup>44</sup> Pequeno barco guiado por um remo com pá em ambos os lados (Aulete, 1968, v. 1, p. 776).

<sup>45</sup> Lanças curtas de arremesso (Ferreira, 1975, p. 168).

<sup>46</sup> A varíola é uma doença infecciosa grave causada por vírus, caracterizada por febre alta, fadiga, dores e erupções cutâneas. Foi erradicada globalmente em 1980 (Santos, 2022).

<sup>47</sup> Os indígenas tapayunas se autodenominam Kajkwakratxi, que significa tronco do céu. Tribo quase extinta, com os remanescentes vivendo, atualmente, no Parque Indígena do Xingu. São falantes da língua tapajuna, da família jê (Instituto Socioambiental, [2024]).

<sup>48</sup> Hoje denominado Rio Tapaiúna, é um rio do norte do estado do Mato Grosso, que deságua no Rio Teles Pires (Carvalho; Andrade; Souza, 2020).

<sup>49</sup> O Rio Arinos é um rio do Mato Grosso, de 760 km, que nasce na Serra Azul e desemboca no Rio Juruena (Wikipédia, 14 ago. 2024).

Deles me fez presente o tenente Perrot, que ali fora mandado por causa das depredações cometidas por aqueles selvagens.

Obtivera-os da seguinte maneira:

Descendo o rio em exploração, deparou-se-lhe inesperadamente um grupo daqueles índios junto à margem, em várias canoas, que foram abandonadas com precipitação, ao avistarem a força.

Nelas deixaram uma arma de guerra, arcos, enfeites e cabaças. Tudo foi substituído por espelhos, lenços e miçangas, como convite à paz.

Causou-me espécie vendo naqueles enfeites, aliás toscos, o fato de serem pretas todas as penas. Quando muito, algumas com a extremitade branca. Eram certamente de mutum.<sup>50</sup>

Não será aquela predileção pela cor negra, a que os outros índios em geral têm ojeriza, devida a alguma superstição de que não temos notícia?

Presentemente, ninguém poderá responder, e só no futuro, talvez, seja explicada essa predileção peculiar aos *Tapanhunas*.

Feita com cabelo das mulheres, é a suposta e longa barba usada pelos índios *Barbados*,<sup>51</sup> vinda da margem direita do Rio dos Bugres,<sup>52</sup> afluente do Paraguai acima do Sepotuba.<sup>53</sup>

Com esses índios se dá uma singularidade.

Não vão nunca à margem esquerda do rio, onde podem cruzar livremente os exploradores de poaia, mas também não consentem

---

<sup>50</sup> Ave galiforme da família do cracídeos, de plumagem geralmente negra (Houaiss, 2004, p. 1988).

<sup>51</sup> Ao explorar os sertões de Mato Grosso pelo norte, os paulistas encontraram pela primeira vez indígenas com barba e os chamaram de “barbados”, nome que também deram ao rio onde os encontraram (Saint-Adolphe, 2014, p. 124-125). São os indígenas umutinas, autodenominados Balatiponé. Viviam antigamente na margem direita do Rio Paraguai e, atualmente, vivem na terra indígena Umutina, sendo falantes do português. O termo barbados deve-se ao uso, pelos homens, de barbas posticás confeccionadas de cabelos das mulheres ou do pelo do macaco bugio (Instituto Socioambiental, [2024]).

<sup>52</sup> O Rio dos Bugres ou Rio Bugres é um rio do Mato Grosso que deságua no Rio Paraguai no município de Barra dos Bugres, no sudoeste do estado (Wikipédia, 24 mar. 2025).

<sup>53</sup> Rio situado no estado de Mato Grosso. Nasce em Nova Marilândia, ao norte do estado, e deságua no Rio Paraguai (Wikipédia, 27 nov. 2023).

ninguém na margem habitada por eles, e onde têm grandes plantações de milho.

Nos seus aldeamentos têm piaóis, onde guardam os produtos da sua cultura, previdência aliás desconhecida das outras tribos.

São indomáveis e não aceitam os brindes, que, por várias vezes, tem-se-lhes deixado.

## VIII

Uma rede dos *Sanapanás*<sup>54</sup> foi comprada com outros enfeites na foz do Apa.<sup>55</sup>

O distintivo de cacique *Guarany*<sup>56</sup> e dous chapéus de palha vieram das regiões banhadas pelo Espadim,<sup>57</sup> nos limites de Mato Grosso com o Paraguai.

O Espadim!... em cujas margens estiveram acampadas as infelizes prisioneiras de López!<sup>58</sup>

---

<sup>54</sup> Povo indígena paraguaio que atualmente habita a região do chaco paraguaio. São falantes da língua sanapaná (Silva-Gomes, 2009).

<sup>55</sup> Rio que assinala parte da fronteira do Brasil com o Paraguai. Com cerca de 400 km de extensão, nasce na Serra do Amambai (MS) e deságua na margem esquerda do Rio Paraguai (Grande Encyclopédia[...], 1974, v. 1, p. 415; Wikipédia, 3 maio 2023).

<sup>56</sup> O povo Guarani tem várias denominações e se autodenomina Avá, que significa “pessoa”. Vivem, atualmente, em um território que compreende a região das fronteiras do Brasil, da Bolívia, do Paraguai e da Argentina. São falantes do guarani, da família tupi-guarani. Em levantamento de 2016, contavam com cerca de 285 mil remanescentes (Instituto Socioambiental, [2024]).

<sup>57</sup> Antigo nome do córrego Destino-Cuê, que nasce no município de Paranhos (MS) e deságua no Rio Iguatemi, afluente do Rio Paraná (Laurino, 2021).

<sup>58</sup> Francisco Solano López Carrillo (1827-1870) foi um político e militar paraguaio que se tornou presidente em 1862. Seu governo levou à invasão de Mato Grosso em 1864 e, no ano seguinte, do Rio Grande do Sul, resultando na Guerra do Paraguai. López foi derrotado e morto em 1º de março de 1870, pondo fim à guerra (Wikipédia, 24 nov. 2024).

Com certeza não poderá esquecê-lo quem houver lido a emocionante narrativa de Mme Dorothéa,<sup>59</sup> uma das muitíssimas vítimas daquele tirano.

Grande número dos artefatos dos quais me fizeram presente em Conceição e Assunção<sup>60</sup> pertencem a índios do Chaco,<sup>61</sup> cujo nome ignoro.

Graciosos enfeites de penas, uma tigela de barro, ventarolas, cordas e lindíssimas bolsas representam a indústria dos *Chamococos*,<sup>62</sup> que vagueiam entre Bahia Negra<sup>63</sup> e Albuquerque,<sup>64</sup> chegando muitas vezes a Corumbá,<sup>65</sup> onde fazem permutas.

Muitos daqueles objetos me mandaram de Puerto Pacheco.<sup>66</sup>

---

<sup>59</sup> A autora refere-se ao livro *Memórias, de Dorothéa Duprat de Lasserre (1845-1932)*, o único depoimento sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870) escrito por uma mulher. Nele se narra o suplício de um grupo de mulheres chamadas de *destinadas*, tachadas de traidoras por López e obrigadas a caminhar, sob escolta de soldados, para o interior do Paraguai, em situação de miséria e fome. Foram libertadas no final do conflito pelo Exército Imperial brasileiro (Lasserre, 2023).

<sup>60</sup> É possível que a autora esteja se referindo a Asunción, capital do Paraguai, e a Concepción, município paraguaio próximo ao Chaco (Wikipédia, 15 maio 2024).

<sup>61</sup> O Chaco é uma região geográfica no centro-sul da América do Sul, abrangendo áreas da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai, de grande diversidade de ecossistemas e climas. O nome “Chaco” vem da palavra quíchua “Chacu”, que se refere a um tipo de caça tradicional praticada pelas comunidades indígenas da região (Wikipédia, 29 maio 2024). Não se pode determinar de qual comunidade indígena a autora se referia.

<sup>62</sup> Grupo indígena atualmente chamado Chamacoco, mas autodenominado *ishir* (pessoa). São falantes de dois dialetos da família linguística zamuco: ebitoso e tomaraço. Habitam a região do norte do Paraguai (Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 2010).

<sup>63</sup> Não foi possível precisar a localização da Bahia Negra citada pela autora. Tanto é o nome atual de um município do norte do Paraguai, antes chamado Puerto Pacheco, quanto o nome, sem “h”, de um lago do Mato Grosso do Sul, à margem direita do Rio Paraguai, próximo ao município de Ladário (ms). Atualmente também nomeia uma área de proteção ambiental na mesma região (Saint-Adolphe, 2014, p. 120; APA-Baía Negra, [201-?]).

<sup>64</sup> Atual distrito de Albuquerque do município de Corumbá (ms), foi uma aldeia e antigo presídio da província de Mato Grosso, fundada em 1778 pelo governador Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres (1739-1797) para abrigar tribos de índios quinquinados e guatós (Saint-Adolphe, 2014, p. 59).

<sup>65</sup> Município do Pantanal sul mato-grossense, fundado em 1778 (IBGE, c2023).

<sup>66</sup> Nome antigo do município paraguaio Bahía Negra, fundado no século XVI (Wikipedia, 5 dic. 2024).

Dizem que os *Chamococos* vendem os filhos, mas em tal não creio.  
Acredito antes que, aprisionados pelos *Cadiuéos*,<sup>67</sup> são as pobres crianças de 7 a 9 anos vendidas, até para satisfazer encomendas!

A verdade é que, quando cheguei a Mato Grosso, ainda se efetuavam aquelas desumanas compras, cujo preço era 50\$000!<sup>68</sup>

A um companheiro de viagem, que já havia estado lá, ouvi dizer que levava 100\$ separados para a compra de duas *Chamacocos*.

E isto quando se tratava de extinguir a escravidão no Brasil!

Que pungente recordação!

Quem sabe quantas daquelas míseras criaturinhas não estarão escravizadas ainda hoje!

## IX

Os *Bororós coroados*,<sup>69</sup> assaz numerosos e vingativos, são bons, inteligentes e em extremo dedicados às pessoas que lhes merecem confiança.

---

<sup>67</sup> Os indígenas kadiwéus, autodenominados Ejiwajigi, vivem, atualmente, na região às margens dos Rios Paraguai e Nabileque, no Mato Grosso do Sul. São falantes da língua kadiwéu, da família linguística guairú, além do português. Eram conhecidos como “índios cavaleiros” (Instituto Socioambiental, [2024]).

<sup>68</sup> Coube ao Dr. Trigo de Loureiro, juiz municipal de Corumbá e ali chegado depois de nós, pôr termo a semelhante tráfico, conforme as ordens expedidas por meu marido, logo que tomou conta da presidência da província. (N. da A.) Antônio Fernandes Trigo de Loureiro (1863-19--?) nasceu em Recife, tendo sido juiz, desembargador e deputado estadual (Alencar, 1994).

<sup>69</sup> Bororo: povo indígena que dominava um vasto território, incluindo regiões da Bolívia e dos estados de Goiás, Mato Grosso (margens do Rio Xingu) e Mato Grosso do Sul (Rio Miranda). Possuíam, e ainda possuem, várias autodenominações, assim como várias denominações dos brancos, todas ligadas a regiões que os grupos habitavam ou a características específicas. Os bororos se autodenominam Boe, são falantes da língua boe wadáru, língua isolada enquadrada no tronco linguístico macro-jê, além do português, e atualmente detêm seis terras indígenas demarcadas no estado do Mato Grosso (Serpa, 2024). Os bororos-coroados eram habitantes das cabeceiras do Rio São Lourenço (MT). O termo “coroados” se originou do estilo de corte de cabelo usado por eles, raspado de forma circular no topo, lembrando uma coroa (Saint-Adolphe, 2014, p. 372).

A começar pelas cabeceiras de vários afluentes do S. Lourenço,<sup>70</sup> estendem-se por todo o vale desse rio.

Contou-nos o capitão Duarte<sup>71</sup> que, quando alguma criança daque-la tribo pega na mais insignificante folheta de ouro, os pais a fazem largar, dizendo que aquilo atrai desgraça.

“Foi por causa do *merire* (metal) que o *Braide* (inimigo) os perseguiu tanto”, assim dizem sempre os pais aos filhos.

Creio poder assegurar que a coleção dos *Bororós* está quase completa. Digo quase, porque falta uma esteira igual à dos *Guatós*, panelas como as dos *Paricis* e uma rede de pescar, aliás igual a uma pequena também deles.

Muitos daqueles enfeites pertenceram a índios dos quais meu marido e eu fomos padrinhos de batismo. Outros são distintivos de diversos chefes.

Entre eles está o arco e a *curuguga*<sup>72</sup> feita e usada pelo grande<sup>73</sup> ca-  
cique *Moguiocuri*,<sup>74</sup> do qual foi padrinho o Dr. Rodovalho Marcondes.<sup>75</sup>

O arco e o distintivo de *Bare* (médico)<sup>76</sup> pertenceram ao irmão mais velho do genial indiozinho de quem eu havia feito um filho idolatrado.<sup>77</sup>

---

<sup>70</sup> Rio do sudoeste do estado do Mato Grosso, de 380 km, que nasce no município de Poxoréu e deságua no Rio Paraguai (*Encyclopaedia Britannica*, c2025).

<sup>71</sup> Antonio José Duarte (18--?–1898), militar, natural de Cuiabá (Mendonça, 1971, p. 61). “Respeitado pelo Governo Imperial, foi responsável [...] por várias campanhas e incursões pelo interior do território do Mato Grosso com o projeto de organizar aldeamentos e missões indígenas” (Sartori, 2018, p. 43).

<sup>72</sup> Espécie de cocar feito de penas de gavião, que só os principais chefes podem usar. (N. da A.)

<sup>73</sup> Tão grande no agigantado da estatura quanto na influência e prestígio de que gozava entre os seus. (N. da A.)

<sup>74</sup> Não foram encontradas informações sobre essa pessoa em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

<sup>75</sup> Possivelmente Álvaro Rodovalho Marcondes dos Reis, (18--?–19--?) presidente da província do Mato Grosso de dezembro de 1886 a março de 1887 (Wikipédia, 7 abr. 2023).

<sup>76</sup> Bare ou bári é, entre os povos bororós, o xamã dos espíritos, muito respeitado na comunidade (Albissetti; Venturelli, 1962, v. 1, p. 115–116). Conforme Caldas (1899, p. 11), o bare é uma mistura de padre e médico.

<sup>77</sup> A autora está falando de Guido, o menino bororo que ela adotou. (N. do E.)

Entre os arcos de matadores de onça, está o do chefe *Laleba*,<sup>78</sup> afilhado do Dr. Galdino Pimentel.<sup>79</sup>

As flechas são incontestavelmente muito bonitas, e em todos os trabalhos se revela verdadeiro gosto artístico.

Lá estão os dous arcos que foram oferecidos ao capitão Duarte como penhor de paz e amizade.

Lá está a *Baragara*,<sup>80</sup> sem contestação, o mais interessante de todos os artefatos, pelo fim a que é destinada.

Ornamentada de penas, tem em uma das extremidades um pequeno osso de ponta muito aguda, com o qual furam o lábio inferior dos meninos recém-nascidos.

É o batismo destes.

Assim como, entre nós, veste-se a criança de branco para, na pia batismal, receber com os primeiros sacramentos o nome pelo qual tem de ser conhecida, do mesmo modo eles, os simpáticos selvagens, cobrem os filhos com belíssimas penas de garça, na grande cerimônia do seu poético, embora bárbaro, batismo.

Depois de untarem o corpinho da criança com uma espécie de visco, nele aplicam as penas tão alvas como a inocência, a que servem de símbolo e enfeite.

No alto da cabecinha, onde mais tarde cortam o cabelo à semelhança da coroa que os padres usam, arranjam penas mais altas e de cor diferente, preferindo sempre vermelhas e azuis.

Assim preparada e enquanto a mãe, lavada em pranto, soluça na palhoça, o pai, com ela nos braços e rodeado de todos os companheiros da aldeia, aguarda o clarear do dia no local de onde melhor possam ver o *meri ruto* (nascer do sol).

---

<sup>78</sup> Não foram encontradas informações sobre essa pessoa em fontes históricas confiáveis. (N. do E.)

<sup>79</sup> Possivelmente Joaquim Galdino Pimentel (18--?-19--?), presidente da província de Mato Grosso de novembro de 1885 a novembro de 1886 (Wikipédia, 26 fev. 2021).

<sup>80</sup> Ornamentada de penas, é uma espécie de prego para enfeitar o cabelo, assim como é usada em rituais de batismo, quando o instrumento possui na ponta um pequeno osso pontiagudo para furar o lábio inferior dos meninos recém-nascidos (Caldas, 1899, p. 15).

E ali ficam cantando, conservando um dos índios a *Baragara* na mão.

Quando começa a aparecer o radiante disco do majestoso astro, o *Bare* lança mão da *Baragara*, e com ela em punho põe-se a avançar e recuar várias vezes.

Com um grito pronuncia afinal um nome, ao furar o lábio da pobre criancinha!

É o nome que ela recebe, escolhido ao acaso.

De um pássaro...<sup>81</sup> da nuvem, da folha da palmeira que ao longe se avista, da estrela que desapareceu.

Da borboleta que adeja...

Do beija-flor, por exemplo!...

E os índios todos repetem o nome escolhido: "Piududo! Piududo!..."

E ainda "Piududo!" repetem os mais afastados.

Assim gritando sempre, chegam todos à palhoça da pobre mãe, que recebe nos braços o amado filhinho entre lágrimas e sorrisos!...

E assim foi batizado entre o seus o meu malsinado Piududo, cuja existência tão querida e tão curta só serviu para enlutar os dias que tive e tenho de viver, desde o fatal 26 de janeiro de 1892.

---

<sup>81</sup> *Tanrique* – Pássaro.  
*Bootugo* – Nuvem.  
*Matage* – Folha de árvore.  
*Apidaí* – Palmeira.  
*Cuieje* – Estrela.  
*Curutugo* – Borboleta.  
*Piududo* – Beija-flor. (N. da A.)

X

Pendente do pequenino orifício aberto pela *Baragara*, mais tarde usam eles o *ararorêu*, ornatozinho feito de concha, pena ou âmbar, conforme o gosto de cada um.

~

Ao finalizar esta brevíssima notícia, devo fazer a confissão de que, ao escrevê-la, não me dominou outro sentimento senão o que me podiam inspirar a incessante lembrança e a funda saudade do meu inolvidável e adorado Guido.

*Maria do Carmo de Mello Rego.*

26 de agosto de 1896.





## Bibliografia de Maria do Carmo Mello Rego

Artefatos indígenas do Matto Grosso. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 10, p. 175-184, 1897-1899. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

Curupira, lenda cuyabana. *Revista brazileira*, Rio de Janeiro, ano 1, tomo 4, p. 65-68, out./dez. 1895. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/139955/per139955\\_1895\\_00004.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/139955/per139955_1895_00004.pdf). Acesso em 16 out. 2025.<sup>1</sup>

*Escritos completos*. Cuiabá: IHGMT, 2002. 88 p. (Publicações Avulsas, 44.)

*Guido : paginas de dôr*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

*Lembranças de Matto Grosso*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1897.

Rosa, a bororó (episodio verdadeiro). *Revista Brazileira*, Rio de Janeiro, ano 1, tomo 2, p. 193-196, abr./jun. 1895. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/139955/per139955\\_1895\\_00002.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/139955/per139955_1895_00002.pdf). Acesso em: 10 mar. 2025.<sup>2</sup>

## Breve bibliografia sobre Maria do Carmo Mello Rego

ALENCAR, Adauto. Antônio Fernandes Trigo de Loureiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 52, p. 303-304, 1994. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/606>. Acesso em: 7 fev. 2025.

ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. Cibáe Modojebádo – a Rosa Bororo e a "pacificação" dos Bororo Coroados (1845-1887). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais* [...]. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542\\_7e3e1b62fdab9499934a5fd266053051.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542_7e3e1b62fdab9499934a5fd266053051.pdf). Acesso em: 7 mar. 2025.

<sup>1</sup> Crônica incluída na obra *Lembranças de Mato grosso*.

<sup>2</sup> Crônica incluída na obra *Lembranças de Mato grosso*.

ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. O ensino d(e) história indígena: o protagonismo de Cibaé Modojebádo pela Lei n. 11.645/08. In: *Diversidade étnico-racial e as tramas da escrita (livro eletrônico)*. São Paulo: Paruna, 2002. p. 180-196.

CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane. *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. [S.l.]: UFAL, 2006.

NADAF, Yasmin Jamil. A escrita de Maria do Carmo de Mello Rego, no século XIX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 55, p. 101-105, 1997. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/678/702>. Acesso em: 17 out. 2024.

NADAF, Yasmin Jamil. Maria do Carmo de Melo Rego. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. ed. Volume 1, p. 349-358.

NADAF, Yasmin Jamil. *Presença de mulher*. Ensaios. Rio de Janeiro: Lidor, 2004. 13op.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O retrato de um menino bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus: séculos XIX e XXI. *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Brasília, DF, n. 5, p. 36-59, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obra-e-atividades/revista-musas/revista-musas-n5>. Acesso em: 13 fev. 2025.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Portrait of a young Indian Gentleman : recontextualizing ethnic objects and images of the colonized. *Civilisations: Revue Internationale d'Anthropologie et de Sciences Humaines*, Bruxelas, v. 52, n. 2, p. 105-125, 1 jun. 2005. Disponível em: <http://civilisations.revues.org/761>. Acesso em 20 out. 2025.

OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de. Prefácio. In: SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. *Memórias de uma mulher viajante do século XIX*: Maria do Carmo de Mello Rego. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. p. 15-20.

RANDAZZO, Vera. Maria do Carmo de Mello Rego. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 57, p. 44-50, 1999. Disponível em: <http://54.173.5.2/index.php/revistaihgmt/article/view/479/483>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. *Maria do Carmo de Mello Rego: diário de uma mulher viajante do século XIX, a memória perpetuada na palavra escrita*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1059160>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. *Memórias de uma mulher viajante do século XIX: Maria do Carmo de Mello Rego*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. O livro do tenente alemão. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas (SP), v. 32, n. 178, 2000. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/noticiabibliohist/issue/view/1088>. Acesso em 20 out. 2025.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Mulheres em revista - a contribuição feminina nas revistas do CML e da AML (1921-2021). *Revista ALERE*, Cuiabá, v. 29, n. 1, p. 19-70, 2024.

TONIAZZO, Carmen Lúcia. *Lembranças de mato grosso sob um olhar feminino: um estudo filológico*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - MeEL, Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2011.

TRAPIÁ, Sheyla Pinto. *Os indígenas e a fotografia no Brasil: dos gabinetes científicos aos cartões-postais (1844-1916)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2024.

XAVIER, Ana Paula da Silva. De selvagem a educado: trajetória educacional de criança indígena no final do século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais [...]*. 2011. Vitória: CBHE, 2011. Disponível em: <https://sbhe.org.br/anais-sbhe/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

XAVIER, Ana Paula da Silva. *Processos educativos da infância em Cuiabá (1870-1890)*. 2012. Tese (Doutorado em Educação – Conhecimento e Inclusão Social) -- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-92XR4H>. Acesso em: 8 jan. 2025.



## Fontes consultadas

A PROVÍNCIA DE MATTO GROSSO: periodico litterario noticioso e dedicado aos interesses da provincia. Cuiabá: Typographia de Joaquim José Rodrigues Calhão, anno I, n. 6, 9 fev. 1879. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=234869&pagfis=1>. Acesso em: 17 out. 2024.

ABRANCHES, Dunshee de. *Governos e congressos da Republica dos Estados Unidos do Brazil*: apontamentos biographicos sobre todos os Presidentes e Vice-Presidentes da Republica, Ministros de Estado e Senadores e Deputados ao Congresso Nacional: 1889-1917. São Paulo: M. Abranches, 1918. v. 1. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/36459>. Acesso em: 19 nov. 2024.

AGUIAR, José Vicente de Souza; OLIVEIRA, Kelly Almeida de; NASCIMENTO, Izaura Rodrigues do. O pensamento étnico-racial: o saber científico, as normas legais e a educação. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, e2219318, 2022. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-43092022000100420&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092022000100420&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 mar. 2025.

ALBISSETTI, César; VENTURELLI, Ângelo Jayme. *Enciclopédia Bororo*: vocabulário e etnografia. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962. v. 1. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:albisetti-1962-encyclopedia>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ALENCAR, Adauto. Antônio Fernandes Trigo de Loureiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 52, p. 303-304, 1994. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/606>. Acesso em: 7 fev. 2025.

ALMEIDA, Fabio Junior de. *Fortaleza imaginária: a construção do patrimônio cultural pelos diferentes discursos sobre o Forte de Coimbra e seu contexto histórico paisagístico*. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ALMEIDA\\_Fabio-Dissertacao\\_Mestrado.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ALMEIDA_Fabio-Dissertacao_Mestrado.pdf). Acesso em: 27 fev. 2025.

ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. Cibáe Modojebádo – a Rosa Bororo e a “pacificação” dos Bororo Coroado (1845-1887). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais* [...]. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542\\_7e3e1b62fdab9499934a5fd266053051.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542_7e3e1b62fdab9499934a5fd266053051.pdf). Acesso em: 7 mar. 2025.

ALVES, Alecy. Comandante da polícia militar recebe título de ‘Amigo do 44º Batalhão do Exército’. In: Secom-MT. *Notícias*. Cuiabá: Secom, 2016. Disponível em: <https://www.detran.mt.gov.br/web/mt/w/4812646-comandante-da-policia-militar-recebe-titulo-de-amigo-do-44-batalhao-do-exercito->. Acesso em: 28 mar. 2025.

ALVES, Ubiratã Nascentes. *Cuiabá 300 anos: evolução histórica, temas críticos, vultos notáveis*. 3. ed., rev. e ampl. Cuiabá: Paruna, 2022. 239 p.

APA-Baía Negra. [S.l.: s.n, 201-?]. Disponível em: <https://apabaianegra.eco.br/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1968. v. 5.

BALDUS, Herbert. Prefácio: a obra de Karl von den Steinen. In: STEINEN, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940. p. 5-9. Disponível em: <https://archive.org/details/Steinen1940Entre>. Acesso em: 17 jan. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Dinheiro no Brasil*. 2. ed. Brasília: BCB, 2004. 36 p. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/Cartilha\\_Dinheiro\\_no\\_Brasil.pdf](https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/Cartilha_Dinheiro_no_Brasil.pdf). Acesso em: 4 dez. 2024.

BARMAN, Roderick J. Dilemas de um príncipe consorte. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 9, n. 97, p. 16-45, out. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160806140058/http://revistadehistoria.com.br/secao/capa/dilemas-de-um-principe-consorte>. Acesso em: 5 dez. 2024.

BARRETO, Neila. O Rio Coxipó: abrace a sua recuperação. *Diário de Cuiabá*, Cuiabá, 26 ago. 2024. Disponível em: <https://www.diariodecuiaba.com.br/artigo/o-rio-coxipo-abrace-a-sua-recuperacao/689036>. Acesso em: 14 fev. 2025.

BARROS, Edir Pina de. Bakairi. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. [S.I.]: ISA, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bakairi>. Acesso em: 13 jan. 2025.

*BIBLIOTECA Digital Curt Nimuendajú: línguas e culturas indígenas sul-americanas.* Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

BITTENCOURT, Circe (org.). *Dicionário de datas da história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. 303 p.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. [Rio de Janeiro]: Conselho Federal de Cultura, 1970. v. 5, letras Jo-Ly. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5450>. Acesso em: 10 out. 2024.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. *Catálogo biográfico dos senadores brasileiros: de 1826 a 1986*. Brasília, DF: Senado Federal, Centro Gráfico, 1986. v. 4. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/546804>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. *Relatório do Presidente do Senado Federal para ser apresentado na sessão ordinária de 1900*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. 150 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242567>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BRASIL Escola. Goiânia: Rede Omnia, c2025. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/>. Acesso em: dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército. Marco do Jauru. In: BRASIL. Ministério da Defesa. Exército. *Operações e exercícios*. Brasília, DF: Exército Brasileiro, 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090614070515/http://www.exercito.gov.br/o3ativid/operacoes/jauru/indice.htm#>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CÁCERES – Fazenda Descalvados. São Paulo: Ipatrimônio, [20--?]. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/caceres-fazenda-descalvados/#/map=38329&loc=-16.73356200000003,-57.749295,17>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CÁCERES: tentativa de montar uma colônia belga. São Paulo: Patrimônio belga no Brasil, [20--?]. Disponível em: <https://www.belgianclub.com.br/pt-br/c%C3%A1ceres-tentativa-de-montar-uma-col%C3%BAnia-belga>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CALDAS, José Augusto. *Vocabulario da lingua indigena dos borórós-corôados*. Cuyabá: Typ. d'O Matto-grosso, 1899. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2895>. Acesso em: 16 out. 2024.

CARVALHO, Luana Rodrigues de; ANDRADE, Leila Nalis Paiva da Silva; SOUZA, Celia Alves de. Percepção ambiental dos moradores da bacia hidrográfica do Rio Tapaiuna, Nova Canaã do Norte, Mato Grosso. *Revista de Geografia*, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 92-109, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/242942>. Acesso em: 31 jan. 2025.

CENTRO DE HIDROGRAFIA DA MARINHA (Brasil). De Assunção a Cáceres e Canal Tamengo. *Aviso aos navegantes: hidrovia Paraguai-Paraná*, Niterói, n. 11, nov. 2012. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/chm/sites/www.marinha.mil.br.chm/files/hidrovia-paraguai/par112012.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

COMETTI, Pedro, 1918-1998. Dom Carlos Luís D'Amour. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 52, p. 308-311, 1994. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/608/631>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CORRÊA, Lúcia Salsa. Fogo na mata e a história ambiental. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. *Artigos*. Campo Grande: IHGMS, 2021. Disponível em: <https://ihgms.org.br/artigos/fogo-na-mata-e-a-historia-ambiental-25>. Acesso em: 10 out. 2024.

O DEBATE. Cuyabá: Partido Republicano Conservador, edição 386, 15 jan. 1913. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765660&pesq=Uacurutuba&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1054>. Acesso em: 20 fev. 2025.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [S.l.]: Priberam Informática, c2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 2025.

EL PEQUEÑO Larousse ilustrado. Barcelona: Larousse Editorial, c2006. 1824 p.

ENCYCLOPAEDIA Britannica. Chicago: Britannica, c2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/chatbot>. Acesso em: 2025.

FALLECIMENTOS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, anno 9, n. 3025, p. 3, 28 out. 1909. Disponível em: [http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842\\_01/21248](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_01/21248). Acesso em: 26 mar. 2025.

FERRAZ, Alexia. *Rios do pantanal*: Rio Cuiabá. Campo Grande, MS: Instituto Socioambiental da Bacia do Alto Paraguai SOS Pantanal, 2022. Disponível em: <https://sospantanal.org.br/rios-do-pantanal-rio-cuiaba/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1517 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1996]. 1838 p.

FIGUEIROA, Gustavo; ESCOBAR, Anahi Cerzósimo de Souza. *Rios do pantanal: Rio Paraguai*. Campo Grande, MS: Instituto Socioambiental da Bacia do Alto Paraguai SOS Pantanal, 2022. Disponível em: <https://sospantan.org.br/rios-do-pantanal-rio-paraguai/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

GALVÃO, Miguel Arcanjo, 1821-1903. *Relação dos cidadãos que tomaram parte no governo do Brasil no período de março de 1808 a 15 de novembro de 1889*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1894. 149 p., 24 cm. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179478>. Acesso em: 16 out. 2024.

GIMENES, Marcos. *A história da cidade de Porto Murtinho contada pela Festa do Touro Candil*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Porto Murtinho, 2017. Disponível em: <https://faeng.ufms.br/files/2017/09/A-hist%C3%B3ria-da-cidade-de-Porto-Murtinho-contada-pela-festa-do-touro-Candil.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

GLOSSÁRIO de saúde. São Paulo: Einstein, © 2012-2025. Disponível em: <https://www.einstein.br/doencassintomas>. Acesso em: 20 jan. 2025.

GRANDE encyclopédia Delta Larousse. rev. e atual. Rio de Janeiro: Delta, 1974. v. 1.

GUERRA do Paraguai. Brasília, DF: Senado Federal, Arquivo, [20--?]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/arquivo/documentos-apenas/guerra-do-paraguai>. Acesso em: 3 out. 2024.

GUIMARÃES, Ruth. 2. ed. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Madamu, 363 p.

HAAS, Richard. *Vogel, Peter Johann*. In: NEUE Deutsche Biographie. [S.l.: s.n.], 2020. v. 27. Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd117464090.html#ndbcontent>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HISTÓRIA de Cáceres. In: COMANDO DE FRONTEIRA JAURU/66º. Cáceres: C Fron JAURU/66º BIMtz, c2021. Disponível em: [https://66bimtz.eb.mil.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=102:historia-de-caceres&catid=61&Itemid=267](https://66bimtz.eb.mil.br/index.php?option=com_content&view=article&id=102:historia-de-caceres&catid=61&Itemid=267). Acesso em: 16 out. 2024.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. reimpr. com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. LXXXIII, 2922 p.

IBGE. *Biblioteca IBGE*. Rio de Janeiro: IBGE, c2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2025.

IBGE. *Cartas e mapas*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: [https://geoftp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_para\\_fins\\_de\\_levantamentos\\_estatisticos/censo\\_demografico\\_2010/mapas\\_municipais\\_estatisticos/mt/gaucha\\_do\\_norte\\_v2.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/mt/gaucha_do_norte_v2.pdf). Acesso em: 13 jan. 2025.

IBGE. *Cidades e estados do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, c2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2024-2025.

INSTITUTO EVANDRO CHAGAS (Brasil). *Cuidados com a febre tifoide*. Belém: IEC, [20--?]. Disponível em: <https://www.gov.br/iec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/folders-sobre-doencas/folder-da-febre-tifoide-1.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. [S.l.: ISA, 2024]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/>. Acesso em: 2024-2025.

JUCÁ, Pedro Rocha. Lendas que enriqueceram nossa história. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 51, p. 62-69, 1993. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/570>. Acesso em: 21 fev. 2025.

KRUG, Clara. Fórum Humboldt – um centro de esclarecimento. *Deutschland.de.*, Frankfurt, 13 abr. 2023. Seção Artes e Arquitetura. Disponível em: <https://www.deutschland.de/pt-br/topic/cultura/arte-e-proveniencia-na-alemanha-i-o-forum-humboldt>. Acesso em: 19 fev. 2025.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. Terena. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. [S.l.]: ISA, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>. Acesso em: 24 fev. 2025.

LAGO, Pedro Corrêa do; LAGO, Bia Corrêa do. *Coleção princesa Isabel*: fotografia do século XIX. Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2008. 431 p.

LASSERRE, Dorothée Duprat de. *Memórias de Dorothée Duprat de Lasserre*: relato de uma prisioneira na Guerra do Paraguai (1870). São Paulo: Chão Editora, 2023. Disponível em: <https://chaoeditora.com.br/livros/memorias-de-dorothee-duprat-de-lasserre/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

LAURINO, Ângela Antonieta Athanázio. Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e São Francisco de Paula do Iguaçemi. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. *Artigos*. Campo Grande: IHGMS, 2021. Disponível em: <https://ihgms.org.br/artigos/praca-de-nossa-senhora-dos-prazeres-e-sao-francisco-de-paula-do-iguateemi-27>. Acesso em: 5 fev. 2025.

LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012. 243 p. (Edições do Senado Federal, v. 158). Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/568037>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MENDONÇA, Rubens de. *Dicionário biográfico mato-grossense*. 2. ed. Goiânia: Ed. Rio Bonito, 1971. 165 p. Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=1NoqtHIL9Ki4tjTl4elTowMw\\_6e2t6dkG](https://drive.google.com/open?id=1NoqtHIL9Ki4tjTl4elTowMw_6e2t6dkG). Acesso em: 17 out. 2024.

MERCURI, Isabela. Minhoca do Pari, Negrinho D'Água, Procissão das Almas: conheça as 'lendas urbanas' de Cuiabá. *Olharconceito*. Cuiabá, 7 abr. 2017. Disponível em: <https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=13009&noticia=minhocao-do-pari-negrinho-dagua-procissao-das-almas-conheca-as-lendas-urbanas-de-cuiaba>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MILHOMEN, Wolney. *O humanista Vítor Meireles*. Porto Alegre: Flama, 1972. 114 p.

MILLER, Joana. Nambikwara. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. [S.l.]: ISA, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara>. Acesso em: 8 jan. 2025.

MORSBACH, Th. Estudos sobre o clima da província de Matto Grosso: novos dados metereológicos. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 15, anno 8, ns. 1 a 3, 1888, p. 241-257. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=008567&pagfis=132649>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MUSEU NACIONAL (Brasil). *O museu*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, c2024. Disponível em: <https://museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>. Acesso em: 27 dez. 2024.

NADAF, Yasmin Jamil. A escrita de Maria do Carmo de Mello Rego, no século XIX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 55, p. 101-105, 1997. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/678/702>. Acesso em: 17 out. 2024.

NOGUEIRA, Octaciano; FIRMO, João Sereno. *Parlamentares do Império*. Brasília, DF: Senado Federal, 1973. v. 1. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/36461>. Acesso em: 29 nov. 2024.

NOVA encyclopédia Barsa. São Paulo: Barsa Consultoria Editorial, 2001. v. 11.

O MATTO-GROSSO. Cuyabá: Partido Republicano Matto-grossense, edição 1519, 31 out. 1918. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=716189&pesq=Uacurutuba&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2795>. Acesso em: 20 fev. 2025.

O MATTO-GROSSO. Cuyabá: Partido Republicano Matto-grossense, edição 1637, 11 jan. 1920. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=716189&pesq=Uacurutuba&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3267>. Acesso em: 20 fev. 2025.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O retrato de um menino bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus: séculos XIX e XXI. *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Brasília, DF, n. 5, p. 36-59, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obra-e-atividades/revista-musas/revista-musas-n5>. Acesso em: 13 fev. 2025.

OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de. Prefácio. In: SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. *Memórias de uma mulher viajante do século XIX: Maria do Carmo de Mello Rego*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. p. 15-20.

PAES, João. História: Usina Aricá (Santo Antônio do Leverger/MT). *Blog jpaes.com*. Chapada dos Guimarães, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://jpaes.com/home/f/%F0%9F%93%9Dhist%C3%B3ria-usina-aric%C3%A1-santo-ant%C3%B4nio-do-levergermt>. Acesso em: 19 fev. 2025.

PARAGUAY. Presidencia de la República. *El palacio: historia*. Asunción: Presidencia de la República, s.d. Disponível em: <https://www.presidencia.gov.py/index.php/paraguay/historia>. Acesso em: 14 fev. 2025.

PAUL Ehrenreich: o olhar de um etnógrafo do séc. XIX. In: INDÍGENAS na fotografia brasileira. *Fotógrafos*. [S.l.: s.n.], c2013. Disponível em: <https://indigenasnafotografiabrasileira.org/paul-ehrenreich/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

PETSCHELIES, Erik. *As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/tese:petschelies-2019>. Acesso em: 10 out. 2024.

PETSCHELIES, Erik. O decano da etnografia sul-americana: vida e obra de Karl von den Steinen. In: BÉROSE: encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie. Paris: CNRS, 2021. Disponível em: <https://www.berose.fr/article2527.html>. Acesso em: 14 fev. 2025.

PRATESE, Riccardo. Guido da Cortona, beato. In: *ENCICLOPEDIA cattolica*. Vaticano: Ente per L'Enciclopedia cattolica, 1948. v. 6, p. 1291.

RANDAZZO, Vera. Maria do Carmo de Mello Rego. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 57, p. 44-50, 1999. Disponível em: <http://54.173.5.2/index.php/revistaihgmt/article/view/479/483>. Acesso em: 22 nov. 2024.

REGO, Francisco Rafael de Mello. *Rebellião praeira*: pagina de occasião. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1899. 240 p., 19 cm. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/182930>. Acesso em: 16 out. 2024.

REGO, Maria do Carmo Mello. Rosa, a boróró (episodio verdadeiro). *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, primeiro anno, t. II, p. 193-196, abr.-jun. 1895. Disponível em: [https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/139955/per139955\\_1895\\_00002.pdf](https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/139955/per139955_1895_00002.pdf). Acesso em: 10 mar. 2025.

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS (1921-2016): 95 anos da Academia Mato-Grossense de Letras. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2016. Edição comemorativa. Disponível em: <https://academiamtdeletras.com.br/images/pdf/revistaAML-2016-95anos.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

RICCO, Daniele. Praias extintas do Rio de Janeiro. *Blog Viajando na história do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 4 maio 2021. Disponível em: <https://www.viajandopelhistoriadorjaneiro.com/post/praias-extintas-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 21 nov. 2024.

RUA 13 de junho: uma trajetória de nomes e de histórias cuiabanas. *Almanaque News*: portal do almanaque Cuyabá de cultura popular. Cuiabá, 19 dez. 2024. Disponível em: <https://almanaquecuiaba.com.br/rua-13-de-junho/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SAGRADAÇÃO e coroação de D. Pedro II em 18 de julho de 1841. In: MUSEU IMPERIAL (Brasil). *Acervo Museológico*. Petrópolis: Secretaria Especial da Cultura, 2024. Disponível em: <http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/10239>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do império do Brasil*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Económica Aplicada, 2014. v. 1. (Coleção Mineiriana. Clássicos). Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/14602/1/dicionario\\_geografico\\_historico\\_e\\_descritivo\\_do\\_imperio\\_do\\_brasil\\_v\\_1.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/14602/1/dicionario_geografico_historico_e_descritivo_do_imperio_do_brasil_v_1.pdf). Acesso em: 15 out. 2024.

SAMBAQUIS. In: MUSEU NACIONAL (Brasil). Rio de Janeiro: Museu Nacional, c2025. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/sambaquis.html>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SANTOS, Teresa. Varíola: a única doença humana erradicada no planeta. In: MUSEU DA VIDA FIOCRUZ. Invivo. [S.I.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/saude/variola-erradicacao/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. *Maria do Carmo de Mello Rego*: diário de uma mulher viajante do século XIX, a memória perpetuada na palavra escrita. 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1059160>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. *Memórias de uma mulher viajante do século XIX: Maria do Carmo de Mello Rego*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.

SCHMIDT, M. V. C. *Etnosilvicultura Kaiabi no Parque Indígena do Xingu: subsídios ao manejo dos recursos florestais*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/CJToooo05.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2024.

SEMINÁRIO da Conceição. In: MAPAS MT. *Espaços*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso, [20--?]. Disponível em: <https://mapas.mt.gov.br/espaco/42/#info>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SENA, Consuelo Pondé de. D. Pero Fernandes Sardinha, o polêmico bispo de Salvador. In: HISTÓRIA de Alagoas. Maceió, 24 jul. 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/d-pero-fernandes-sardinha-o-polemico-bispo-de-salvador.html>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SERPA, Paulo. Boe (Bororo). In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. [S.I.]: ISA, 2024. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, Geovany Jessé Alexandre da. *Parque linear da Prainha, Cuiabá-MT: uma ruptura de paradigmas na intervenção urbana*. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. História da fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso. In: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. *Literatura mato-grossense*. Cuiabá: UNEMAT, [19--?]. Disponível em: [https://www2.unemat.br/literaturamt/Arquivos/Instituto%20Hist%F3rico%20e%20Geogr%E1fico%20de%20Mato%20Grosso/Hist%F3ria%20da%20Funda%E7%E3o%20do%20Instituto/doc](https://www2.unemat.br/literaturamt/Arquivos/Instituto%20Hist%F3rico%20e%20Geogr%E1fico%20de%20Mato%20Grosso/Hist%F3ria%20da%20Funda%E7%E3o%20do%20Instituto/Hist%F3ria%20da%20Funda%E7%E3o%20do%20Instituto.doc). Acesso em: 10 out. 2024.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Dicionário biográfico mato-grossense: período colonial: 1524-1822*. Mato Grosso: Carlini Caniato, 2005. 264 p.
- SILVA-GOMES, Antonio Almir. Sanapaná: um povo indígena paraguaio. *Sínteses*, v. 14, p. 360-385, 2009. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/1234>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA HOSPITAL ALBERT EINSTEIN. *Glossário de saúde*. São Paulo: Einstein, © 2012-2025. Disponível em: <https://www.einstein.br/doencas-sintomas>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- SOUZA, Marcela Coelho de; DRUDE, Sebastian. Aweti. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. [S.I.]: ISA, 2024. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Aweti>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- STEINEN, Karl Von Den. *Entre os aborígines do Brasil central*. São Paulo: Departamento de Cultura [do Estado], 1940. 713 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/666361>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- TRAPIÁ, Sheyla Pinto. *Curumins no estúdio fotográfico: identidade, estúdio fotográfico, impressão e circulação (1888-1910)*. 2021. Monografia (Licenciatura em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34763/1/TCC%202021.2%20TRAPIA%20FINAL.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 752 p.
- VALEC ENGENHARIA, CONSTRUÇÕES E FERROVIAS S.A. *Relatório final: volume 2.2: estudos de inserção ambiental*. Brasília, DF: Valec, 2014. Disponível em: <https://portal.valec.gov.br/download/GEPROG/EVTEA/2013/EVTEA-LucasdoRioVerde-Vilhena/Volume%202.2%20-%20Estudos%20de%20Inserção%20Ambiental.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- VAPOR Antônio João. In: PODER Naval. Navios de guerra brasileiros. [S.I.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://www.naval.com.br/ngb/A/Ao81/Ao81.htm>. Acesso em: 20 fev. 2025.

VAPOR Coxipó. *In: PODER Naval. Navios de guerra brasileiros.* [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://www.naval.com.br/ngb/C/C110/C110.htm>. Acesso em: 25 fev. 2025.

VERSWIJVER, Gustaaf; GORDON, Cesar. Mẽbengôkre Kayapó. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil.* [S.l.]: ISA, 2024. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre\\_\(Kayap%C3%B3\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%AAng%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3)). Acesso em: 2024-2025.

WANDERLEY, Andrea C. T. O prefeito Pereira Passos (1836-1913) e o fotógrafo Augusto Malta (1864-957). In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Brasiliana fotográfica.* [Rio de Janeiro: BN], 2017. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=7566>. Acesso em: 21 nov. 2024.

WIKIPÉDIA: a encyclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia, 2024]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal). Acesso: 2024-2025.

WIKIPEDIA: la enciclopedia libre. [San Francisco, CA: Fundación Wikimedia, 2024]. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Portada>. Acesso em: 2024-2025.

WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2024]. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Main\\_Page](https://en.wikipedia.org/wiki/Main_Page). Acesso em: 2024-2025.

XAVIER, Ana Paula da Silva. De selvagem a educado: trajetória educacional de criança indígena no final do século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais [...].* 2011. Vitória: CBHE, 2011. Disponível em: <https://sbhe.org.br/anais-sbhe/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

XAVIER, Ana Paula da Silva. *Processos educativos da infância em Cuiabá (1870-1890).* 2012. Tese (Doutorado em Educação – Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-92XR4H>. Acesso em: 8 jan. 2025.

ESCRITOS  
RAS

do

BRA  
SCI

## Coleção Escritoras do Brasil

Esta coleção, iniciada em 2018, foi idealizada e tem a curadoria da Biblioteca do Senado Federal

### Títulos publicados:

- v. 1** **A mulher moderna**  
*Josefina Álvares de Azevedo*
- v. 2** **Ânsia eterna**  
*Júlia Lopes de Almeida*
- v. 3** **Opúsculo humanitário**  
*Nísia Floresta*
- v. 4** **Mármore**  
*Francisca Júlia da Silva*
- v. 5** **A judia Raquel**  
*Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz*
- v. 6** **Cancros sociais**  
*Maria Ribeiro*
- v. 7** **Um drama na roça**  
*Carmen Dolores*
- v. 8** **Dálias**  
*Auta de Souza*
- v. 9** **A infanta Carlota Joaquina**  
*Chrysanthème*
- v. 10** **Cantigas das crianças e do povo e danças populares**  
*Alexina de Magalhães Pinto*
- v. 11** **Aventuras de Diófanes**  
*Theresa Margarida da Silva e Orta*
- v. 12** **Obra reunida**  
*Maria do Carmo de Mello Rego*

Coleção Escritoras do Brasil  
Biblioteca do Senado Federal  
escritorasdobrasil@senado.leg.br

## COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

*Coordenação:* Biblioteca do Senado Federal – COBIB/SGIDOC

*Comissão editorial:* Alessandra Marinho da Silva, André Luiz Lopes de Alcântara, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Rizzo Soares, Osmar Arouck e Stella Maria Vaz Valadares Chervenski

### Volume 12 ~ Obra reunida · Maria do Carmo de Mello Rego

*Supervisão editorial:* Alessandra Marinho da Silva, André Luiz Lopes de Alcântara, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Rizzo Soares e Osmar Arouck.

*Capa, projeto gráfico e diagramação:* Gilmar Rodrigues Soares

*Revisão textual:* Mariana Sanmartin de Mello

*Revisão técnica:* Bárbara Guilhermina Cardoso Tavares.

*Ilustração de capa:* Marcos Alves de Oliveira

### SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES (SEGRAF)

*Diretor:* Rafael André Vaz Chervenski

*Coordenação de Pré-Impressão:* Tatiana Nassif Derze

*Serviço de Formatação e Programação Visual:* Eduardo Franco, Leonardo Matoso e Rodrigo Ribeiro

*Serviço de Revisão:* Marco Aurélio Couto e Mariana Sanmartin

*Serviço de Controle da Pré-Impressão:* Claudio Portella e Moisés Nazário

A produção literária de Maria do Carmo de Mello Rego está em domínio público, conforme a Lei brasileira nº 9.610/1998 e a Lei uruguai nº 9.739/1937.

A presente edição compõe-se de três obras da autora uruguaya publicadas no Brasil: *Guido*, originalmente publicado em 1895 e *Lembranças de Matto Grosso*, em 1897, ambas pela Typographia Leuzinger (Rio de Janeiro), e *Artefactos indígenas de Matto Grosso*, texto publicado em 1899 no periódico Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 10 (1897-1899). As obras *Guido* e *Artefactos...* foram disponibilizadas pela Biblioteca Nacional; *Lembranças...* foi baixada do site Internet Archive.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também na Biblioteca Digital do Senado Federal– BDSF.

Rego, Maria do Carmo de Mello.

Obra reunida / Maria do Carmo de Mello Rego ; apresentação Maria Ester de Siqueira Rosin Sartori ; notas Alessandra Marinho da Silva, André Luiz Lopes de Alcântara, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares. -- Brasília : Senado Federal, 2025.

165 p. — (Coleção escritoras do Brasil ; v. 12).

Inclui notas explicativas, bibliográficas e bibliografia.

ISBN: 978-65-5676-690-4

1. História, Mato Grosso. 2. Etnografia, Mato Grosso. 3. Cultura indígena, Mato Grosso. 1. Título. II. Série.

CDD 981.72

Ficha catalográfica preparada por Alessandra Marinho da Silva CRB-1 2102





# ESCRITORAS do BRASIL

A Coleção Escritoras do Brasil busca divulgar o trabalho intelectual das escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa preencher uma enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários.

As versões digitais das obras da Coleção Escritoras do Brasil estão disponíveis, para download gratuito, na Biblioteca Digital do Senado Federal ([BDSF](#)) e na página da Livraria do Senado.

Baixe  
gratuitamente

